

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

FABIA PEREIRA DA SILVA

A ORGANIZAÇÃO PROSÓDICA DO YAATHE, A LÍNGUA DO POVO FULNI-Ô

MACEIÓ

2016

FABIA PEREIRA DA SILVA

A ORGANIZAÇÃO PROSÓDICA DO YAATHE, A LÍNGUA DO POVO FULNI-Ô

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Januacele da Costa (UFAL)

Coorientadora: Profa. Dra. Stella Telles (UFPE)

MACEIÓ

2016

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

S586o

Silva, Fabia Pereira da.

A organização prosódica da yaathe, a língua do povo fulni-ô / Fabia Pereira da Silva. – 2016.
189 f. : il.

Orientador: Januacele da Costa.

Coorientadora: Stella Telles.

Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas.
Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística.
Maceió, 2016.

Bibliografia: f. 186-189.

1. Línguas indígenas. 2. Yaathe. 3. Índios da América do Sul – Brasil – Línguas. 4. Fonologia prosódica. 5. Palavra fonológica. 6. Hierarquia prosódica. I. Título.

CDU: 809.8



UFAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA



PPGLL

TERMO DE APROVAÇÃO

FÁBIA PEREIRA DA SILVA

Título do trabalho: "ASPECTOS DA ORGANIZAÇÃO PROSÓDICA DO YAATHE, A LÍNGUA DO POVO FULNI-Ô"

Tese aprovada como requisito para obtenção do grau de DOUTORA em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Prof.ª Dra. Januacele Francisca da Costa (PPGLL/Ufal)

Examinadores:

Prof. Dr. Aldir Santos de Paula (PPGLL/Ufal)

Prof. Dr. Miguel José Alves de Oliveira Júnior (PPGLL/Ufal)

Prof.ª Dra. Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima (PPGL/UFPE)

Prof.ª Dra. Maria das Dores de Oliveira (Funai/BA)

Maceió, 23 de fevereiro de 2016.

A duas pessoas muito importantes na minha vida e nesse processo: minha mãe, Maria José, pela bondade, paciência, amor e apoio incondicional em todos os momentos; tia Celsa, tia por adoção, por me incentivar e abrir as portas para que eu entrasse no mundo acadêmico;

A Maria Alcena e Arani Marques, mulheres Fulni-ô, pessoas muito queridas, pela importância que elas tiveram na minha vida e pela valiosa colaboração neste trabalho (in memoriam).

*“Yasa setso dodwa sato yaadetowa Fulni-ô sato ke fetfemã
Kexatkha de:
_ Tohe ufa sandowa?
Nema tha neka:
_ Senenkya Dmanedwa.”*

Agradecimentos

A Deus (Eedjadwa), em primeiro lugar, por ter me dado a oportunidade de trilhar esse caminho e por ter me dado a força necessária nos momentos mais tortuosos dessa caminhada.

À Escola João Rodrigues Cardoso, em Águas Belas -PE, responsável por toda a minha formação básica.

À Faculdade de Letras, por ter sido minha segunda casa em todos esses anos de estudos, e ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da UFAL, por garantir as condições primordiais para que este trabalho se desenvolvesse. De modo especial, agradeço aos professores Miguel Oliveira Jr., Aldir Santos de Paula, Núbia Faria, Telma Magalhães e Januacele da Costa, pelos conhecimentos compartilhados durante o curso de doutorado. Aos funcionários e técnicos da secretaria e da biblioteca, pelo atendimento sempre cordial e eficiente. De modo especial, a Judson Leão e Inês Peil pelo carinho dispensado.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por financiar em parte esta pesquisa.

À Profa. Januacele da Costa, pela inestimável orientação desde a graduação, encaminhando-me para a pesquisa com as línguas indígenas, de modo particular para a pesquisa com o Yaathe, e pelo tempo e paciência dedicados a este e tantos outros trabalhos que dizem respeito ao povo e à língua Yaathe. Meus sinceros agradecimentos e gratidão.

À professora Stella Telles, pela contribuição a este trabalho como coorientadora e pela contribuição ao estudo das línguas indígenas brasileiras.

Aos professores Aldir Santos de Paula, Miguel Oliveira Jr. e Maria Pankararu, pelas observações e discussões valiosas.

Ao grupo de estudos em Fonética e Fonologia, FonUFAL, agradeço pelas discussões vivenciadas de forma tão enriquecedora, de modo especial ao professor Miguel Oliveira Jr., pelo empenho necessário ao bom andamento das atividades do grupo, com quem venho aprendendo muito. À professora Luciana Lucente, pelas observações feitas durante as minhas apresentações e ajuda essencial, e a cada membro que integra o grupo, por compartilharmos tanto momentos de discussão acadêmica quanto momentos de descontração. De modo especial, agradeço aos amigos mais próximos da área de pesquisa que sempre se fizeram presentes, compartilhando seus conhecimentos, anseios, dúvidas, alegrias e conquistas ao longo desses anos: Eronilma Barbosa, Eliane Barbosa, Jeylla Salomé, Ana Maria, Maraísa Espíndola, Priscila Rufino, Jair Barbosa, Luzia Payão, Adriana Tibana, Musiliyu Oyedeji,

Ayane Santos e Alan René. A minha amiga Sílvia Mota, colega dos tempos de mestrado, pela amizade constante.

Aos meus colegas professores da UFAL *Campus* Sertão, pelo apoio e compreensão durante vários momentos desta caminhada. De modo especial, agradeço ao amigo Cezar Neri, por ter me acolhido no *Campus* de forma muito gentil. Aos meus alunos do curso de Letras, agradeço pelos momentos de partilha de conhecimento e por me fazerem crescer a cada discussão.

Ao povo Fulni-ô, meus agradecimentos mais que especiais. A Alexandre Pereira dos Santos (tio Lalão) e família, por me acolherem e serem a minha segunda família. A Ivolene e a Risolene, pelo carinho e apoio de sempre, por me ouvirem e aconselharem nos momentos mais difíceis deste processo. As minhas queridas D. Sebastiana, tia Eulina, tia Iaponira, pessoas que admiro e considero e que sempre se fazem presentes na minha vida. Ao Cacique João Francisco dos Santos Filho e ao Pajé Gildiere Ribeiro Pereira, pelo indispensável apoio ao meu trabalho, e, pelo mesmo motivo, ao saudoso pajé Cláudio Pereira Jr. (*in memoriam*).

Aos participantes desta pesquisa: Cícero de Brito, Hamilton Ribeiro, Tayti Amorim, Elvis Ferreira, Ivolene Pereira, Maria Alcena (*in memoriam*) e Arani Marques (*in memoriam*), Antônio Jorge, Ivanilde e Lenimeile, pelas contribuições indispensáveis a este trabalho. Aos professores de Yaathe, pelo apoio a este e a outros trabalhos. Ao meu povo Fulni-ô, dedico um agradecimento especial pelos ensinamentos diários de luta e perseverança em prol da manutenção da cultura tradicional e da identidade herdadas dos nossos antepassados.

Aos familiares que acompanharam e participaram desta jornada e compreenderam os momentos de minha ausência: a minha mãe, por sempre fazer prevalecer a calma e a serenidade; aos meus irmãos, por dividirem comigo as responsabilidades de família; a minha tia Lourdes e a meus primos Tarcízio, Tarcísia e Tarciana, por se fazerem presentes em várias fases dessa caminhada. Aos meus avós maternos, Seu Augusto e Dona Flor, *in memoriam*, pelo amor e carinho compartilhados de forma inesquecível.

À família Costa e Cabral: Nazaré e filhos, tia Celsa, Francisco e família e Leandro, por me adotarem como membro da sua família. De modo especial a Fábio Cabral, Diogo Cabral, Lara Cabral e Carol Costa, por me receberem da melhor maneira possível em Maceió quando iniciei meus estudos acadêmicos. A Jordana Costa, pelo apoio disponível sempre que precisei. A Claudeane e Selma, pela amizade. A Sofia Cabral e Alice Cabral, por tornarem a vida mais bonita em diversos momentos.

A minha psicóloga particular (sem ônus), Carol Costa, por sempre me ouvir nos momentos mais complicados da minha vida e transmitir sempre muita confiança e serenidade.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram de alguma maneira para que eu pudesse percorrer esse caminho, até mesmo nos momentos em que ele parecia impossível de ser trilhado, a minha gratidão.

RESUMO

Esta tese investiga aspectos prosódicos do Yaathe, uma língua indígena brasileira, com o objetivo de definir e delimitar as suas unidades prosódicas, de acordo com uma hierarquia já proposta. Desse modo, embora a palavra fonológica seja ainda o aspecto tratado mais extensivamente nesta Tese, as demais unidades também foram analisadas, o que resultou em uma descrição da organização prosódica da língua. Os dados primários utilizados para a análise e a formulação de hipóteses são oriundos do banco de dados do Projeto Documentação da Língua Indígena Brasileira Yaathe (Fulni-ô) e foram coletados entre 2011 e 2013, respeitando-se todas as normas propostas por bancos de dados internacionais. Para testarmos as hipóteses levantadas pela análise, fizemos também coleta de dados elicitados. Como aporte teórico utilizamos principalmente o modelo da Fonologia Prosódica, conforme proposto por Nespor e Vogel (1986), que é uma teoria de organização do enunciado em unidades fonológicas organizadas hierarquicamente e concebe a fala como sendo representada por um sistema em que cada constituinte da hierarquia atua como contexto para a aplicação de regras e de processos fonológicos específicos. A tese encontra-se organizada em quatro seções: seção 1, na qual apresentamos um esboço da Fonologia e da Gramática da língua, considerando trabalhos preexistentes, tais como, principalmente, Costa (1999), Cabral (2009) e Silva (2011); seção 2, na qual delimitamos o constituinte prosódico pé métrico, a fim de definirmos o acento em Yaathe, descrevendo o modo como as unidades sílabas estão organizadas para formação do pé métrico, observando a proeminência acentual no léxico. Analisamos as classes verbo e nome, considerando que as demais palavras da língua, de modo geral, comportam-se, em termos prosódicos, ora como verbos ora como nomes.; seção 3, na qual definimos especificamente a palavra fonológica em Yaathe, observando alguns critérios que permitem a definição de palavra fonológica em uma língua, especificamente a pausa, o acento e processos fonológicos; e seção 4, na qual tratamos das unidades superiores à palavra fonológica em termos de hierarquia prosódica: o sintagma fonológico, o sintagma entonacional e o enunciado fonológico, descrevendo de que maneira se organizam essas unidades. Para a delimitação do sintagma fonológico utilizamos principalmente a pausa (ocorrência ou não ocorrência), o acento e processos fonológicos, tais como alongamento compensatório, fusão de vogais e queda de vogais. A princípio, delimitamos a unidade sintática sintagma e os sintagmas analisados foram o sintagma nominal, o sintagma verbal e o sintagma posposicional. Tomamos como base para nossa análise as classes de palavras previamente propostas para o Yaathe por Costa (1999) e aplicamos os critérios selecionados a

fim de estabelecer os limites de uma palavra fonológica na língua. Novamente, as duas classes maiores, nome e verbo, destacaram-se como merecedoras de descrição mais detalhada, uma vez que sua constituição, em termos gramaticais, revela-se mais complexa que as demais. Além disso, elas parecem ser as classes de palavras que são mais claramente definidas. Através da análise, nós propomos uma definição do padrão acentual da língua, uma separação de elementos que eram considerados parte de uma palavra gramatical em palavras fonológicas independentes, aspectos da organização das palavras em sintagmas fonológicos e algumas evidências sobre a existência das unidades de nível mais alto: o sintagma entonacional e o enunciado fonológico. Teórica e metodologicamente, esta investigação também nos permitiu fazer algumas reflexões que estão apresentadas nas considerações finais.

PALAVRAS-CHAVE: Língua indígena brasileira; Yaathe; Fonologia prosódica; Palavra fonológica; Hierarquia prosódica

ABSTRACT

This thesis presents an analysis of the prosodic hierarchy in Yaahe, a Brazilian indigenous language, aiming at defining and delimiting its prosodic units. The analysis is based on a previously proposed theoretical approach. While the phonological word is discussed in much more details here, the other units were also described and analyzed, resulting in a full description of prosodic organization of the language. The primary data used for analysis and formulation of hypotheses come from the database Brazilian Indigenous Language Documentation Project Yaahe (Fulni-ô). These data were collected between 2011 and 2013, respecting all standards proposed by international databases. As a theoretical support, we lean on Prosodical Phonology, proposed by Nespor and Vogel (1986), which is a theory of organization of the utterance into phonological units, hierarchically arranged. This model conceives speech as represented by a system in which each constituent of the hierarchy acts as context to application of rules and specific phonological processes. The work is organized in four sections: section 1, in which we present an outline of the phonology and grammar of the language, considering the pre-existing works, mainly Costa (1999), Cabral (2009) and Silva (2011); section 2, in which we delimit the prosodic constituent metrical foot in order to define the accent on Yaahe, describing how syllabic units are arranged to form metrical feet, watching the accentual prominence in the lexicon. We analyze the verb and name classes, once the other language words, generally behave in prosodic terms, sometimes as verbs or as names; section 3, in which we specifically define the phonological word in that language, noting some criteria that can allow the definition of phonological word in one language, specifically pause, accent and phonological processes; and section 4, in which we treat the units above the phonological word in terms of prosodical hierarchy: the phonological phrase, the intonation phrase and phonological utterance, describing some aspects of these units. To define the phonological phrase mostly used the break (whether or not), the accent and phonological processes such as compensatory stretching, melting and falling vowels. To define the phonological phrase, we used the criteria break (whether or not), accent and phonological processes such as compensatory lengthening, merge and drop of vowels. At first, we delimited syntactic phrase unit. For that, we analyzed the following phrases: noun phrase, verb phrase and postpositional phrase. We take as the basis for our analysis of speech already defined in previous work (Costa, 1999) and applied the selected criteria to establish the boundaries of a phonological word in the language. Again, the two largest classes, noun and verb, stood out deserving a more detailed description, since its constituency in

grammatical terms, it is more complex than the others, and appear to be the classes that allow themselves to be set more clearly. The main results were the definition of the stress pattern, the separation of elements that were considered part of a grammatical word into independent phonological word, organizational aspects of words in phonological phrases and some evidence of the existence of higher-level units, the phrase intonation and phonological utterance. Theoretically and methodologically, the investigation also allows us to make some reflections that are presented in the final considerations.

KEYWORDS: Brazilian indigenous language; Yaathe; Prosodical phonology; Phonological word; Prosodical hierarchy

RESUMEN

Esta tesis investiga aspectos prosódicos del Yaathe, una lengua indígena brasileña, con el objetivo de definir y delimitar sus unidades prosódicas, de acuerdo con una jerarquía ya propuesta. De ese modo, aunque la palabra fonológica sea el aspecto tratado más extensivamente en esta Tesis, las demás unidades también fueron analizadas, lo que resultó en una descripción de la organización prosódica de la lengua. Los datos primarios utilizados para análisis y formulación de hipótesis son oriundos del banco de datos del Proyecto Documentación de la Lengua Indígena Brasileña Yaathe (Fulni-ô) y fueron recolectados entre 2011 y 2013, respetándose todas las normas propuestas por los bancos de datos internacionales. Para testear las hipótesis levantadas por el análisis, también recolectamos datos recopilados. Como aporte teórico utilizamos principalmente el modelo de la Fonología Prosódica, propuesta por Nespor y Vogel (1986), que es una teoría de organización del enunciado en unidades fonológicas organizadas jerárquicamente y concibe el habla como siendo representada por un sistema en el que cada constituyente de la jerarquía actúa como contexto de aplicación de reglas y de procesos fonológicos específicos. El trabajo está organizado en cuatro secciones: sección I, en la que presentamos una síntesis de la Fonología y de la Gramática de la lengua, considerando los trabajos preexistentes, principalmente Costa (1999), Cabral (2009) y Silva (2011); sección 2, donde delimitamos el constituyente prosódico pie métrico, con la finalidad de definir el acento en Yaathe, describiendo el modo como las unidades sílabas están organizadas para formación del pie métrico, observando la prominencia acentual en el léxico. Analizamos las clases verbo y nombre, considerando que las demás palabras de la lengua, de modo general, se portan, en términos prosódicos, ora como verbos ora como nombres; sección 3, en la cual definimos específicamente la palabra fonológica en esa lengua, observando algunos criterios que permiten la definición de palabra fonológica en una lengua, específicamente la pausa, el acento y procesos fonológicos; y sección 4, en la que tratamos de las unidades superiores a la palabra fonológica en términos de jerarquía prosódica: el sintagma fonológico, el sintagma entonacional y el enunciado fonológico, describiendo de qué manera se organizan esas unidades. Para la delimitación del sintagma fonológico utilizamos principalmente la pausa (posibilidad o no), el acento y procesos fonológicos, tales como alargamiento compensatorio, fusión de vocales y eliminación de vocales. A principio, delimitamos la unidad sintáctica sintagma y los sintagmas analizados fueron el sintagma nominal, el sintagma verbal y el sintagma posposicional. Tomamos como base para nuestro análisis las clases de palabras ya definidas

en estudio anterior (COSTA, 1999) y aplicamos los criterios seleccionados con el propósito de establecer los límites de una palabra fonológica en la lengua. Nuevamente, las dos clases mayores, nombre y verbo, se destacaron como merecedores de descripción más detallada, una vez que su constitución, en términos gramaticales, se revela más compleja que las demás, como también parecen ser las clases que se dejan definir más claramente. Tuvimos como resultados la definición del patrón acentual, la separación de elementos que eran considerados parte de una palabra gramatical en palabras fonológicas independientes, aspectos de la organización de las palabras en sintagmas fonológicos y algunas evidencias sobre la existencia de las unidades de nivel más alto, el sintagma entonacional y el enunciado fonológico. Teórica y metodológicamente, esta investigación también nos permitió hacer algunas reflexiones que están presentadas en consideraciones finales.

PALABRAS CLAVE: Lengua indígena brasileña; Yaathe; Fonología prosódica; Palabra fonológica; Jerarquía prosódica.

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

-	morfema
-	sufixo
[]	transcrição fonética
//	transcrição fonológica
'	acento principal
,	acento secundário
< >	transcrição ortográfica
=	clítico
1PL	primeira pessoa plural
1PL	primeira pessoa do plural
1SG	primeira pessoa singular
1SG	primeira pessoa do singular
2PL	segunda pessoa do plural
2SG	segunda pessoa do singular
3PL	terceira pessoa plural
3SG	terceira pessoa singular
AD	adição
ADM	admirativo
AG	agentivo
AG.PART	particípio agente
ASP	aspecto
ASS	assertivo
ASSC	associativo
ATEN	atenuativo
AUX	auxiliar
BEN	benefactivo
CAUS	causal
CIRC	circunstancial
COMP	companhia
COMPL	complemento
CON	conectivo
COND	condicional

CONJ	conjunção
CONT	continuativo
CSTV	causativizador
DEF	deferência
DEM	demonstrativo
DES	desiderativo
DET.GEN	determinante genérico
DIM	diminutivo
DIR	direção
EF	enunciado fonológico
EV	evidencial
EXC	exclusividade
EXI	existencial
EXP.ADV	expressão adverbial
EXPL	expletivo
FAC	factivo
FEM	feminino
FIN	finalidade
FON	fonte
FUT	futuro
IMD	imediatividade
IMP	imperativo
IMPF	imperfeito
IND	indicativo
INEF	inefactivo
INF	infinitivo
INST	instrumental
INT	interrogativo
INTENS	intensificador
IO	índice de objeto
IPOS	índice de posse
IS	índice de sujeito
LOC	locativo
LOC.PART	particípio locativo

MASC	masculino
MIS	gênero misto
MOD	modo
NEG	negativo
NEU	neutra
NPAS	não passado
Ø	morfema zero
O	objeto
OD	objeto direto
OI	objeto indireto
PAC	paciente
PAC.PART	particípio paciente
PART	particípio
PARTC	partícula
PAS	passado
PAS.REM	passado remoto
PERM	permansivo
PF	palavra fonológica
PG	palavra gramatical
PL	plural
PLNEU	plural neutro
POS	possessivo
POSP	posposição
POST	posterioridade
PP	pronome pessoal
PRED.NUCL	predicado nuclear
PRED.SUJ	predicado com marca de sujeito
PRES	presente
PRIV	privação
PRMA	permansivo
PRMI	permissivo
PRON	pronome
QUANT	quantidade
RD	raiz <i>default</i>

REC	recíproco
REF	reflexivo
REF.DEF	referencial definido
REF.NDEF	referência não definida
RV	raiz verbal
RVI	raiz verbal intransitiva
RVT	raiz verbal transitiva
S	sujeito
SF	sintagma fonológico
SIM	simultaneidade
SUBJ	subjuntivo
SUFVs	sufixos verbais
TEMP	temporal
TEMP.SIM	temporalidade simultânea
TRAJ	trajeto
V	verbo
VEL	velocidade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
<i>O povo e a língua</i>	<i>1</i>
<i>Objetivos do trabalho</i>	<i>4</i>
<i>Aporte teórico</i>	<i>6</i>
<i>Procedimentos metodológicos.....</i>	<i>7</i>
<i>Organização do trabalho.....</i>	<i>11</i>
SEÇÃO 1: A GRAMÁTICA DO YAATHE: OBSERVAÇÕES SOBRE A FONOLOGIA, A MORFOLOGIA E A SINTAXE	12
<i>1.1 A Fonologia.....</i>	<i>12</i>
<i>1.2 A Morfologia</i>	<i>18</i>
<i>1.2.1 Nomes</i>	<i>18</i>
<i>1.2.2 Verbos</i>	<i>22</i>
<i>1.2.2.1 Sufixos derivacionais.....</i>	<i>23</i>
<i>1.2.2.2 Sufixos flexionais.....</i>	<i>25</i>
<i>1.2.2.2.1 Sufixos de modo</i>	<i>25</i>
<i>1.2.2.2.2 Sufixos de tempo.....</i>	<i>27</i>
<i>1.2.2.2.3 Sufixos tempo/aspecto</i>	<i>28</i>
<i>1.2.3 Adjetivos</i>	<i>29</i>
<i>1.2.4 Advérbios</i>	<i>30</i>
<i>1.2.5 Classes menores</i>	<i>31</i>
<i>1.2.5.1 Operadores de conexão de sentenças</i>	<i>31</i>
<i>1.2.5.2 Pronomes e outras pró-formas</i>	<i>32</i>
<i>1.2.6 Processos de formação de palavras</i>	<i>36</i>
<i>1.3 A Sintaxe</i>	<i>37</i>
SEÇÃO 2: A SÍLABA E O PÉ MÉTRICO	41
<i>2.1 O acento</i>	<i>41</i>
<i>2.2 O pé métrico</i>	<i>45</i>
<i>2.2.1 O acento em formas nominais.....</i>	<i>45</i>
<i>2.2.2 O acento em formas verbais.....</i>	<i>49</i>
<i>2.3 Resumo da seção</i>	<i>60</i>
SEÇÃO 3: A PALAVRA FONOLÓGICA.....	61
<i>3.1 Critérios fonológicos para a definição da palavra.....</i>	<i>61</i>

3.2 A palavra fonológica em Yaathe.....	64
3.2.1 Nomes	64
3.2.1.1 Clíticos.....	65
3.2.1.2 Sufixos.....	69
3.2.1.2.1 Sufixo agentivo	69
3.2.1.2.2 Sufixo de privação.....	71
3.2.1.2.3 Sufixos de gênero.....	72
3.2.1.2.4 Sufixo diminutivo	76
3.2.1.2.5 Sufixo de exclusividade.....	77
3.2.2 Verbos	78
3.2.2.1 Clíticos.....	79
3.2.2.2 Sufixos derivacionais.....	83
3.2.2.2.1 Sufixo de negação	83
3.2.2.2.2 Sufixo de causativização.....	91
3.2.2.2.3 Desideração.....	92
3.2.2.2.4 Deferência.....	93
3.2.2.3 Sufixos flexionais.....	94
3.2.2.3.1 Sufixos de modo	94
3.2.2.3.2 Sufixos participiais.....	98
3.2.2.3.3 Sufixos de tempo.....	111
3.2.2.3.4 Sufixo de modalidade.....	115
3.2.2.3.5 Sufixo de finalidade	116
3.2.3 Verbos auxiliares.....	117
3.2.3.1 O morfema /k ^h i'a/.....	117
3.2.3.2 O morfema /ʎa/	129
3.2.3.3 O morfema /'hle/.....	133
3.2.3.4 O morfema /ke'a/.....	135
3.2.3.5 O morfema /'fi/	136
3.2.3.6 O morfema /'k ^h ana/ ou /'k ^h ane/.....	137
3.2.3.7 O morfema /wa'ti/.....	141
3.3 Pronomes.....	142
3.3.1 Pronomes pessoais.....	142
3.3.2 Pronomes demonstrativos.....	143
3.4 Posposições.....	145
3.5 Resumo da seção.....	152

SEÇÃO 4: ACIMA DA PALAVRA FONOLÓGICA. O SINTAGMA FONOLÓGICO, O SINTAGMA ENTONACIONAL E O ENUNCIADO FONOLÓGICO	154
--	------------

<i>4.1 Sintagma Fonológico</i>	156
4.1.1 Sintagma nominal	156
4.1.2 O sintagma posposicional.....	161
4.1.3 O Sintagma verbal.....	167
4.1.3.1 Clíticos pronominais mais verbo.....	167
4.1.3.1.1 Clíticos pronominais mais verbo principal mais verbo auxiliar	168
4.1.3.1.2 Verbos temporais e verbos conectores.....	171
<i>4.2 Sintagma Entonacional</i>	172
<i>4.3 Enunciado Fonológico</i>	177
<i>4.4 Resumo da Seção</i>	181
CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
REFERÊNCIAS	186

INTRODUÇÃO

O povo e a língua

Fulni-ô é uma autodenominação, que significa “o que tem rio”, e deve-se ao fato de a terra indígena Fulni-ô estar localizada a pouca distância da margem esquerda do Rio Ipanema, um afluente do Rio São Francisco. Na parte principal da terra indígena, encontra-se a cidade de Águas Belas, sede do município do mesmo nome, localizado na área de transição entre as regiões agreste e sertão de Pernambuco, cercada totalmente pelo território Fulni-ô. A população indígena Fulni-ô é de 4.687 indivíduos, de acordo com dados do Siasi/Sesai (2012).

Atualmente os Fulni-ô estão distribuídos, basicamente, em duas aldeias¹. Uma é a aldeia sede, localizada junto à cidade de Águas Belas, onde se encontram as instalações do Posto Indígena da Fundação Nacional do Índio (FUNAI); a segunda é a comunidade Xixiakhla, localizada a poucos quilômetros da aldeia sede, no local denominado Supriano. Essas aldeias são locais de morada permanente, onde se vive durante nove meses do ano, ou seja, de dezembro a agosto. O Ouricuri é a aldeia sagrada, que fica a 6 quilômetros da aldeia sede, na qual todos os índios vivem por um período de três meses, de setembro a novembro, em retiro, mantendo suas tradições culturais e religiosas.

Os povos indígenas que sobreviveram ao massacre, tanto étnico quanto físico, promovido por diferentes instituições e motivos – no caso dos Fulni-ô, principalmente pela exploração dos coronéis que governavam e impunham suas vontades nessa região – perderam elementos importantes do seu equipamento cultural, o que os diferenciava das populações não índias vizinhas e entre si. Das perdas de marca de identidade, uma perda notável foi a extinção de línguas nativas. Atualmente, entre cerca de 29 etnias indígenas que vivem no Nordeste² e que tiveram sua identidade étnica reconhecida e suas terras legitimadas até o final do século passado, só os Fulni-ô, preservaram a sua língua nativa.

A língua desse povo indígena é o Yaathe, que significa “nossa fala”. De acordo com Rodrigues (1986), está filiada remotamente ao tronco Macro-jê, sem relação direta atestada com nenhuma outra língua indígena brasileira conhecida.

¹ Muitos índios Fulni-ô também moram na cidade de Águas Belas, em outras cidades e, alguns, na zona rural do município.

² Fonte: RICARDO, B. & RICARDO, F. [Editores gerais]. Povos Indígenas no Brasil: 2006-2010. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011.

Há uma alta porcentagem de falantes de Yaathe entre os Fulni-ô, mais de 90% da população total. (COSTA, 1993). O uso da língua é muito difundido na comunidade. Nas famílias, de modo geral, os membros se comunicam em Yaathe. Por exemplo, dão ordens ou fazem perguntas aos filhos em Yaathe, a despeito de estes, às vezes, responderem em português. Estudos recentes (COSTA; SILVA, 2010) indicam que crianças muito pequenas dominam a gramática da língua, bem como outros aspectos particulares do seu uso, como, por exemplo, as diferenças de gênero social.

Assim, os Fulni-ô fazem uso sistemático de sua língua internamente e têm demonstrado um esforço muito grande para manter vivas a sua língua e a sua cultura, através de diferentes iniciativas. Embora tenham sido elaborados muitos trabalhos sobre a língua, há ainda muito pouco registro do Yaathe, se considerarmos que esses trabalhos representam uma fração muito pequena de conhecimento, tanto da língua quanto do conhecimento ancestral dos seus falantes, do qual ela é veículo e receptáculo.

Até a década de 1990, vários estudos de descrição e análise linguística foram elaborados. Entre eles, podemos citar Meland e Meland (1967), Meland (1968), Lapenda (1968) e Barbosa (1991). Tanto Meland e Meland (1967) quanto Meland (1968) são descrições da fonologia, elaboradas sob o modelo tagmêmico (PIKE, 1947). Lapenda (1968) descreve a estrutura da língua de um ponto de vista tradicional e Barbosa (1991) é uma descrição fonética e fonológica, também apoiada no modelo tagmêmico.

De 1993 para cá, vários trabalhos foram efetuados sobre a língua. Costa (1993) procurou investigar a situação linguística dos Fulni-ô, dada a sua peculiaridade de última língua nativa no Nordeste do Brasil³, a fim de verificar se havia tendências à substituição ou ao deslocamento em relação ao Português. Esta investigação serviu como pano de fundo para a observação de fenômenos de atitudes linguísticas de professores não índios face à variedade de Português falada pelas crianças índias que chegavam à escola da cidade e de interferências de uma língua na outra, mais precisamente da influência do Yaathe – que foi considerado

³ Quando nos referimos ao Nordeste, neste caso, excetuamos o Maranhão, que politicamente é Nordeste, mas é muito diferente em relação às características climáticas e, também, não sofreu o mesmo processo avassalador de colonização que os demais Estados dessa região. O governo brasileiro, reunindo regiões de idênticos problemas econômicos, políticos e sociais, com o objetivo de melhorar o planejamento no que diz respeito ao desenvolvimento social e econômico da região amazônica, instituiu o conceito de Amazônia legal. Por essas razões, parte do Maranhão, na qual estão localizadas as populações indígenas que falam suas línguas nativas, pertence ao que se chama de Amazônia Legal, área que engloba nove estados brasileiros pertencentes à Bacia Amazônica e a área de ocorrência das vegetações amazônicas.

língua materna – sobre o Português – segunda língua. Neste caso, tratava-se da variedade de Português falada pelas crianças índias. Os resultados de tal trabalho puderam, por um lado, ajudar a clarear e a melhorar a compreensão dos professores de língua portuguesa das variedades linguísticas que são utilizadas pelos alunos de procedências diversas. Por outro lado, contribuíram para o conhecimento e o autoconhecimento das nações indígenas.

Costa (1999) detém-se sobre a estrutura do Yaathe, procurando descrever e explicar o sistema (fonologia e gramática) e o seu funcionamento. Cabral (2009) enfocou o sistema prosódico da língua, buscando descrever experimentalmente o acento no nível da palavra, e Silva (2011) efetuou uma análise da sílaba do ponto de vista fonético – empreendendo uma análise acústica, sobretudo de *clusters* consonantais incomuns – e do ponto de vista fonológico, a partir de uma análise autossegmental. Além desses, há outros trabalhos elaborados por estudantes de graduação, enfocando aspectos diversos. Alguns desses trabalhos são Cabral (2007); Silva (2008); Melo (2010); Dias (2014); Sousa (2014).

Os estudos, basicamente, focam a estrutura da língua – fonologia, morfologia, sintaxe. Pouco se sabe sobre aspectos do Yaathe que vão além desses limites. Contudo, é consenso entre os estudiosos que uma língua não é apenas um mecanismo para denotar significados. Além disso, ela tem poderes plenos para representar um mundo de experiência vivida. Diferentes culturas impõem diferentes convenções para o uso e a forma da língua em situações sociais semelhantes. Práticas linguísticas que se adequam a essas convenções são uma característica que serve para definir se um falante faz parte ou não de uma comunidade linguística como um membro competente, isto é, se ele tem competência comunicativa e não apenas competência gramatical. (FOLEY, 1997).

Atualmente, há uma necessidade específica, que é a de se ter materiais didáticos como recurso de ensino-aprendizagem da língua no contexto das escolas da aldeia.⁴ Os professores de Yaathe fazem quase todo o trabalho necessário: escrevem textos, preparam aulas e planos de aula, conforme exigido pelas instâncias oficiais, falam sobre cultura e religião, incentivam o uso da língua e o respeito pela cultura como um todo. Não se pode dizer que o trabalho desses professores – em grande parte sem formação pedagógica e sem experiência com o

⁴ A comunidade Fulni-ô possui três escolas da Rede Estadual: A Escola Indígena Marechal Rondon, a Escola Bilingue Antônio José Moreira e a Escola Indígena Ambrósio Pereira Júnior, esta última localizada na comunidade Xixiakhla, pequena aldeia a alguns quilômetros da sede. O ensino de Yaathe como disciplina da matriz curricular foi instituído em 2010. (Portaria SE/PE nº 9441, de 23 de novembro de 2010, para Escola Estadual Indígena Fulni-ô Ambrósio Pereira Junior; Portaria SE/PE Nº 9442, de 23 de novembro de 2010, para a Escola Estadual Indígena Fulni-ô Marechal Rondon e Portaria SE/PE Nº 9443, para a Escola Antônio José Moreira). Sendo assim, a língua Yaathe é uma das poucas línguas indígenas brasileiras a ser oficialmente incluída no ensino regular, reconhecida pelo MEC e pela Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco.

ensino em sala de aula – não esteja dando frutos. Eles apenas não têm um material didático sistematizado em que se apoiar ou ao qual seguir⁵. Há, por outro lado, como já dissemos, muito material produzido pelos professores e um esforço cada vez mais constante no sentido de se padronizar a escrita de modo a ser aceita pela comunidade.

Sá et al. (2012) apresentam um levantamento de trabalhos que discutem a origem dos Fulni-ô, a saber: Melo (1929); Pinto (1956); Quirino (2006); Campos (2006); Dantas (2010). Os autores do artigo citado são índios da etnia Fulni-ô e concordam com a afirmação de Campos, quando ela afirma que “a nossa origem se deu pela junção de quatro famílias: Fôla, Brogadas ou Brobadas, Carnijós e Fowkhlasa”. (DANTAS, 2010 *apud* Sá *et al.*, 2012, p. 37).

Ainda segundo os autores, citando Pinto (1956), “Houve tentativas de caracterizar os Fulni-ô como os últimos representantes dos Cariris históricos, no entanto, esta hipótese foi refutada com base em comparações linguísticas”. Para os autores, há dados históricos que indicam que os Carnijós descendem, sobretudo, do grupo dos Tarairious, nação de índios tapuias, de acordo com Pinto (1956, *apud* Sá *et al.*, 2012, p. 37): “Os tapuias, isto é, os índios da língua “travada”, que habitam a capitania de Pernambuco e territórios anexos estavam subdivididos em quatro principais ‘nações’, os ‘cariris’, os ‘caririwasis’ os ‘cariryjouws’ e os ‘tarairiou”.

O fato de a língua Yaathe constituir-se como uma língua viva, preservando todas as funções que se acredita que uma língua precisa cumprir em uma comunidade, é por si só merecedor de atenção, pois, como sabemos, na região Nordeste, a maioria foi esmagada pelo processo colonizador, perdendo todo ou parte do seu equipamento cultural de identificação étnica, sendo a língua um fator muito importante dessa identificação. Por isso, uma das características mais notáveis da situação dos índios Fulni-ô é a sobrevivência da língua, uma vez que todas as outras línguas indígenas faladas nessa parte do país já são consideradas extintas. (Cf. OLIVEIRA Jr., M.; COSTA, J. F. e FULNI-Ô, F., 2014).

Objetivos do trabalho

O objetivo inicial da investigação aqui apresentada era a definição e delimitação da unidade palavra na língua indígena brasileira Yaathe. No decorrer da análise, verificamos que

⁵ Apesar de existir alguns materiais produzidos por estes professores, além de outros materiais como, por exemplo, um livro produzido por nós em parceria com a professora Januacele da Costa (*Descrição da Língua Indígena Brasileira Yaathe*. Um ponto de partida para os professores de Yaathe na aldeia Fulni-ô, 2012), não podemos dizer que há um material oficial que direcione o ensino da língua nas escolas.

seria necessário para esse propósito que as demais unidades da hierarquia fossem definidas, tanto as de nível mais baixo, como a sílaba e o pé métrico, como as unidades de nível superior – sintagma fonológico, sintagma entonacional e enunciado fonológico. Desse modo, embora a palavra fonológica seja ainda o aspecto tratado mais extensivamente nesta Tese, as demais unidades também foram analisadas, o que resultou em uma descrição da organização prosódica da língua.

Outros objetivos, que não são intrinsecamente parte da pesquisa, mas resultado dela e relacionados aos interesses tanto do grupo de pesquisa no qual ele está inserido quanto da comunidade indígena Fulni-ô, são a contribuição que podemos dar para elaboração de gramáticas escolares e dicionários, além de contribuir para a elaboração de outros materiais didáticos, como vem sendo feito por nós em um projeto de acompanhamento aos professores de Yaathe.

Na nossa dissertação de Mestrado (SILVA, 2011), investigamos, apoiados nos postulados teóricos e metodológicos da Fonética acústica e da Fonologia Autossegmental, a unidade sílaba, visando com isso a uma compreensão melhor do estudo dessa unidade, do ponto de vista científico, para, como objetivo social do estudo, contribuir com as tarefas de assessoria aos professores de Yaathe da escola Fulni-ô. A compreensão desse aspecto da estrutura da língua é de fundamental importância para a sistematização e padronização da escrita.

Os resultados desse trabalho apontaram, entre outras coisas, para a necessidade do estudo de outra unidade importante tanto para uma melhor compreensão da língua quanto para o funcionamento eficaz de um sistema de escrita. Os falantes não têm consciência dessa unidade em muitos casos – embora possam reconhecer relativamente bem o que é palavra na sua língua, quando essa identificação não é problemática. Tentativas de sistematizar a escrita não têm dado certo porque esbarram no problema da delimitação do que é uma palavra na língua.

Para alcançarmos o objetivo geral do trabalho, a delimitação da palavra fonológica, uma outra unidade dessa língua, hierarquicamente inferior à palavra fonológica e para a qual não havia estudos prévios, o pé métrico, precisou também ser estudada. Por outro lado, a análise dos dados levou o estudo para unidades prosódicas de nível mais alto que a palavra, de modo que um esboço de descrição do sintagma fonológico, do sintagma entonacional e do enunciado fonológico também foi efetuado e apresentado.

Aporte teórico

Como já dissemos, definir palavra não é algo muito fácil, pois há várias maneiras para definir uma palavra e nem sempre há uma definição completamente satisfatória. Para tal definição, no entanto, encontramos critérios que nos ajudam no desenvolvimento dessa tarefa, porém, são, muitas vezes, critérios problemáticos se considerados isoladamente. Autores como Matthews (1991), Aronoff & Fudeman (2007), Dixon e Aikhenvald (2010) e Haspelmath (2010) tratam de critérios que definem e delimitam uma palavra e também mostram os possíveis problemas enfrentados no empreendimento de tal tarefa.

Há muitos fatores que tornam difícil a definição e delimitação de palavra em uma língua. Um desses é a falta de correspondência entre os significados lexicais e palavras, como bem observa Haspelmath (2010, p. 668):

While simplistic approaches such as Swadesh-list-based comparison make the simplifying assumption of a one-to-one correspondence between lexical meanings and words, and thus between words across languages, reality is more complex: words in one language are often in semantic many-to-many relationships with words in another language.

Isso pode ser apreciado em toda a sua complexidade quando coletamos dados elicitados do tipo listas de palavras. O conceito solicitado pode estar presente – e geralmente está – mas a forma correspondente frequentemente não pode ser fornecida porque não é uma palavra, ou o que convencionamos chamar de palavra⁶, ou o falante nos dá uma forma complexa que pode ser traduzida em uma sentença e, na maior parte do tempo, é uma sentença também em Yaathe.

Nossa análise baseia-se principalmente na Fonologia Prosódica, proposta por Nespor e Vogel (1986), que é uma teoria de organização do enunciado em unidades fonológicas organizadas hierarquicamente e concebe a fala como sendo representada por um sistema em que cada constituinte da hierarquia atua como contexto de aplicação de regras e de processos fonológicos específicos. As considerações teóricas são aplicadas na análise dos dados, embora não estejam aí explicitadas.

⁶ Essa observação parece fornecer um argumento para defender a hipótese que palavra existe na consciência do falante: as hesitações que eles fazem quando o conceito solicitado em forma de palavra na língua de trabalho, no nosso caso o Português, não encontra correspondência com a palavra do Yaathe.

Procedimentos metodológicos

Os dados primários, utilizados para análise e formulação de hipóteses, são oriundos do Banco de Dados do Projeto Documentação da Língua Indígena Brasileira Yaathe (Fulni-ô) e foram coletados entre 2011 e 2013, na aldeia Fulni-ô, município de Águas Belas, Estado de Pernambuco, Brasil. Esse projeto foi financiado pelo CNPq, Edital MCT/CNPq N. 014/2010 – Universal, Processo nº 475763/2010-6 e teve seu prazo de vigência encerrado em 11/11/2013. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UFAL), em 20/09/2011, Processo nº 012672/2011-70, tendo os participantes da pesquisa assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Todos os documentos e dados aqui citados encontram-se arquivados na coordenação do Projeto e no banco de dados *The language Archive* em *IMDI Corpora, Donated Corpora*⁷.

Obtivemos três tipos principais de dados: 1) fala, divididos em fala espontânea e semiespontânea, através de diferentes gêneros – tais como narrativas, textos procedimentais, conversação em díades – e fala elicitada, através de listas de palavras; 2) escrita, também em diferentes gêneros, desde narrativas até materiais didáticos, incluindo poesias e outros exemplares escritos; 3) dados elicitados gravados no início dos anos 1990 e ao longo dos anos 2000, incluindo listas de palavras, questionários gramaticais e narrativas orais; 4) eventos culturais, como músicas e danças típicas, gravados em áudio e vídeo.

Entre os dados que coletamos, incluem-se listas de palavras e frases, tendo como modelo as já clássicas listas Swadesh (Swadesh, 1955), LDQ (Comrie & Smith, 1977), e aquelas propostas por Healey (1975), em seu Manual de trabalho de campo, e uma série de exemplares discursivos, entre os quais narrativas de experiência pessoal, mitos, narrativas procedimentais e conversas espontâneas. Considerando que informações visuais têm reconhecida importância para a compreensão de determinados fenômenos linguísticos, gravamos também em vídeo a maior parte das sessões de coleta de dados em campo. Dados não linguísticos – como vídeos de danças, fotografias – e produção do povo, como desenhos, literatura, material didático, entre outros, também foram coletados e armazenados.

Os dados de áudio e vídeo foram gravados e arquivados respeitando-se todas as medidas e indicações propostas pela *E-MELD School of Best Practice*⁸, que vem sendo adotadas em projetos de documentação de línguas indígenas internacionalmente, pelo *Open*

⁷ <https://corpus1.mpi.nl/ds/asv/?4>

⁸ E-MELD School of Best Practice (<http://www.emeld.org/school/>).

*Archival Information System (OAIS)*⁹, que é um modelo de referência, com padrão ISO (14721:2003), adotado pelos bancos de dados linguísticos mais recentes, e anotados seguindo os preceitos do Metadata Encoding and Transmission Standard (METS)¹⁰, também adotados por bancos de dados internacionais. Os dados de áudio foram gravados com microfones tipo headset DPA Headband 4066 e um gravador digital de flash Marantz PMD661. Os dados de vídeo foram gravados com uma filmadora Digital Sony Handycam HDR-PJ10, em full-HD e altíssima qualidade.

As transcrições e anotações das listas de palavras foram feitas no programa PRAAT¹¹ (Boersma & Weenik, 2007), uma vez que este aplicativo nos permite uma segmentação precisa no nível dos sons e dá acesso a detalhes acústicos dos dados, o que não apenas facilita a transcrição, nos mais diferente níveis, mas também auxilia a feitura de estudos acústicos os mais diversos. A anotação das listas de palavras no PRAAT apresenta cinco fiadas: i) palavra (palv); ii) segmento (segm); iii) fonológica (fonl); iv) ortográfica (ortg); e v) tradução (trad). Os textos foram anotados no ELAN¹², alinhando-se os arquivos de áudio e vídeo. A anotação foi feita por meio de cinco fiadas: i) texto (tx); ii) palavra (wd); iii) morfema (mb); iv) glossa (gl); e v) tradução livre (ft).

Os dois aplicativos possuem interface, o que significa que os dados de um podem ser importados pelo outro, permitindo uma ampla gama de utilização em análises e estudos diferentes, uma vez que as transcrições feitas tanto no PRAAT quanto no ELAN são compatíveis entre si.

A transcrição e tradução foram feitas com o auxílio dos professores de Yaathe, o que garantiu maior acurácia e proporcionará uma discussão acerca de um modelo adequado de grafia a ser adotado, com aprovação da comunidade. A anotação dos dados para disponibilização foi feita pelos pesquisadores do Projeto, envolvendo ainda estudantes de Iniciação Científica¹³.

⁹ Consultative Committee for Space Data Systems, Reference Model for an Open Archival Information System (OAIS), CCSDS 650.0-B-1 Blue Book January 2002 (Washington, DC: CCSDS Secretariat, 2002). Disponível online: <http://public.ccsds.org/publications/archive/650xOb1.pdf>.

¹⁰ Library of Congress, “METS: Metadata Encoding & Transmission Standard” (2007), <http://www.loc.gov/standards/mets/>.

¹¹ Aplicativo computacional usado para transcrição. (www.praat.org)

¹² ELAN (EUDICO Linguistic Annotator) é uma ferramenta de anotação multimídia desenvolvida pelo Max Planck Institute for Psycholinguistics.

¹³ Pesquisadores: Profa. Dra. Januacele da Costa; Prof. Dr. Miguel Oliveira Jr.; Profa. Ms. Fábica Fulni-ô. Iniciação Científica: Mariana Sila Sousa; Jéssica Gonçalves da Silva.

Para outra parte dos dados linguísticos, que não foi transcrita, anotada e traduzida, respeitando-se, assim, a vontade dos falantes nativos da língua, uma vez que se trata de discursos e textos tradicionais pertencentes a áreas fechadas da cultura, como a religião, por exemplo, fizemos ainda o trabalho de anotação de metadados, obedecendo às exigências do banco, para que também pudessem ser arquivados em formato original. Será uma forma de preservar informações sobre essa parte da cultura para as futuras gerações, caso seja necessário, tendo em vista que a língua pode ser incluída entre as que correm risco de extinção, de acordo com relatório da Unesco 2010¹⁴.

Foram gravadas 4 listas de palavras, com dois informantes; 08 textos procedimentais com informantes de ambos os sexos e de idades variadas, tendo também como tema diferentes produções artesanais, já que artesanato, sobretudo em palha, é uma marca forte dos Fulni-ô; 06 textos narrativos; e 04 textos conversacionais.

O banco de dados do Projeto Documentação da Língua Indígena Brasileira Yaathe (Fulni-ô) está, a princípio, organizado seguindo o modelo de bancos de dados existentes, com algumas adequações necessárias, no sentido de se considerar e atender às características do grupo e da língua em questão. Os dados referentes a cada sessão foram organizados dentro de uma pasta, contendo documento de áudio, vídeo e anotação, bem como as informações sobre a sessão (Metadata), conforme apresentamos a seguir.

A nomeação dos arquivos segue a seguinte proposta:

- i) Nome da Língua: código do ISO (FUN);
- ii) Código do Informante: duas primeiras letras do nome + primeira letra do sobrenome;
- iii) Tipo de Sessão: as três primeiras letras
 - CON - conversas
 - DIS - discurso público
 - ENT - entrevistas
 - EST - estímulos visuais
 - LIS - lista de palavras
 - NAR - narrativas
 - PRO - procedimentos
 - SEN - sentenças
- iv) Número da Sessão: numeração contínua, referente ao tipo de sessão (três dígitos).

¹⁴ <http://www.unesco.org/languages-atlas/en/atlasmap.html>

v) Todas as letras devem ser maiúsculas.

Seguindo as orientações acima, temos uma nomeação de arquivo do tipo:

FUN_CIB_NAR_001

Esses códigos e chaves foram devidamente adequados e utilizados na Tese para identificar os dados oriundos do Banco da seguinte forma:

i) Código do Informante;

iii) Tipo de Sessão;

iv) Número da Sessão.

Como exemplo, temos a seguinte nomeação:

ARM_NAR_003

Outros dados tiveram sua própria forma de identificação. Para esses dados, adotamos a seguinte nomeação:

i) código do informante;

ii) tipo de dado: AUE (aula Escrita); TEE (texto escrito); LIE (Lista de palavra escrita), LIO (lista de palavra oral), LIF (lista de frases); PAR (paradigma);

iii) numeração do dado.

Como exemplo, temos:

CIB_LIE_001

TAC_TEE_001

HAR_PAR_001

CIB_LIO_001

ELF_LIF_001

Há ainda outros dados que não estão identificados por serem advindos de fontes diversas, como de nosso próprio conhecimento como pertencente à etnia Fulni-ô, assim como através de conversas com outros falantes da língua na comunidade.

Feita a análise e levantadas hipóteses que não puderam ser testadas nos dados disponíveis, empreendemos outras gravações de dados, dessa vez através de elicitaciones direcionadas para os fenômenos específicos. Esses dados também deverão compor o Banco de Dados do Projeto, arquivado em rede, mas até o momento ainda não lhe foram anexados e estão arquivados nos computadores pessoais e do Projeto.

Organização do trabalho

O trabalho está organizado da seguinte forma:

- na Seção 1, apresentamos um esboço da Fonologia e da Gramática da língua, considerando os trabalhos preexistentes, principalmente Costa (1999), Cabral (2009) e Silva (2011);

- na seção 2, delimitamos o constituinte prosódico pé métrico, a fim de definirmos o padrão de acento;

- na seção 3, definimos especificamente a palavra fonológica;

- na seção 4, tratamos das unidades superiores à palavra fonológica em termos de hierarquia prosódica: o sintagma fonológico, o sintagma entonacional e o enunciado fonológico.

SEÇÃO 1: A GRAMÁTICA DO YAATHE: OBSERVAÇÕES SOBRE A FONOLOGIA, A MORFOLOGIA E A SINTAXE

Nesta seção, trazemos algumas considerações sobre o funcionamento da gramática do Yaathe a partir de trabalhos já existentes, como Costa (1999), Cabral (2009) e Silva (2011), com o intuito de fornecer informações sobre a língua que serão importantes para a análise que propomos nesta tese. Na fonologia, apresentamos o sistema de vogais e consoantes, a estrutura da sílaba, os processos fonológicos e o acento. Na morfologia, apresentamos as classes de palavras, as categorias gramaticais relacionadas a cada classe e os processos de formação de palavras. E, por último, na sintaxe, abordamos a ordem dos constituintes e os tipos de constituintes. Salientamos que todas as considerações estão apoiadas nos trabalhos supracitados, mas, em alguns pontos, determinados dados são reinterpretados para maior clareza.

1.1 A Fonologia

Nesta subseção, na qual apresentamos a organização dos sons da língua Yaathe, utilizamos para o sistema de vogais e consoantes e para os processos fonológicos, o trabalho de Costa (1999); para as considerações sobre a sílaba, Silva (2011); e para o acento, Cabral (2009).

A língua Yaathe possui um inventário de 33 fonemas, sendo 21 consonantais e 12 vocálicos. Nos Quadros 1 e 2, a seguir, apresentamos esses fonemas.

Quadro 1 - Consoantes

QUADRO 1	Labial		Coronal				Dorsal		Glotal
			+ant		-ant				
		<i>asp</i>		<i>asp</i>		<i>asp</i>		<i>asp</i>	
Não-Contínuas	p	p^h	t	d	t^h			k	k^h
Fricativas	f		s			ʃ			h
Africadas			ts			tʃ	dʒ	tʃ^h	
Nasais	m		n						
Laterais			l			ʎ			
Aproximantes	w					j			

Quadro 2 - Vogais

QUADRO 2	Labial		Coronal		Dorsal	
	-longo	+longo	-longo	+longo	-longo	+longo
Aberto 1	u	u:	i	i:		
Aberto 2	o	o:	e	e:		
aberto 3	ɔ		ɛ		a	a:

O Padrão silábico é (C)(C)V(C), com V podendo ser uma vogal longa. Os seguintes tipos de sílabas são possíveis: V, CV, VC, CVC, CCV e CCVC.

A sílaba mínima é V ou V: e todos os segmentos consonantais podem ocupar a posição de onset simples, enquanto os onsets complexos apresentam restrições:

a) as consoantes que podem ocupar a posição C₁ são as seguintes: /t, t^h, k, k^h, d, f, s, ʃ, ts, tʃ, tʃ^h, m/;

b) a posição C₂ pode ser ocupada por /t, d, t^h, k, f, s, ts, m, n, l/;

c) o núcleo pode ser ocupado por qualquer um dos fonemas vocálicos: /u, u, i, i:, o, o:, e, e:, ɔ, ɛ, a, a:/;

d) a posição C₃, posição de coda, pode ser ocupada pelos fonemas /k, s, ʃ, h, ts, m, l, w, j /;

e) o núcleo, sendo ocupado por uma vogal longa, não permite mais uma consoante na coda.¹⁵

Os principais processos fonológicos, de acordo com Costa (1999), são: processos de assimilação – desvozeamento, nasalização, palatalização e labialização – harmonia vocálica, alongamento compensatório, apagamentos diversos, tanto de vogais como de consoantes, fusão e elisão de vogais.

A seguir, damos exemplos de cada um dos processos mencionados.

a) desvozeamento de oclusiva

i) A oclusiva coronal sonora /d/ muda para [t] antes de consoante surda.

1)

[ik^hetdot'k'ia]

/i= k^hete -dode -ka/

1SGS= achar -NEG -IND

Eu não acho.

¹⁵ Esta afirmação será revista na seção 2.

b) palatalização

i) As oclusivas /t/, /d/ passam a [tʃ] e [dʒ] depois de uma vogal anterior alta /i/.

2)

[etʃitʃo'wa]

/e= tʃi -towa/

3SGS= chegar -PART

O que chega.

3)

[titʃidʒo'wa]

/titʃi -dowa/

novo -PART

rapaz

ii) A oclusiva /k/ → [kʲ] quando uma vogal anterior alta precedente é apagada.

4)

[tʰa tʃkia'se]

/tʰa= tʃi -ka -se/

3SGS= chegar -IND -PAS

Eles chegaram.

c) labialização

i) As oclusivas /t/, /d/ → [tʷ], [dʷ], respectivamente, nos sufixos /-towa/ e /-dowa/.

5)

[se'tsotʷa]

/setso -towa/

índio -MIS

Os índios.

6)

[kʰle'tʃadʷa]

/kʰletʃa -dowa/

cantar -PART

cantor

ii) A oclusiva /k/ → [kʷ] quando uma vogal posterior média alta precedente é apagada.

7)

[e'kʰkʷa]

/e= kʰo -ka/

3SGO= beber -IND

beber

d) alongamento compensatório

i) duas vogais breves iguais passam a vogal longa em fronteira de morfemas, devido ao apagamento de /h/.

8)

[i 'tak 'nã:ne 'te]

i= ta= ke naha -ne te

1SGS= 3SGO= LOC.POSP ver -CAUS FIN

Para eu mostrar a ela.

ii) uma vogal oral breve passa a longa nasal em fronteira de morfema quando um morfema da forma /-ne/ é apagado.

9)

[tetʃi'dzõ:kja]

/tetʃidzo -ne -ka/

satisfeito -FAC -IND

Estar satisfeito.

iii) uma vogal breve passa a vogal longa quando uma sílaba é apagada em posição medial de palavra ou na fronteira entre uma palavra e uma posposição¹⁶.

10)

[o:'ke]

/owe -ke/

eu -LOC

Comer

11)

['ko:te]

/kohõ -te/

mão -INST

Com a mão

¹⁶ Esse processo, na verdade, não será considerado na nossa análise. Nessa fronteira, entre nome e posposição, o alongamento não se efetua. Em vez disso, ocorrem duas vogais, como, por exemplo em /o'we 'ke/, que se realiza como [o'o 'ke].

12)

['fo:ke]

/fowa -ke/

pedra -LOC

Na pedra

13)

['fe:ke]

/feja -ke/

terra -LOC

Na terra

e) nasalização

i) uma vogal antes de uma consoante nasal nasaliza-se.

14)

['nẽma]

/nema/

então

f) elisão de vogal

Vogais são elididas em fronteiras de morfemas e de palavras.

15)

[fale'tseja]

/fale etsɛja/

pato amarelo

16)

[ɔts'kalka]

/ɔtska elka/

homem ruim

g) harmonia vocálica

A vogal do morfema de gênero feminino /-sV/, não especificada, assimila todos os traços da vogal da sílaba precedente.

17)

[o'we]

o -we

eu -MASC

Eu

18)

[o'so]

o -so

eu -FEM

Eu

19)	20)
[a'we]	[a'sa]
a -we	a -sa
tu -MASC	tu -FEM
<i>Tu</i>	<i>Tu</i>

21)	22)
['sawho]	[saw'hoso]
sawe -ho -ø	sawe -ho -so
brigar -PART -MASC	brigar -PART -FEM
<i>Guerreiro</i>	<i>guerreira</i>

Em relação ao acento, considerando o estudo de Cabral (2009), que trata do acento lexical, o Yaathe é uma língua que coloca o acento em uma das duas últimas sílabas da palavra. A atribuição do acento, no nível do léxico, é arbitrária, o que quer dizer que é fonológico. O sistema de acentuação da língua de forma mais detalhada não foi ainda investigado em trabalhos anteriores.

i) palavras acentuadas na última sílaba.

23)	
a. [ka'sa]	<i>filha</i>
b. [t ^h ɛ't ^h ɛ]	<i>bico</i>
c. [dat'ka]	<i>chefe</i>
d. [fuli'k ^h a]	<i>Rio Ipanema (rio largo)</i>
e. [natsa'ka]	<i>feijão</i>
f. [k ^h ɛ:lɛ'ka]	<i>ombro</i>

ii) palavras acentuadas na penúltima sílaba.

24)

- | | |
|-----------------|----------------|
| a. [ˈoʃa] | <i>mosca</i> |
| b. [ˈtaʃi] | <i>dente</i> |
| c. [ˈtkãno] | <i>dois</i> |
| d. [seˈtsõ:kʲa] | <i>índia</i> |
| e. [maˈdʒõ:kʲa] | <i>morcego</i> |
| f. [seˈkehe] | <i>lugar</i> |

1.2 A Morfologia

Nesta subseção, apresentamos um resumo da morfologia do Yaathe, conforme descrito em Costa (1999). Vamos nos deter, por interessar mais especificamente ao nosso trabalho, em classes de palavras, flexão e/ou derivação.

As classes de palavras principais são nomes, verbos, adjetivos e advérbios. As outras palavras são definidas como classes menores, chamadas de operadores de conexão de sentenças, pronomes e outras pró-formas, quantificadores e auxiliares.

1.2.1 Nomes

Há duas classes de nomes, de acordo com a possibilidade de marcação em termos de posse: não possuídos e possuídos. São possuídos os nomes que referem a partes do corpo humano e a relações de parentesco.

a) não possuídos

25)

- | | |
|----------------------------|---------------|
| a. [fe: ˈtʃa] | <i>sol</i> |
| b. [ɔtsˈka] | <i>homem</i> |
| c. [jaˈded ^w a] | <i>menino</i> |

b) possuídos

26)

- a. [i 'fehe] *meu pé*
 b. [i 'fo] *meu marido*
 c. [i 'ka] *meu filho*

Alguns nomes de objetos podem também ser tratados como inalienáveis, são nomes como casa, conforme exemplo abaixo.

27)

[ja ti]

/ja= ti/

1PLPOS= casa

Nossa casa.

O gênero pode ser indicado por sufixos, apresentando-se três formas para o feminino. O masculino é a forma não marcada¹⁷:

i) /-ne/

- 28) [wa'le] [wa'lêne] *porco/porca*

ii) /-sV/

- 29) a. [sekej'niho] [sekej'ni:so] *professor/professora*
 b. [i'ka] [ika'sa] *filho/filha*

iii) /-neka/

- 30) [ja:'ded^wa] [ja:dedõ:kia] *menino/menina*

¹⁷ A escolha da forma pode ser devida a propriedades formais ou semânticas do nome, fato não investigado nos trabalhos que utilizamos.

Há um sufixo com propriedades semânticas de coletivo, uma vez que indica dois ou mais indivíduos de ambos os gêneros, conjuntamente: [to'wa].

- 31) [i'tfɛtʷa] *meu pai e minha mãe*
 32) [se'tsotʷa] *um grupo de índios e índias*

O sufixo /-wa/ associado à palavra nominal indica diminuição, afetividade, carinho.

- 33) [i'ka] [i'kawa] *meu filho/meu filhinho*

O sufixo /-sato/¹⁸, marca o plural, conforme exemplos abaixo.

- 34) [ɔts'ka] *homem* [ɔtska'sato] *homens*
 35) [tʃaj] *mulher* [tʃaj'sato] *mulheres*

O sufixo /-ʎa/ significa deferência, reconhecimento do *status* do referente ou do interlocutor.

- 36) [keʃat'ka] [keʃatka'ʎa] *lugar/lugar sagrado (Ouricuri)*
 37) [ɔtʃajto'wa] [ɔtʃajtowa'ʎa] *branco/ branco respeitável*

O sufixo /-na/ significa exclusividade.

- 38) ['nato] [na'tõna] *mel/só mel*

O sufixo /-do'wa/, quando associado a um nome, forma um novo nome que é a sua privação.

- 39) ['edʒa] [e:dʒa'dʷa] *erro/o sem erro (Deus)*
 40) [e'fo] [efodo'ãne] *marido/ a sem marido (mulher solteira)*

¹⁸ Como resultado da discussão de palavra fonológica, a forma /'sato/ deverá ser reinterpretada como uma palavra autônoma. Teremos, assim, [ɔts'ka 'sato] *homens*. Como reinterpretamos, após a nossa análise, diversos fatos apresentados nesta seção, remetemos o leitor para a seção 3, sobre a palavra fonológica, para esclarecer os aspectos que sofreram revisão.

Novos nomes também podem ser formados a partir de raízes verbais pela adição de sufixos classificados como participípios. São três esses sufixos.

i) /-ho/ forma nomes derivados de raízes verbais agentivas, ou seja, palavras verbais que referem a eventos realizados por um sujeito agente.

41) ['sawkʰa] ['sawho] *matar/guerreiro*

ii) /-do'wa/ forma nomes derivados de raízes verbais passivas, ou seja, palavras verbais que referem a eventos sofridos por um sujeito paciente.

42) [kɫɛtʃa'ka] [kɫɛ'tʃadʷa] *cantar/cantor*

iii) /-se/ pode ser adicionado a qualquer classe de raízes verbais, derivando nomes que referem a instrumento, locação, etc..

43) [ɛfni'ka] [se'fnise] *olhar/espelho*

44) [kʰejni'ka] [sekʰej'nise] *ensinar/escola*

No quadro abaixo, podemos ver a morfologia do nome, baseado nas considerações de Costa (1999).

Quadro 3 - Morfologia do nome

QUADRO 3		Morfologia do nome				
Raiz	Sufixos					
Verbal	(agente)	(gênero)	(avaliação)	(plural)	(status)	(exclusividade)
	(paciente)					
	(locativo)					
Nominal	(privação)					

1.2.2 Verbos

Palavras classificadas como verbos, em Yaathe, podem ser agrupadas, morfológicamente, nos seguintes tipos:

i) formas gerais, isto é, sem quaisquer particularidades morfológicas, que podem ser mono-, bi- ou trivalentes.

- 45) [ekil'kia] subir
- 46) [eki'ka] tirar
- 47) [eko'ka] dar

ii) formas cristalizadas com um elemento /-sa/, de valor reflexivo ou recíproco.

- 48) ['sawkia] *lutar*
- 49) [sa:t^hat'kia] *conversar*

iii) formas cristalizadas com um sufixo /-ne/, causativo ou factivo.

- 50) [lɛ:ne'ka] *arrancar*
- 51) [wɛ:ne'ka] *abrir*

iv) formas adjetivais

- 52) [eka'ka] *é bom*
- 53) [eka'kahe] *será bom*
- 54) [ekak'ka] *está bom*
- 55) [ekak'kahe] *estará bom*

v) verbos existenciais

- 56) [ik'sã:kja] *Eu tenho.*
 57) [ta'ksã:kja i't^hlo] *O cachorro é dele.*

As formas verbais podem ser modificadas tanto derivacional quanto flexionalmente, por morfemas sufixais que expressam uma ampla gama de significados. Clíticos pronominais proclíticos funcionam como marcadores de pessoa e número, bem como de funções sintáticas, e não foram considerados como parte da palavra gramatical verbo.

Nas subseções a seguir, damos exemplos de formas verbais constituídas com os sufixos apresentados na ordem em que eles ocorrem para a constituição da palavra verbal.

1.2.2.1 Sufixos derivacionais

Os sufixos derivacionais são, basicamente, modificadores adverbiais. Eles preenchem a posição imediatamente seguinte à raiz, modificando o sentido dessa raiz de formas diversas, acrescentando informação nova. Nos exemplos que seguem, não apresentamos a forma fonética, dado que essas formas não estão dadas na fonte a que recorreremos.

Negação

- 58)
 /i= sa:t^hat^he -**dode** -ka/
 1SGS= conversar -NEG -IND
Eu não converso.

Atenuação

- 59)
 /ja= ke sa= ne -ka ja= ek^hde -ho -**wa** -sato -hle/
 1PLS= LOC.POSP EXPL= EXI-IND 1PLPOS= saber -AG -ATEN -PL -IMED
Nós temos os nossos que sabem um pouquinho já.

Intensificação

60)

/ja= ke sa= ne -ka ja= ek^hde -ho -**wati** -sato -hele/

1PLS= LOC.POSP EXPL= EXI-IND 1PLPOS= saber -AG -INTENS -PL -IMED

*Nós temos os nossos que já sabem muito.***Deferência**

61)

/i= samlêne -te owa k^ho/kiã -**la** alaj/

1SGS= misturar -INF DEM palha -DEF COMP.POSP

*Para eu misturar com essa palha.***Desideração**

62)

/t^ha= ja= fle -**taka** -ka/

3SGS= 1PLO= acabar -DES -IND.

*Eles querem acabar conosco.***Permissão**

63)

/i= ko -**tne** -ka/1SGS= dar -**PRMI** -IND*Eu aceito dar.***Causativização**

64)

/ɔtska jadedwa kfafa -**ne** -ka/

homem menino dormer -CSTV -IND

*O homem faz o menino dormir.***Imediatividade**

65)

/seja satʃidzone -ho -so ta= samake -**da** -ka/

moça namorar -AG -FEM 3SGS= casar -IMD -IND

Moça que namora casa logo.

Plural

66)

/ja= ke sa= ne-ka ja= ek^hde -ho -wati -sato -hele/

1PLS= LOC.POSP EXPL= EXI-IND 1PLPOS= saber -AG -INTENS -PL -IMED

Nós temos os nossos que já sabem muito.

Velocidade

67)

/e= tʃi -ma t^ha= tʃito -hane -ka -se -hele

3SGS= chegar -TEMP.PART 3PLS= atirar -VEL -IND -PAS -IMED

Quando ela chegou, eles já atiraram rapidinho/ no mesmo instante.

1.2.2.2 Sufixos flexionais

Os sufixos flexionais são morfemas que veiculam noções de modo, tempo, aspecto e modalidade, entre outras.

1.2.2.2.1 Sufixos de modo

Os sufixos que expressam o modo da forma verbal ocupam a posição em seguida à raiz, ou, no caso de esta ter sofrido modificação por um (ou mais de um) dos sufixos derivacionais, depois desses sufixos.

Indicativo

68)

['dʒoske liku 'liʎa 'ke i a fo: 'ja ko 'kahe]

/i= o -seke likuli -ʎa ke i= a= fo:ja ko -ka -he/

1SGS= ir -SUBJ ouricuri -DEF LOC.POSP 1SGS= 2SGO= colher dar -IND -FUT

Se eu for no Ouricuri eu dou a colher a você.

Imperativo

69)

[aedãne'fĩ]

/a= e= dane -fi/

2SGS= 3SGO= bater -IMP.

*Bata nele.***Assertivo**

70)

[iek^hdede'do]/i= ek^hede -dode -do/

1SGS= saber -NEG -ASS

*Eu não sei mesmo.***Assertivo/futuro**

71)

['dʒõne]

/i= o -ne/

1SGS= ir -ASS.FUT

*Eu irei.***Infinitivo**

72)

[ejni'fĩ 'dʒote i 'ti 'tuj]

/ejni -fĩ i= o -te i= ti tuj/

esperar -IMP 1SGS= ir -INF 1SGPOS= casa DIR.POSP

Espera eu ir para casa.

Simultaneidade

73)

[t^ha 'tʃmã sa'ke t^ha tʃa'ka'hlede]/t^ha= tʃi -**ma** sake t^ha= tʃa -ka hle dehe/

3SGS= chegar -SIM junto 3SGS= encontrar -IND IMED ADM

Quando eles chegaram já se encontraram!

Condicional

74)

[fli'tʃa tdnisekeke'a dzokake'a 'iwte]

/flitʃa tɔni -seke -**kea** i= o -ka -**kea** i= o -te/

chuva sair -SUBJ -COND 1SGS= ir -IND -COND 1SGS= ir -INF

Se a chuva parasse eu iria sair.

1.2.2.2.2 Sufixos de tempo

Tempo é expresso por sufixos que se agregam à última posição da forma verbal, marcando o limite da palavra gramatical verbo.

Presente

75)

[i fe:'tõ:kia o'wa fe'ja te]

/i= feetone -ka -**ø** owa feja te/

1SGS= trabalhar -IND -PRES esta terra INSTR.POSP

Eu trabalho nesta terra.

Passado

76)

[ja:'ded^wa no'kase tʃ^hlek'tuj]/jaded^wa no -ka -**se** tʃ^hleka tuj/

menino ir -IND -PAS árvore DIR.POSP

O menino foi para a árvore.

Futuro

77)

[sõma ikfaf'kahe o:'ke]

/soma i= kfafa -ka -he owe ke/

amanhã 1SGS= dormer -IND -FUT 1SGPRON LOC.POSP

Amanhã eu dormirei aqui.

1.2.2.2.3 Sufixos tempo/aspecto

Três sufixos expressam noções temporais, mas carregam um sema de aspecto. São os sufixos /-la/, passado remoto imperfeito, o sufixo /-k^hia], que expressa noção de tempo passado e aspecto imperfeito, e o sufixo /-k^hane/, com valor continuativo em qualquer tempo.

Cada um desses morfemas apresenta comportamento diferentes. Enquanto /-la/ tem posição fixa imediatamente depois da raiz ou do tema, /-k^hia/ pode ocupar essa posição, mas pode ainda ocorrer na posição de morfema de tempo ou coocorrer com o morfema de tempo passado /-se/. O morfema /-k^hane/ comporta-se do mesmo modo que os morfemas derivacionais.

Passado remoto

78)

['neho de t^ha klefĩla'ka 'dehe 'fuli i 'sej foã'nej]/neho de t^ha= klefĩ -la -ka dehe fuli i se i fowane i/

isso FON.POSP 3SGS= passear -PAS.REM -IND ADM rio TRAJ mato TRAJ serra TRAJ

Então eles passeavam frequentemente pelo rio, pelo mato, pela serra.

Passado/Imperfeito

79)

[i natsa'ka te le:nek^hia'ka]/i= natsaka te le:ne -k^hia -ka/

1SGS= feijão INSTR.POSP arrancar -IMPF -IND

Eu arrancava feijão.

Continuativo

80)

[i fõẽ: 'kã:k'ia o'wa 'fuli ke]

/i= fõene -k^hane -ka owa fuli ke/

1SGS= pescar -CONT -IND -PRES este rio LOC.POSP

Eu ainda pesco neste rio.

1.2.3 Adjetivos

Costa (1999, p. 131) afirma o seguinte sobre os adjetivos em Yaathe:

A classe de adjetivos em Yaathe é fechada, com poucos membros. Os adjetivos verdadeiros são, como na maior parte das línguas do mundo, aqueles que codificam propriedades mais prototípicas: tamanho, forma, textura, avaliação, cor, distância e gosto.

Os adjetivos verdadeiros são nomes, a notar pela marca de definição, ou são derivados de nomes, pela presença do sufixo /-ja/ _ esse sufixo varia como /-a/ e /-wa/. Agora, há expressões adjetivais que são codificadas em formas verbais terminadas em /-ka/ e outras em /-dowa/. As formas terminadas em /-ka/ apontam para características mais dinâmicas, enquanto que as formas terminadas em /-dowa/ para características menos dinâmicas. Por isso, acreditamos haver uma distinção aspectual entre as duas formas de caracterização, principalmente se levarmos em conta que essas formas de expressão são, na verdade, formas verbais.

Como a morfologia do adjetivo, em Yaathe, é igual à do nome, podemos supor que a origem do adjetivo, nessa língua, tenha sido o nome. Entretanto, deve-se também notar que os significados adjetivais representados por elementos de superfície com forma verbal não recebem as marcas morfológicas do nome – a menos que essas formas sejam participiais.

Adjetivos, em predicados nominais (estado), ou verbais (mudança de estado), podem receber categorias como tempo, no primeiro caso, e tempo e modo, no segundo, mas não aspecto, aproximando-se, assim, mais dos nomes do que dos verbos.

Nota-se, nessa descrição, certa indefinição quanto a uma tomada de decisão entre colocar os adjetivos na classe dos nomes ou na classe dos verbos.

Sendo adjetivos uma classe híbrida, optamos por considerar que palavras como adjetivos, isto é, palavras que expressam propriedades dos seres, constituem raízes que podem ser atualizadas como nome ou como verbo no discurso, dependendo da sua inserção na estrutura sintática. Sendo Yaathe uma língua sem cópulas, poderia ser interessante considerar adjetivos como uma classe de verbos. Entretanto, há situações em que os adjetivos se comportam como nomes, uma vez que recebem sufixos que são categorizados nominalmente, como gênero, podendo, inclusive, ser a única evidência quanto ao gênero de um nome, uma vez que poucas palavras são marcadas com relação a essa categoria morfológica, como podemos ver no exemplo abaixo.

81)

[fɛ'tʃa tʃʰɔlo'ãne 'ke]

/fɛtʃa tʃʰɔloa -ne ke/

sol quente -FEM LOC.POSP

no sol quente

1.2.4 Advérbios

Apenas uns poucos significados são expressos por formas que podem ser consideradas verdadeiros advérbios ou advérbios simples:

– lugar:

82) ['ũna] *cá*83) ['ufa] *lá*

–velocidade:

84) [ekũmã'sãj] *devagar*

– tempo:

85) ['hle] *já, agora* (PART/ CONJ. SUBORD)86) [kas'ke] *novamente* (REPETIÇÃO)

A maior parte dos significados adverbiais é codificada em pronomes e nomes, que recebem marcação de caso.

87)

[o:'ke]

/owe ke/

eu LOC.POSP

aqui (Lit.: em mim)

88)

[ja'ke]

/ja= ke/

1PL= LOC.POSP

aqui (Lit.: em nós)

– nomes

89)

[et^ha'ke]

/e= t^ha ke/

REF.DEF= cima LOC.POSP

Em cima.

90)

[e'fk^hede]

/e= fk^he de/

REF.DEF= baixo FON.POSP

Debaixo.

1.2.5 Classes menores

As classes menores que aparecem como palavras independentes são operadores de conexão de sentenças, pronomes e outras pró-formas, quantificadores e auxiliares.

De acordo com Costa (1999), o Yaathe é uma língua que se aproxima mais do extremo sintético do que do extremo analítico na escala. Isso porque há uma grande parte dos seus significados expressa por afixos e as classes abertas clara e amplamente reconhecidas, morfológica e sintaticamente, são apenas duas: nomes e verbos.

1.2.5.1 Operadores de conexão de sentenças

Os operadores de conexão de sentença apresentam, na maior parte, formação como verbos, sendo formas complexas constituídas a partir de elementos dêiticos. Costa (1999) diz que por ser difícil a recuperação dessa composição e, por outro lado, por considerar que esses elementos estão cristalizados na língua com o valor de conectores, serão, então, tratados como tal.

1. conjunção

91)

/i= tfe ne:de i= sia t^ha= tkano et^hua -ka/

1SGPOS= pai CONJ 1SGPOS= mãe 3PLS= dois amar -IND

Meu pai e minha mãe eles dois se amam.

92)

/ũtima i= ka e= fut̥fi -ka -se kfaja de nema
 ontem 1SGPOS= filho 3SGS= cair -IND -PASS cama FON.POSP CONJ
 e= kumasene -ka -se
 3SGS= gritar -IND -PAS
Ontem meu filho caiu da cama, então ele gritou.

A língua apresenta um número muito grande de palavras que funcionam como operadores de conexão de sentença. Quase todas essas palavras são formadas por sufixação, a bases verbais ou nominais, de categorias modificadoras, conforme exemplos abaixo.

93)

- a. [neses'de] *depois de*
 b. [neka'sej] *desde então*
 c. [neho'de] *a partir disso*
 d. [neka'dõ:ma] *depois disso*

1.2.5.2 Pronomes e outras pró-formas

As palavras que são consideradas pronomes em Yaathe são pronomes pessoais, divididos em duas classes: clíticos e formas livres.

Os clíticos podem exercer funções sintáticas na sentença e podem indicar posses nos nomes.

Quadro 4 - Clíticos pronominais

QUADRO 4	Posse	Argumentos
SINGULAR	i	i
	a	a
	e	ta/e
PLURAL	ja	ja
	wa	wa
	t ^h a	t ^h a
REFLEXIVO/RECÍPROCO	sa	sa

94)

[isdejto'wa]

/i= sidej -towa/

1SGS= preguiça -PART.NEU

Eu sou preguiçoso.

95)

[i'sja]

/i= sia/

1SGPOS= mãe

Minha mãe.

96)

[ja:'ded^wa 'sato sa tul'k'ase]/jaded^wa -sato sa= tuli -ka -se/

menino -PL REF cortar -IND -PAS

Os meninos cortaram-se.

97)

[t^ha tʃaka'hle 'dehe sa'ke t^ha 'tʃise de]/t^ha= tʃa-ka hle dehe sake t^ha= tʃi -se de/

3SGS= juntar IMED ADM junto 3SGS= chegar -PART.ADV.LOC POST

Eles já se juntaram com eles depois que eles chegaram.

Os pronomes pessoais, que mostramos no quadro 5, são formas livres, pois podem ser enunciadas isoladamente.

Quadro 5 - Pronomes pessoais

QUADRO 5	Masculino	Feminino
Singular	o'we	o:'so
	a'wa	a:'sa
	'sa	sa'sa
Plural	jo'o	
	wo'o	
	t ^h o'o	

No quadro 6, abaixo, mostramos os pronomes demonstrativos.

Quadro 6 - Pronomes demonstrativos

QUADRO 6		HUMANO/N-HUMANO		HUMANO		N-HUMANO	
		M	F	M	F		
Singular	1	ow'a	ow'a-to'sa				
	2	aw'a	aw'a-to'sa				
	3	'tʃana	'tʃana-to'sa	'neho	'neho'so		ne'ka
		'tʃ ^h ua					
Plural	1						
	2						
	3	'tʃana-tow'a					
		referenciais/determinantes					correferenciais

Também são considerados pró-formas as palavras usadas para fazer questões e as palavras usadas para responder a questões, como mostrado nos exemplos a seguir.

98)

['tʃãna ɔts'kãma a'tfe]

/tʃana ɔtska -ma a=tfe/

aquele homem -INT 2SGPOS= pai

Aquele homem é teu pai?

99) [ã'hã] *sim*

100) ['i:jo] *não*

101)

['ãma wal'ka 'nede lahi'ãne et^hu'a/

/a= -ma walka nede lahiane et^hua/

2SGS= -INT manga CONJ jaca gostar

Você gosta de manga e jaca?

102) [la'he] *também*

Abaixo, damos uma lista de palavras para interrogar.

103)	['to]	<i>quê?</i>
104)	['tohe]	<i>o que é</i>
105)	[na'fĩ]	<i>quem?</i>
106)	['tõ:k'ia]	<i>quando?</i>
107)	[to'ke]	<i>por quê?</i>
108)	['tote]	<i>qual?</i>
109)	[tõna'te]	<i>quantos?</i>
110)	[na:'ti]	<i>como?</i>
111)	[to:'nãna]	<i>quanto?</i>
112)	[ũ'naj]	<i>por onde?</i>

Em Yaathe, Costa registrou os seguintes quantificadores, observando que uma parte deles segue, enquanto outras precedem, o nome

113)	[etka'l ^w a]	<i>alguns</i>
114)	[lali'a]	<i>vários</i>
115)	[nẽ:do'a]	<i>tanto</i>
116)	[ek ^h to'a]	<i>todos</i>
117)	['awde]	<i>tudo</i>
118)	[e'fewde]	<i>poucos</i>
119)	[e'k ^h la]	<i>muitos</i>
120)	[fat ^h o'ãne]	<i>um /uma</i>
121)	['tkãno]	<i>dois</i>
122)	[li'fĩno]	<i>três</i>
123)	[k ^h le'he]	<i>primeiro</i>
124)	[u'fĩ]	<i>último</i>

1.2.6 Processos de formação de palavras

Na seção sobre nome, vimos que nomes podem ser derivados de raízes verbais pela aposição a essas raízes – ou tema – de um morfema nominalizador. Aqui, resumiremos outros processos de formação de palavras na língua.

Novos nomes são, normalmente, formados por processos de composição (125) e 126)) ou por descrições (127) - 128)).

125)

['koho si 'li]

/koho sili/

mão enfeite

Enfeite de mão/pulseira

126)

[t^hlo'wa 'hesa]

/t^hlowa hesa/

faca grande

Facão

127)

[fli'tʃa etʃa'ka tʃa'ja 'sato]

/flitʃa e= tʃa -ka tʃaja -sato/

chuva 3SG= cair -IND dia -PL

Dias que chuva cai/inverno

128)

/ta fe:'tʃa ne'ka tʃa'ja 'sato]

/ta= fe:tʃa ne -ka tʃaja -sato/

3SG sol fazer-IND dia -PL

Dias que ele faz sol/verão

Um novo verbo pode ser formado a partir de um nome pela aposição do sufixo /-ne/, morfema de causativização, a uma raiz nominal, conforme exemplo abaixo.

129)

[wal'kã:kia]

/walaka -ne -ka/

manga -FAC -IND

Mangar/zombar

Dada uma raiz (nominal ou verbal), pode-se derivar um adjetivo ou um verbo pela aposição do sufixo ['a] ou ['ka]¹⁹.

1.3 A Sintaxe

A ordem básica dos constituintes na cláusula é sujeito-objeto-verbo (SOV).

A estrutura sintática do Yaathe é do tipo cindida. Os verbos transitivos (130a e b) e os intransitivos ativos (131a e b) recebem uma marca de sujeito que é diferente da marca de sujeito dos verbos intransitivos passivos (132a e b), embora essa marcação só possa ser evidenciada na 3ª pessoa do singular.

130)

a. [ɔts'ka klekej'ni:so ew'k'ase]

/ɔtska klekejni:so e= we -ka -se

homem onça 3SGO= matar -IND -PAS

O homem matou a onça.

b. [ta klekej'ni:so ew'k'ase]

/ta klekejni:so e= we -ka -se

3SGS onça 3SGO= matar -IND -PAS

Ele matou a onça.

Os verbos intransitivos ativos comportam-se como os verbos transitivos em que a marca de sujeito na terceira pessoa do singular é /ta=/, conforme exemplos 131) a-b e 132) a-b.

¹⁹ A aposição do sufixo [a] é bastante para a formação de um adjetivo. A aposição de [ka] a uma raiz cria um verbo na sua forma de citação, que pode ser modificada para expressar outras noções próprias da forma verbal. Por isso, talvez fosse mais adequado dizer-se que um novo verbo pode ser criado a partir de uma raiz nominal com a adjunção de qualquer categoria verbal – talvez excetuando-se tempo.

131)

a. [ɔts'ka fe:'tõ:k'ase]

/ɔtska fe:tone -ka -se/

homem trabalhar -IND -PAS

O homem trabalhou.

b. [ta fe:'tõ:k'ase]

/ta= fe:tone -ka -se/

3SGS= trabalhar -IND -PAS

Ele trabalhou.

132)

a. [ɔts'ka kfaf'kase]

/ɔtska kfafa -ka -se/

homem dormir -IND -PAS

O homem dormiu.

b) [e kfaf'kase]

/e= kfafa -ka -se/

3SGS= dormir -IND -PAS

Ele dormiu

Alguns verbos intransitivos ativos formam construções com apenas um argumento ou com dois argumentos. No caso de um só argumento, esse argumento é marcado como instrumental (133)); se houver dois argumentos, o argumento com função temática paciente é marcado como instrumento (134)).

133)

['kleʃa te wene'kase]

/kleʃa te wene -ka -se/

igreja INSTR abrir -IND -PAS

A igreja abriu.

134)

[klai'ʃiwa 'kleʃa te wene'kase]

/klaiʃiwa kleʃa te wene-ka -se/

padre igreja INSTR abrir -IND -PAS

O padre abriu a igreja.

Certos verbos bitransitivos podem constituir dois tipos diferentes de construções. Em uma dessas construções, o receptor é marcado como locativo pela posposição /ke/ e pode ocupar qualquer posição na cláusula (135)), enquanto na outra o receptor é expresso por um clítico pronominal que não é marcado e ocupa a segunda posição na cláusula (136)).

135)

[sekej'ni:so wa'pela ko'kase ja:'ded^wa 'ke]/sekejni:so wapela ko -ka -se ja:ded^wa ke/

professora livro dar -IND -PAS menino LOC.POSP

A professora deu o livro ao menino.

136)

[ta ja ko'kase wa'pela]

/ta= ja= ko -ka -se wapela/

3SGS= 2PLO= dar -IND -PAS livro

Ele nos deu o livro.

Não havendo cópula em Yaathe, os constituintes de uma cláusula nominal ou adjetival são apenas justapostos. Para marcar o tempo da situação expressa, marcas de tempo são adicionadas ao segundo elemento da cláusula. Esse tipo de construção corresponde a construções do tipo *ser*, conforme exemplos 137) e 138).

137)

[eka'kase]

/e= kaka -se/

3SGS= bom -PAS

Foi bom.

138)

[ʃi'se da'tkahe]

/ʃise datka -he/

Xisê chefe -NPAS

Xisê é o chefe.

Raízes com propriedades adjetivais podem, ainda, constituir cláusulas que expressam mudança de estado. Para isso, a raiz pode receber as mesmas categorias morfológicas que os verbos das classes principais. Esse tipo de construção corresponde a construções do tipo *estar*.

139)

['do:kja tʰɔlɔ:'ka]

/do:kja tʰɔlowa -ka/

panela quente -IND

A panela está quente.

Nesta seção apresentamos, conforme já dissemos, um panorama geral da gramática do Yaathe a partir de trabalhos pré-existentes e, por essa razão, as descrições e interpretações para muitos desses fenômenos serão revistas a partir da análise que estamos propondo.

SEÇÃO 2: A SÍLABA E O PÉ MÉTRICO

Conforme já mencionamos, o modelo teórico que tomamos como base para a análise é a fonologia prosódica, principalmente a partir de Nespor e Vogel (1986). O modelo da fonologia prosódica assume que sílabas não são agrupadas diretamente em palavras, mas em vez disso são agrupadas em um constituinte intermediário, o pé. A maioria dos argumentos em favor do pé na fonologia gerativa, e em particular na teoria métrica, baseia-se na atribuição do acento. Isto é, o pé foi considerado fundamental na determinação das posições de sílabas acentuadas e sílabas não acentuadas. O pé também pode ser o domínio de outros tipos de regras fonológicas.

Em termos gerais, a formação de um pé pode ser caracterizada como consistindo de uma sequência de uma sílaba forte e qualquer número de sílabas relativamente fracas dominadas por um mesmo nó. Em termos de quantidade de sílabas por pé, uma língua pode ter pés binários, consistindo em duas sílabas cada um, ou pés ilimitados, constituídos por qualquer número de sílabas. Há também a possibilidade de uma língua com pés binários também ter pés ternários, embora esta opção seja marcada e as posições nas quais pés ternários podem ocorrer tendem a ser bastante limitadas. Um outro tipo de pé que pode também ser encontrado é o pé degenerado, que pode ser definido, a princípio, conforme Hayes (1985, p.85), como sílabas leves únicas em sistemas que respeitam peso silábico (iambos e troqueus móricos) e sílabas únicas em sistemas insensíveis à quantidade (troqueus silábicos).

Adotamos aqui a descrição da sílaba em Yaathe a partir de Silva (2011), a mesma que consta na Seção 1 desta tese e, assim, não a retomaremos aqui.

2.1 O acento

As línguas do mundo podem ser classificadas, de acordo com o modo como é assinalada a proeminência relativa dos seus enunciados, em dois tipos²⁰: i) línguas *pitch-accent* e ii) línguas *stress-accent*. Em línguas *pitch-accent*, o indicador primário da proeminência relativa é o *pitch*. Os correlatos fonéticos da proeminência relativa são de difícil

²⁰As línguas tonais não são aqui consideradas.

estabelecimento em línguas *stress-accent*, pois diferentes propriedades fonéticas, como duração, *pitch* e intensidade, podem ser utilizadas nessa função.

Não nos preocuparemos, por enquanto, com definir as propriedades fonéticas que assinalam a proeminência relativa em Yaathe. Consequentemente, também não nos preocuparemos aqui em estabelecer se a língua é de um ou outro tipo. Seguindo Ewen e Van der Hulst (2001, p. 196-197), utilizaremos o termo acento para caracterizar a propriedade abstrata de proeminência conforme esses autores indicam.

De acordo com Hayes (2009, p. 271), “Stress is generally taken to involve the force or intensity with which a syllable is uttered. Stress is also detectable from the many effects it has on segments, since it appears so often in the environment of segmental rules”. Com base em Hayes (Idem), observamos aqui algumas propriedades gerais do acento, relacionando-as aos fatos que se verificam em Yaathe.

No que diz respeito à culminatividade, consideramos que toda palavra – com exceção das palavras funcionais, como alguns tipos de determinantes, que são clíticos, isto é, apoiam-se na palavra de conteúdo e, em certo sentido, fazem parte dela para propósitos fonológicos – possui um acento principal. Em Yaathe, nomes, verbos, pronomes pessoais, pronomes demonstrativos e partículas, de modo geral, a princípio, apresentam esse acento principal.

O acento pode ser fonêmico ou predizível. Quando o acento é fonêmico, há pares mínimos ou análogos; quando predizível, o acento recai sempre sobre a mesma sílaba, como em Francês, cujo acento da palavra é sempre sobre a última sílaba. Desse ponto de vista, costuma-se classificar as línguas em dois tipos principais: i) sistemas de acento livre, sistemas nos quais a colocação do acento não é predizível a partir da estrutura silábica da palavra; ii) sistemas de acento fixo, quando o acento parece recair sempre sobre uma determinada sílaba na palavra. (Cf. EWEN e VAN DER HULST, 2001, p. 207). Ewen e Van der Hulst (2001, p. 208) fazem notar que “(...) the terms fixed vs. free accent refer to extreme situations that are probably not encountered in any language in an absolute sense”.

Em Yaathe, o acento no nível lexical pode ser considerado fonêmico, uma vez que são encontrados pares mínimos, conforme demonstrado pelos exemplos 140) a-b e 141) a-b, de Cabral (2009).

140)

- a. [ˈe:tʰo] *avô*
- b. [eˈtʰo] *rosto*

141)

- a. ['sa:de] *é mesmo*
 b. [sa'de] *coitado*

Exemplos coletados para este trabalho, através de elicitación, também ilustram esse tipo de ocorrência, conforme a seguir.

142)

- a. <tatxha> [ta'tʃ^ha] *lenha*
 b. <tatxha> ['tatʃ^ha] *espírito*

143)

- c. <elka> [el'ka] *ruim*
 d. <elka> ['elka] *medo*

144)

- e. <thulkya> [t^hul'k^ja] *cortar*
 f. <thulkya> ['t^hulk^ja] *arara*

145)

- g. <exkya> [eʃ^j'k^ja] *rápido*
 h. <exkya> ['eʃ^jk^ja] *achatado*

(CIB_AUE_001)

Embora o acento recaia sempre sobre uma das duas últimas sílabas da palavra, ele não pode ser dito predizível, pois não é fixo. O acento em Yaathe é fonêmico, mas limitado em sua colocação, apresentando uma janela dissilábica do lado direito da palavra.

É provável que a morfologia tenha um papel na atribuição do acento, o que pode se dar de várias formas: algumas categorias gramaticais podem ser associadas com acento em uma sílaba particular, de modo que nomes se comportam diferentemente de verbos e/ou determinados afixos exercem efeito sobre a atribuição de acento, sendo eles próprios acentuados ou não acentuados ou atraindo o acento para uma sílaba adjacente. Ainda assim, esse acento pode ser considerado fonêmico, uma vez que está previsto pelas propriedades lexicais da classe gramatical a que pertence a palavra.

De acordo com Hayes (2009, p. 273), “Where stress is predictable, we can characterize this by deriving it with phonological rules”. Como dissemos, em Yaathe, o acento pode recair sobre as duas últimas sílabas da palavra, a princípio imprevisivelmente, não havendo influência da estrutura silábica. No entanto, parece correto dizer que os falantes seguem regras quando sabem onde acentuar cada palavra do léxico. Para Yaathe, podemos dizer que há duas regras básicas de colocação do acento primário:

Acento primário

Regra 1: $\sigma \rightarrow \left[\begin{array}{l} + \textit{principal} \\ + \textit{acento} \end{array} \right] / (\sigma)_-$

Regra 2: $\sigma \rightarrow \left[\begin{array}{l} + \textit{principal} \\ + \textit{acento} \end{array} \right] / _-\sigma$

A regra, então, pode ser descrita como: atribua o acento à última ou à penúltima sílaba da palavra.

Vejamos os exemplos 146) e 147).

146) [wal'ka] *zombeteiro*

147) [,wal'kã:kia] *zombar*

(CIB_ELO_002)

A raiz nominal [wal'ka] é inerentemente acentuada. Assim, quando lhe são agregados os sufixos que derivam a forma verbal, [-ne] *causativização* e [-ka] *indicativo*, o acento tende a permanecer na raiz primitiva. Isso nos permite sugerir que o acento em Yaathe é lexicalmente atribuído às raízes e esse acento pode recair sobre a última ou sobre a penúltima sílaba da raiz. No caso de raízes monossilábicas, há as acentuadas e as não acentuadas. É esse mecanismo que atua para favorecer ou desfavorecer os processos de apagamento da vogal final da raiz, como descreveremos adiante, na subseção 2.2.2.

2.2 O pé métrico

Na subseção anterior, afirmamos que o acento é predizível em termos de janela acentual. Essa afirmação se mantém. Entretanto, sabemos que fatores adicionais podem ser considerados na atribuição do acento. Nomes comportam-se diferentemente de verbos, por exemplo. Enquanto em nomes (e outras formas não verbais básicas) o acento é fixo e não olha a estrutura da sílaba, em verbos a sufixação pode alterar a posição do acento, de acordo com as propriedades do afixo e modificação na estrutura silábica.

Descrevemos, a seguir, o acento em formas nominais, considerando a quantidade de sílabas por palavra, de modo a demonstrar-se, concomitantemente, a formação de pés métricos. Na seção seguinte, descrevemos o acento em formas verbais, considerando que a formação de pés obedece aos mesmos princípios observados em relação ao nome.

2.2.1 O acento em formas nominais

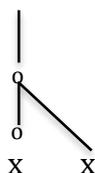
Aqui observamos a formação de pés, considerando o número de sílabas por palavras e a colocação do acento.

a) em palavra de duas sílabas, com acento na penúltima sílaba, é formado um troqueu, conforme exemplos em 148) a-c.

148)

- a. ['ta.tʃa] *lenha*
- b. ['kʰɔ.tsa] *porta*
- c. ['fe.he] *pé*

A representação de um pé trocaico é a seguinte:

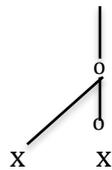


b) em palavras de duas sílabas com acento na última sílaba, forma-se um iambo, conforme exemplos em 149) a-f.

149)

- a. [to.'we] *fogo*
- b. [sɛ.'tʃi] *pele de animal*
- c. [sɛ.'to] *pássaro*
- e. [ke.'he] *banco*
- f. [kfa.'kʰe] *orelha*

A representação de um pé iâmbico é a seguinte:



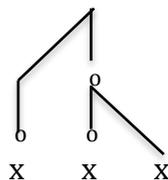
Esses são os dois tipos básicos de pés na língua.

c) em palavras de três sílabas com acento na penúltima sílaba, opera-se do mesmo modo que nos casos de palavras de duas sílabas, isto é, forma-se um troqueu, colocando-se o acento primário sobre a cabeça desse pé; a sílaba remanescente recebe acento secundário, constituindo, assim, um pé degenerado, conforme exemplos em 150) a-e.

150)

- a. [,wa.'pɛ.la] *livro*
- b. [,sɛ.'ko.do] *animal*
- c. [,ɛh.'di.di] *força*
- d. [,ɛ:.'lɛ.a] *branco*
- e. [,la.'he.le] *também*

A representação da atribuição de acento a palavras de três sílabas acentuadas na penúltima sílaba é a seguinte:

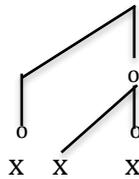


d) em palavras de três sílabas com acento na última sílaba, forma-se um iambo; a sílaba remanescente recebe acento secundário, constituindo um pé degenerado, conforme exemplos em 151) a-d.

151)

- | | |
|-------------------|----------------------|
| a. [,e.tse.'ka] | <i>pedaço</i> |
| b. [,fe.lo.'a] | <i>cinza</i> (subs.) |
| c. [,se:.'si.li] | <i>flor</i> |
| d. [,u.li.'a] | <i>riacho</i> |

A representação da atribuição de acento a palavras de três sílabas acentuadas na última sílaba é a seguinte:

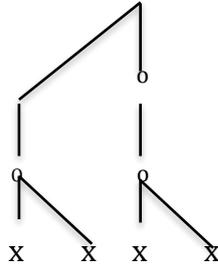


e) em palavras de quatro sílabas ou mais, coloca-se o acento primário do lado direito da palavra, e acentua-se secundariamente em sílabas alternadas, conforme exemplos 152) a-c; uma sílaba remanescente do lado esquerdo recebe acento secundário, conforme exemplos em 152) d.

152)

- | | |
|--|---------------------------------|
| a. [,kle.tal.'kã.ne] | <i>cobra venenosa</i> (espécie) |
| b. [el.,tʃo.so.'a] | <i>ovelha</i> |
| c. [el.,to.so.'a] | <i>medrosa</i> |
| d. [,so.,k ^h lo.ko.'dõ:.k'a] | <i>ano</i> (12 meses) |

A representação da atribuição de acento a palavras de quatro sílabas ou mais é a seguinte:



O modo como o algoritmo de acentuação opera pode ser resumido da seguinte forma:

i) observemos a palavra no nível lexical, conforme exemplos em 153) e 154).

153)

/tatʃ^ha/ *lenha*

154)

/kfa^kk^he/ *orelha*

ii) se a sílaba acentuada for a penúltima, forme um pé trocaico, exemplo 155); se a sílaba acentuada for a última, forme um pé iâmbico, exemplo 156).

155)

[ˈta.tʃ^ha] *folha*

156)

[kfa.ˈk^he] *orelha*

A estrutura da sílaba não influencia na aplicação dessas regras de formação de pé, como mostram os exemplos em 157) e 158) abaixo:

157)

[kas.'ke] *de novo*

158)

['el.ka] *ruim*

iii) com palavras de três sílabas ou mais, observe a posição do acento lexical, forme um troqueu (exemplos em 159) a-e) ou um iambo (exemplo em 160)), conforme o acento primário recaia na penúltima ou na última sílaba, respectivamente. Atribua acento secundário alternativa e iterativamente da direita para a esquerda.

159)

- | | |
|---|---------------------------------|
| a. [,sɛ.'nẽ:.kja] | <i>coisa, história</i> |
| b. [,wa.'pɛ.la] | <i>livro</i> |
| c. [,ja:.'de.dwa] | <i>menino</i> |
| d. [,klɛ.tal.'kã.ne] | <i>cobra venenosa</i> (espécie) |
| e. [,so.,k ^h lo.ko.'dõ:.kja] | <i>ano</i> (12 meses) |

160)

- | | |
|-------------------------|----------------------|
| a. [,ja.de.,dõ:.'do.'a] | <i>eu era menino</i> |
|-------------------------|----------------------|

2.2.2 O acento em formas verbais

A atribuição de acento a formas verbais é um pouco mais complicada do que a formas nominais, uma vez que processos fonológicos que modificam as raízes verbais, bem como a interação dessas raízes com os clíticos pronominais que as precedem e com os sufixos que a elas se integram, podem influenciar na colocação do acento.

A forma de citação de verbos é a terceira pessoa do singular, presente, modo indicativo. Não sofrendo nenhum processo fonológico, a forma que se realiza na superfície, igual à forma subjacente, é como mostramos a seguir:

a) Verbo intransitivo passivo: um argumento externo, sujeito de terceira pessoa, marcado com /e=/, conforme exemplo abaixo.

161)

[e kfaf'ka]	<i>dormir</i>			
Clítico Sujeito	Raiz	Modo	Tempo	
e=	kfafa	-ka	-∅	
3SG=	dormirr	-IND	-PRES	

b) Verbo intransitivo ativo: um argumento externo, sujeito de terceira pessoa, marcado com /ta=/, conforme exemplo abaixo.

162)

[ta ne'ka]	<i>dizer</i>			
Clítico Sujeito	Raiz	Modo	Tempo	
(ta=)	ne	-ka	-∅	
3SG=	dizer	-IND	-PRES	

c) Verbo transitivo ativo: um argumento externo, sujeito de terceira pessoa marcado com /ta=/, um argumento interno marcado com /e=/, conforme exemplo abaixo.

163)

[, tɛ:ki'ka]	<i>Tirar</i>			
Clítico Sujeito	Clítico Objeto	Raiz	Modo	Tempo
ta=	e=	ki	-ka	-∅
3SGS=	3SGO=	tirar	-IND	-PRES

É preciso, antes que prossigamos com a descrição do acento nos verbos, considerarmos um fenômeno que se observa em relação às raízes verbais e que aqui propomos como sendo uma distinção entre raízes fracas e raízes fortes.

Diferentemente dos nomes, no verbo, em uma forma atualizada, que é a forma de citação, conforme descrita acima, o acento é fixo sobre a última sílaba. Entretanto, há uma divisão nas raízes verbais, que podem ser fortes, com acento na última sílaba da raiz, ou fracas, com acento na penúltima sílaba da raiz.

Essa divisão cria formas de superfície que contrastam entre si, como mostramos nos exemplos a seguir. Nesses exemplos, para demonstrar a diferença entre raízes fracas e raízes fortes, marcamos o acento na forma fonológica quando se tratar de uma raiz forte. Nas demais

glossas, não faremos essa marcação, a menos que ela seja requerida pela descrição, caso em que esclareceremos o seu uso naquele ponto.

164)

[e ʃi'ka]

/e= ʃi -'ka/

2SGO= chupar -IND

chupar

165)

[eʃ'kia]

/e= ʃi -'ka/

2SGO= estar -IND

estar

Dizemos que uma raiz é forte quando o sufixo de indicativo /-ka/ não se modifica na forma de citação, como mostram os exemplos de 166) a 168).

166)

[ne'ka]

/'ne -ka/

dizer -IND

dizer

167)

[,futʃi'ka]

/fu'tʃi -ka/

tropeçar -IND

tropeçar

168)

[e t^wa'ka]/e t^hwa -ka/

gostar -IND

gostar

Essas raízes terminam sempre em uma vogal.

Por outro lado, há formas verbais em que o sufixo de indicativo não sofre modificação, mas a vogal final da raiz é apagada, como em 169) a-b e 170), a seguir. Essas são raízes fracas.

169)

a. [ef'ka]

/e= fa -ka/

2SGO= engolir -IND

engolir

b. [e kfaf'ka]

/e= kfafa -ka/

2SGO= dormir -IND

dormir

170)

['e:wka]

/e= ho -ka/

2SGO= andar/ir -IND

ir, andar

Em 169) a-b, o processo fonológico que modifica a consoante do sufixo de indicativo opera no vácuo, visto que o traço de lugar da vogal /a/ [dorsal], vogal final da raiz, é o mesmo da consoante inicial do sufixo /ka/.

Em 170), a fricativa glotal da única sílaba da raiz é apagada e a vogal da sílaba precedente alongada. A vogal dessa sílaba passa a glide [w] e associa-se com a sílaba precedente, na posição de coda, criando, assim, uma sílaba que vai ser vista como pesada para as regras de atribuição de acento.²¹

Todas as demais raízes verbais que sofrem alteração quando da sua associação com o morfema /-ka/ são consideradas raízes fracas.

Essa divisão entre raízes fortes e raízes fracas explica as diferentes formas de citação encontradas e, conseqüentemente, a atribuição de acento primário a essas formas, como veremos de agora em diante.

Dado que processos fonológicos diversos modificam tanto raízes quanto o morfema sufixo de indicativo, as formas de citação que uma palavra verbal pode apresentar são as seguintes:

a) raiz terminada em vogal, sem modificação no morfema de indicativo, conforme exemplos em 171) a-c.

171)

a. [,futʃi'ka]

/fu'tʃi -ka/

tropeçar -IND

*tropeçar*b. [et^hwa'ka]/e't^hwa -ka/

gostar -IND

gostar

²¹ SILVA (2011) afirma que [V:C] não é um tipo de sílaba possível em Yaathe. Neste trabalho, porém, o tipo de sílaba foi encontrado, contrariando a afirmação anterior.

c. [ne'ka]

/ne -ka/

dizer -IND

dizer

b) raízes terminadas em consoante precedida de vogal longa, sem modificação no morfema de indicativo, conforme exemplo 172).

172)

[tɛ:k'ka]

/ta= e= ki -ka/

3SGS= 2SGO= tirar -IND

Ele o arremessou.

c) raiz terminada em consoante, precedida de vogal breve, sem modificação no morfema de indicativo, conforme exemplos em 173) a-b.

173)

a. [ef'ka]

/e= fa -ka/

2SGO= engolir -IND

engolir

b. [e kfaf'ka]

/e= kfafa -ka/

2SGO= dormir -IND

dormir

Nesse tipo de verbo, também ocorre apagamento de vogal final da raiz. O morfema de indicativo /-ka/ mantém o acento. A consoante restante não é silábica – em Yaathe, somente vogais são silábicas – mas pode associar-se à posição de coda da sílaba precedente, criando uma sílaba com rima ramificada.

Nos dois exemplos, a vogal final da raiz é /a/, que podemos recuperar de duas formas:

1. pelo fato de o /k/ do morfema de indicativo não sofrer mudanças, dado que o espriamento do traço dorsal da vogal /a/ para a consoante seguinte opera no vácuo, uma vez que a consoante /k/ também possui o traço dorsal, como já dissemos;

2. pelo fato de a vogal final da raiz permanecer na forma de imperativo, conforme exemplos em 174) a-b, em que ['fi] constitui-se como uma palavra fonológica autônoma, conforme análise apresentada na seção 3, adiante.

174)

a. [a'fa'fĩ]

/a= fa fĩ/

3SGS= engolir IMP.AUX

engula

b. [a kfa'fa'fĩ]

/a= kfafa fĩ/

3SGO= dormir IMP.AUX

durma

d) raízes terminadas em consoante, precedida de vogal breve, com modificação no morfema de indicativo, que se realiza como [k'ia] ou como [k'wa], conforme exemplos em 175) a-b e 176), respectivamente.

175)

a. [k^het'k'ia]/k^hete -ka/

procurar -IND

procurar

b. [futʃ'k'ia]

/futʃi -ka/

pegar -IND

pegar

176)

[e'k^hk'wa]/e= k^ho -ka/

2SGO= beber -IND

beber

Nos exemplos acima, vemos que também ocorre apagamento de vogal fraca da raiz nessas formas verbais. A consoante associa-se à posição de coda da sílaba precedente, exemplo 175) a-b) ou de *onset* da sílaba seguinte, exemplo 176), conforme (SILVA, 2011).

Em todos esses casos, o acento recai sobre o morfema de indicativo, seja em sua forma básica, conforme os exemplos em 171) a-b; 172) a-b e 173) a-b acima, seja em sua forma modificada por processos fonológicos, em 175) a-b e 176).

Essa observação permite afirmar que sílabas abertas, como em a), sílabas com vogais orais longas como em b), sílabas travadas por consoante, como em c), e sílabas com núcleo oral, seguida de consoante na sílaba seguinte, não contam como sílabas pesadas para as regras de atribuição de acento.

Por outro lado, os seguintes tipos de sílabas são considerados sílabas pesadas e atraem o acento, de modo que essas formas têm sempre acento na penúltima sílaba.

e) raízes terminadas em glide, precedida de vogal longa, sem modificação no morfema de indicativo, conforme em 177).

177)

['e:wka]

/e= ho -ka/

2SGS= ir -IND

Ele vai.

Em ['e:wka] *ir*, não ocorre apagamento de vogal; ocorre apagamento de consoante em *onset*: a fricativa glotal /h/ é apagada alongando a vogal precedente; a vogal final da raiz /o/ associa-se à rima da sílaba precedente, realizando-se como glide: /e= ho -ka/ → ['e:w.ka]. Sabemos que a forma subjacente dessa raiz é /ho/ observando-se que a forma de imperativo é [a'ho 'jĩ] ou [a'o 'jĩ].

f) raízes terminadas em glide, precedido de vogal longa, com modificação no morfema de indicativo, conforme em 178) e 179).

178)

['sa:w.ki̯a]

/sa= e= we -ka/

REC= 3SGO= matar -IND

se matar

179)

['tɛ:w.ki̯a]

/ta= e= we -ka/

3SGS= 3SGO matar -IND

Ele mata.

Nos exemplos acima, temos uma raiz cuja sílaba final é /we/. O apagamento da vogal causa a palatalização do /k/ seguinte. As vogais dos clíticos fundem-se, realizando-se como uma vogal longa travada pelo glide que se associa à coda dessa sílaba. Essa rima composta por um núcleo ramificado mais uma coda é vista como pesada para as regras de atribuição de acento.

g) raízes terminadas em vogal longa nasal²², com modificação no morfema de indicativo, que se realiza como [ki̯a], conforme exemplos.

²² Estamos nos referindo à forma de superfície. Essas formas são cristalizações de uma sequência raiz mais /ne/, sufixo de causativização.

180)

['stõ:kja]

/sto -ne -ka/

abordar -FAC -IND

abordar/ se aproximar

182)

['kfẽ:kja]

/kfe -ne -ka/

acreditar -FAC -IND

acreditar

181)

['tsfõ:kja]

/tsfo -ne -ka/

caçar -FAC -IND

caçar

Nesses verbos, ocorre um processo de alongamento compensatório: o morfema /ne/, causativizador, é apagado com os traços flutuantes dos seus segmentos – nasal e coronal – espraiando regressiva e progressivamente para os segmentos adjacentes. A vogal longa criada por esse processo recebe o acento principal. Os fatores que motivam esses processos são: a) apagamento de vogal fraca no final da raiz devido à distinção entre raízes fracas e raízes fortes; b) restrição de nasal em coda silábica (estrutura silábica). A sílaba precedente, com um núcleo nasal ramificado, é vista como pesada para as regras de atribuição de acento na palavra verbal.

É interessante observar que esse núcleo é pesado devido ao apagamento de uma sílaba completa, o que não acontece com a rima ramificada, conforme exemplos em 175) a-b cuja coda tem sua origem em uma sílaba em que apenas a vogal foi apagada.

Essas observações nos permitem concluir que sílabas com vogais longas seguidas de glide na mesma sílaba atraem o acento principal da palavra se contidas na janela de duas sílabas estabelecida. O mesmo ocorre com sílabas com vogal nasal longa.

Nos exemplos vistos até agora, todas as formas, excluindo-se os clíticos, possuem, no máximo, duas sílabas.

Mostramos a seguir casos em que as formas verbais possuem mais de duas sílabas.

a) raízes terminadas em vogal, sem modificações no morfema de indicativo, conforme exemplos em 183) a-g.

183)

a. [,ej̥sni'ka]
 /wɛ:ne -ka/
 arrastar -IND
arrastar

b. [,saft̥ʃi'ka]
 /saft̥ʃi -ka/
 abraçar -IND
abraçar

c. [,sajkle'ka]
 /sajkle -ka/
 alcançar -IND
alcançar

d. [,ej̥t̥ʃi'ka]
 /ej̥t̥ʃi -ka/
 chamar -IND
chamar

e. [,ej̥k^he'ka]
 /ej̥k^he -ka/
 amarrar -IND
amarrar

f. [,k^hlɛt̥ʃa'ka]
 /k^hlɛt̥ʃa -ka/
 cantar -IND
cantar

g. [,tut̥ʃi:'ka]
 /tut̥ʃi: -ka/
 beijar -IND
beijar

O acento principal dessas formas recai sobre a última sílaba. O acento secundário é atribuído à antepenúltima sílaba. Todas as sílabas são plenamente leves: não há núcleos nem rimas ramificadas. Isso mostra que se atribui o acento principal à última sílaba e conta-se duas sílabas para a esquerda, acentuando-se alternada e iterativamente. Isto é, a formação de pés métricos, conforme já descrita, é aqui ratificada.

b) raízes terminadas em [ne], sem modificações no morfema de indicativo, conforme exemplos em 184) a-g.

184)

a. [,wɛ:ne'ka]
 /wɛ:ne -ka/
 abrir -IND
abrir

b. [,falne'ka]
 /falne -ka/
 enganar-se -IND
enganar-se

c. [,knafni 'ka]
/knafni -ka/
avisar -IND
avisar

d. [,mi:ne 'ka]
/mi:ne -ka/
apertar -IND
apertar

e. [,nã:ne 'ka]
/nã:ne -ka/
ver -IND
ver

f. [,pap^hne 'ka]
/pap^hne -ka/
bater -IND
bater

g. [,t^hi:ne 'ka]
/t^hi:ne -ka/
acertar -IND
acertar

Nessas formas verbais, a proeminência acentual mantém-se sobre o morfema de indicativo, última sílaba da palavra. A sílaba [ne] aqui não é apagada, embora o seu apagamento não devesse trazer prejuízos semânticos. Há três soluções possíveis: i) a sílaba [ne] não seria o morfema de causativização, mas uma sílaba da raiz e essa raiz seria do tipo forte; ii) trata-se do morfema de causativização, mas já está cristalizado; e iii) temos aqui, na verdade, duas palavras, correspondendo a objeto+verbo: [wε#neka].

Descartamos a hipótese da raiz forte e consideramos as duas hipóteses seguintes.

1) o morfema de causativização cristalizado. Encontramos, por exemplo, duas formas para *ver*: [nãne'ka] ou ['nã:kia], o que aponta para uma lexicalização da forma ou, por outro lado, para a aplicação ou não do processo.

2) Objeto+verbo. Encontramos ainda algumas formas que são claramente NOME+VERBO (objeto+verbo): ['k^hodzo ne'ka], *trabalhar* que pode ser traduzido literalmente por “fazer trabalho”. O que nos mostra que se trata de duas palavras gramaticais é o processo de nasalização. Este processo é automático em Yaathe, aplicando-se sempre que uma vogal é seguida de uma consoante nasal heterossilábica. Entretanto, o processo aplica-se apenas no domínio da palavra. Nas palavras desse grupo em que teríamos o ambiente propício para a regra de nasalização, apenas temos a aplicação em 184) d, que apresenta variação.

c) raízes terminadas em [Ṽ:], com modificações no morfema de indicativo, que se realiza como [kia], conforme exemplos em 185) a-e.

185)

a. [, eh'dã:k'ia]

/ehdane -ka/

espancar -IND

espancar

b. [, fe:'tõ:k'ia]

/fe:tone -ka/

trabalhar -IND

trabalhar

c. [, sa'tʃdʒõ:k'ia]

/satʃdʒone -ka/

namorar -IND

namorar

d. [, tʃʰlu'tʃʰlũ:k'ia]

/tʃʰlu'tʃʰlune -ka/

atrapalhar -IND

atrapalhar

e. [, sam'lẽ:k'ia]

/samle -ka/

misturar -IND

misturar-se

Repete-se o que já vimos nos casos de duas sílabas. Isso mostra que a janela de colocação do acento é realmente de duas sílabas a contar do lado direito da palavra e que a sílaba [(C)(C)Ṽ:] atrai o acento principal da palavra, se responder à condição de estar situada dentro dessa janela.

c) raízes terminadas em consoante precedida de vogal breve, com modificações no morfema de indicativo, que se realiza como [k'ia] ou [k^{wa}]²³, conforme exemplos em 186) a-b.

186)

a. [e , mak'k'ia]

/e= make -ka/

3SGO pegar -IND

receber, pegar, tomar

b. [sa , mak'k'ia]

/samake -ka/

casar -IND

casar

Os verbos acima mantêm o morfema de indicativo acentuado, embora tenha ocorrido a redução silábica prevista. Isso confirma a hipótese já levantada que rimas ramificadas apenas

²³ As formas em [k^{wa}] são de baixa produtividade na língua.

não atraem acento principal. Do mesmo modo, núcleos ramificados também não atraem esse acento, a menos que o núcleo seja longo e nasal ou que seja longo mais consoante na coda.

2.3 Resumo da seção

Nesta seção, procuramos descrever o modo como as unidades sílabas estão organizadas para formação do pé métrico em Yaathe, observando a proeminência acentual no léxico. Analisamos as classes verbo e nome, considerando que as demais palavras da língua, de modo geral, comportam-se, em termos prosódicos, ora como verbos ora como nomes.

A língua apresenta um sistema em que a sílaba primariamente acentuada é definida lexicalmente, com o acento sendo atribuído à última ou à antepenúltima sílaba de uma palavra fonológica, o que resulta em dois tipos básicos de pés, iambos e troqueus. Para a atribuição do acento primário, não há influência do padrão silábico. Entretanto, na classe verbo, processos fonológicos criam sílabas que são vistas como pesadas pelas regras de atribuição do acento primário.

O acento secundário é atribuído a sílabas alternadas a contar do lado direito da palavra e do acento primário, formando pés binários. Sílabas isoladas no lado esquerdo da palavra recebem acento secundário, formando um pé degenerado. Ou seja, palavras com números de sílabas pares apresentam estrutura rítmica como troqueus ou iambos silábicos. Palavras com número de sílabas ímpares permitem a existência de um pé degenerado.

O acento é importante para a definição da palavra fonológica, uma vez que afixos – sufixos, no caso do Yaathe – influenciam na atribuição do acento, concorrendo para que se observe a janela de duas sílabas do lado direito da palavra. Clíticos, todos enclíticos, podem portar acento ou não. Isso depende do modo como ele se incorpora ou não à palavra fonológica seguinte através de processos fonológicos. A descrição de processos que corroboram essa interpretação será apresentada na próxima seção.

SEÇÃO 3: A PALAVRA FONOLÓGICA

Na seção precedente, descrevemos os tipos de pés que constituem a palavra fonológica em Yaathe, considerando o acento no nível lexical. Nesta seção tratamos de delimitar a palavra fonológica.

Indiscutivelmente, a palavra é usada de várias maneiras na fala cotidiana, em muitos discursos linguísticos. Nesse sentido, é importante fazer algumas distinções fundamentais, de acordo com o que propõem Dixon e Aikhenvald (2007): distinção entre um lexema e sua forma variada; entre uma palavra ortográfica e outros tipos de palavra; e entre uma unidade definida principalmente em termos de critérios gramaticais e uma unidade definida principalmente através de critérios fonológicos. Nem sempre as categorias gramaticais se comportam da mesma forma entre línguas, pois nem todas as línguas apresentam as mesmas categorias para expressar as mesmas funções.

A forma gramatical de uma palavra apresenta uma interface entre a morfologia e a sintaxe e entre a morfologia e a fonologia. A morfologia lida com a composição das palavras, enquanto a sintaxe lida com a combinação das palavras e a fonologia com o arranjo dos sons na composição da palavra. Isso quer dizer que pode haver três tipos de palavras: morfológicas, sintáticas e fonológicas. No domínio da Fonologia, alguns critérios, tais como o fato de a palavra fonológica ser tipicamente o domínio do acento, a não ocorrência de pausas dentro de uma palavra fonológica, a aplicação de regras fonotáticas, considerando os traços segmentais da língua, e a aplicação de regras fonológicas, são importantes evidências da sua existência.

Nesta seção, definimos a palavra fonológica em Yaathe, utilizando os critérios mencionados acima e os quais discutiremos a seguir.

3.1 Critérios fonológicos para a definição da palavra

Ao tentarmos conceituar e separar palavra gramatical e palavra fonológica e examinar as relações entre essas duas unidades, há uma confusão sobre o que exatamente é uma palavra. A palavra é primariamente uma unidade gramatical com algumas propriedades fonológicas ou é uma unidade fonológica com algumas propriedades gramaticais ou é igualmente uma unidade gramatical e fonológica? Essas ideias variam.

Uma coisa certamente podemos dizer: a palavra é o elemento central do sistema linguístico. Não é somente o objeto da lexicologia, como também é necessariamente importante na fonologia para a análise da estrutura dos sons e na sintaxe para as delimitações do seu *status* nas mais complexas configurações.

Para delimitação de palavra em uma dada língua, Dixon e Aikhenvald (2007) sugerem alguns critérios que combinam elementos gramaticais e elementos fonológicos.

Não há um único critério para definir e delimitar a unidade palavra fonológica em todas as línguas. Cada língua organiza e seleciona elementos que irão caracterizar uma palavra fonológica. Há um conjunto de tipos de critérios que definem essa unidade, o que parece servir para todas as línguas até então descritas, dos quais cada língua particular utiliza alguns.

Conforme o modelo que adotamos (NESPOR e VOGEL, 1986), a palavra fonológica é uma unidade hierarquicamente maior que o pé. Do ponto de vista formal, em algumas línguas ela pode ser apenas uma sílaba. Algumas propriedades são selecionadas para podermos reconhecer e fazer essa delimitação. Tais propriedades são características de três áreas: traços segmentais; traços prosódicos e regras fonológicas.

Os traços segmentais dizem respeito à estrutura interna da sílaba e às propriedades do segmento e as suas realizações fonéticas em combinação com outros segmentos (fonotática), ao fenômeno da fronteira de palavra e à pausa. Os traços prosódicos referem-se ao acento (*stress*) e ou acento tonal e a outros traços prosódicos tais como nasalização, retroflexão e harmonia vocálica. Em muitas línguas o acento é um critério indiscutível para delimitar a palavra fonológica, uma vez que essas línguas têm acento fixo. Algumas regras fonológicas são aplicadas no domínio da palavra fonológica enquanto outras podem ser aplicadas além desse limite (sândi externo, por exemplo).

É possível que ocorra uma interação entre esses tipos de traços porque muitas regras fonológicas operam considerando o acento da palavra, por exemplo. Isso significa que esses traços podem ocorrer em combinação no nível da palavra fonológica.

Discutimos a seguir três propriedades que nos ajudam a compreender e delimitar a unidade palavra fonológica na língua Yaathe. São elas a pausa, o acento e processos fonológicos.

Para delimitar a palavra fonológica em Yaathe, consideramos propriedades como a pausa, o acento e observamos, também, quais os processos fonológicos que poderiam nos dar pistas desses limites. A princípio, assumimos a descrição da palavra gramatical de acordo com o que considera Costa (1999), já apresentada brevemente na seção 1 desta tese.

A pausa é um critério híbrido, uma vez que pode ser considerado tanto no nível da fonologia como no nível gramatical. De acordo com Nespor e Vogel (1986), no meio de uma palavra fonológica não ocorre pausa. No entanto, para delimitarmos uma palavra gramatical, um dos critérios adotados é a possibilidade de haver pausa dentro de um contínuo, uma vez que uma palavra gramatical pode ocorrer separadamente, diferentemente de morfemas, por exemplo. Portanto, até aqui ainda não estabelecemos a duração da pausa a ser considerada, uma vez que estamos observando apenas se há possibilidade ou não de pausa. Na seção que tratamos da delimitação de unidades superiores à palavra fonológica, definimos a duração de pausa a ser considerada para tal análise.

Lembremos que, no que diz respeito à proeminência acentual, as línguas do mundo podem ser classificadas em dois tipos: i) línguas *pitch-accent* e ii) línguas *stress-accent*. Em línguas *pitch-accent*, o indicador primário da proeminência relativa é o *pitch*. Os correlatos fonéticos da proeminência relativa são de difícil estabelecimento em línguas *stress-accent*, pois diferentes propriedades fonéticas, como duração, *pitch* e intensidade, podem ser utilizadas nessa função.

Não nos preocupamos, por enquanto, em definir as propriedades fonéticas que assinalam a proeminência relativa em Yaathe, conforme já observamos. Consequentemente, também não nos preocupamos aqui em estabelecer se a língua é de um ou outro tipo. Seguindo Ewen e van der Hulst (2001, p. 196-197), utilizaremos o termo acento para caracterizar a propriedade abstrata de proeminência conforme esses autores indicam.²⁴

Como vimos, em Yaathe, o acento é fonêmico no nível lexical. Há, porém, certas complicações que buscamos esclarecer na Seção 2.

No que se refere aos processos fonológicos, podemos dizer que o número de processos que operam na linguagem humana é finito, mas suficiente para criar uma grande variabilidade linguística. Em Yaathe, alguns processos geram um número grande de alofonias. Os processos que foram encontrados na língua Yaathe são processos de assimilação (desvozeamento, nasalização, palatalização, labialização, harmonia vocálica), alongamento compensatório, debucalização, fusão, redução e elisão de vogais, conforme já foram explicitados na Seção 1.

Nesta seção, lidamos com alguns processos fonológicos que podem servir como evidência para a delimitação da palavra fonológica em Yaathe. São eles: apagamento de

²⁴ O correlato fonético do acento poderia ser encontrado observando-se a frequência fundamental. Uma evidência para essa hipótese vem do fato que foram observados picos de F0, no domínio do enunciado fonológico, correspondentes às sílabas acentuadas, conforme podemos ver na seção 4.

vogal, fusão de vogais, apagamento de consoante, silabificação e ressilabificação da consoante, desvozamento de oclusiva, alongamento compensatório e nasalidade.

3.2 A palavra fonológica em Yaathe

Aqui definimos a palavra fonológica com base nos critérios já descritos. Como já dissemos, tomaremos como ponto de partida a palavra gramatical conforme descrita em Costa (1999).

3.2.1 Nomes

Os nomes em Yaathe, do ponto de vista gramatical, são constituídos por uma base mais afixos. Algumas classes de nomes devem ser, obrigatoriamente, precedidas por um clítico, que é um índice de posse. Os clíticos e os sufixos nominais são mostrados nos quadros 7 e 8, respectivamente, abaixo, adaptados daqueles apresentados na seção 1²⁵.

Quadro 7 - Proclíticos nominais

QUADRO 7		Proclíticos nominais
Singular		i
		a
		e
Plural		ja
		wa
		t ^h a
Reflexivo/ recíproco		sa
Determinante genérico		se

Quadro 8 - Sufixos nominais

QUADRO 8		Sufixos nominais		
Raiz	Sufixos			
Verbal	agente	(gênero)	(diminutivo)	(exclusividade)
Nominal	(privação)			

²⁵ Essa adaptação é devida a conclusões já tiradas da nossa análise.

A seguir, descrevemos o estatuto desses elementos em termos fonológicos.

3.2.1.1 Clíticos

Encontramos em Yaathe formas que consideramos clíticos, uma vez que eles se comportam de modo diferente tanto de palavra autônoma, quanto de sílaba em uma palavra fonológica. Por exemplo, não contam como elemento na formação do pé métrico e não sofrem processos fonológicos que operam entre sílabas de uma mesma palavra. Por outro lado, entram em alguns processos fonológicos, tais como fusão de vogais e alongamento compensatório, que não ocorrem em fronteira de palavra. O critério mais importante, porém, é que os clíticos são formas discursivamente dependentes.

Os clíticos que acompanham uma raiz nominal apresentam comportamentos diferenciados dependendo da constituição fonética da raiz nominal.

Quando um clítico precede uma raiz iniciada por consoante, o clítico, embora não possua autonomia discursiva, possui autonomia fonológica, podendo constituir uma palavra fonológica por si mesmo.

Nos exemplos a seguir, o clítico /i/ precede uma raiz começada por consoante.

187)

[i ka'sa]

/i= ka -sa/

1SGPOS= filho -FEM

Minha filha.

(CIB_LIE_001)

188)

[i ma'k^haj]

/i= mak^haj/

1SGPOS= arco

Meu arco.

(CIB_LIE_001)

Observe-se que a proeminência acentual da palavra não se altera e o clítico não recebe acento.

Considerando que o pé nos dois casos é iambo, a sílaba formada pelo clítico não é contada, permanecendo fora da palavra fonológica constituída por um nome.

Em palavras com três sílabas, podemos observar que a contagem de sílabas para formação do pé opera da mesma forma. No exemplo 189), em que temos uma palavra com acento na última sílaba, o primeiro pé é formado da direita para a esquerda, com proeminência acentual do lado direito, formando, portanto, um iambo. A sílaba restante recebe acento secundário, constituindo um pé degenerado.

189)

[,natsa'ka]

/natsaka/

Feijão

(CIB_LIE_001)

A palavra [natsa'ka] pode ocorrer no discurso precedida de um clítico, como no exemplo a seguir.

190)

[sa# ,natsa'ka]

/sa= natsaka/

REF= feijão

Seu próprio feijão

(CIB_LIE_001)

Nesse caso, seria esperado, de acordo com as regras de atribuição de acento e formação de pés, que tivéssemos a forma dada no exemplo abaixo, o que, porém, não ocorre, ou seja, [sa=] não forma um pé com a primeira sílaba [na] de [natsaka].

191)

*[sa,natsa'ka]

Mais uma evidência para se considerar [sa=] – e os demais clíticos – como não fazendo parte da mesma palavra fonológica que o seu hospedeiro é o fato que a regra de assimilação de nasal, pela qual uma vogal seguida de consoante nasal deve ser nasalizada, não

se aplica, como podemos ver no exemplo que acabamos de apresentar, onde a vogal de [sa=] permanece oral antes de /n/.

A regra de assimilação de nasalidade aplica-se da seguinte forma:

$$V \rightarrow [+nasal] / - \left[\begin{array}{c} + \textit{consonantal} \\ + \textit{nasal} \end{array} \right]$$

Assimilação de nasal ocorre em palavras com quatro sílabas, como no exemplo, a seguir.

192)

[,ũna'kesa] *grupos de cafurna*

Em [ũna'kesa], a sílaba com acento principal é a penúltima. Formam-se dois troqueus, com o acento secundário na sílaba inicial da palavra. A vogal dessa sílaba é nasalizada.

Enquanto em [sa=natsaka] *seu próprio feijão*, a regra de assimilação de nasal não se aplica, no exemplo a seguir, podemos observar a aplicação dessa regra entre um clítico e um sufixo não acentuado.

193)

['tãma]

/ta= -ma/

3SGO= -FIN

Por ele. (em busca de)

(CIB_LIE_001)

Sendo o sufixo /-ma/ não acentuado, ao ocorrer, discursivamente, associado a um clítico, constitui com este uma palavra fonológica, em que o clítico recebe o acento principal. Esse comportamento do clítico corresponde ao que ocorre com uma palavra de conteúdo, portanto uma forma autônoma, quando seguida do mesmo sufixo, como podemos observar no exemplo a seguir.

194)

[,o:'jãma]

/o:'ja -ma/

água -FIN

Pela água. (em busca de)

(CIB_LIE_001)

Quando um clítico precede uma raiz nominal iniciada por vogal, ele deve ser seguido pela posposição /ke/ locativo, como no exemplo a seguir.

195)

[i,kase'a]

/i= ke asea/

1SGPOS= LOC.POSP esteira

Minha esteira.

(CIB_LIE_001)

O acento principal não é alterado, mantendo-se na última sílaba do nome. O acento secundário, por sua vez, é atribuído à sílaba [ka] gerada por um processo de ressilabificação do segmento [k] com a vogal da sílaba inicial do nome, após o apagamento da vogal [e] da posposição.

Dessa forma, o iambo da palavra [ase'a] não é destruído, mas a primeira sílaba da palavra, que constituiria um pé degenerado quando a palavra ocorre isoladamente ou em outros contextos, agora liga-se ao elemento precedente formando a sílaba [ka]. Duas interpretações são possíveis.

a) seguindo a proposta de Mattoso Câmara (*apud* Bisol, 2005), teríamos uma só palavra fonológica: [i,kase'a]

b) seguindo a proposta de Peperkamp (*apud* BISOL, 2005, p. 167), teríamos duas palavras fonológicas: [i]_w[,kase'a]_w

A hipótese mais provável seria b). Propomos aqui uma análise em que as duas palavras fonológicas [i'ke] e [ase'a] seriam constituintes de um constituinte mais alto na hierarquia prosódica, o Sintagma Fonológico, do qual trataremos mais adiante.

Evidência para atribuir-se a [i'ke] o *status* de palavra fonológica é o fato que todos os clíticos seguidos de posposição podem ocorrer autonomamente no discurso, como, por

exemplo, em respostas. Fizemos a seguinte pergunta: Na'jĩ 'ke a datke'a ko'kase (A quem você deu o chapéu?). Obtivemos as respostas em 196), considerando os clíticos pronominais possíveis.

196)

- | | |
|------------------------|-----------------|
| a. a'ke | <i>A você.</i> |
| b. ta'ke | <i>A ele.</i> |
| c. ya'ke | <i>A nós.</i> |
| d. wa'ke | <i>A vocês.</i> |
| e. t ^h a'ke | <i>A eles.</i> |

3.2.1.2 Sufixos

Em Costa (1999), encontramos o elemento /ka/, marcador de *status*, que nesse trabalho foi interpretado como sufixo. Aqui, vamos reinterpretá-lo como palavra, de modo que o excluamos da análise a seguir.

Os sufixos aqui considerados são aqueles que derivam um tema nominal de uma raiz primitivamente verbal e os sufixos de gênero, diminutivo e de exclusividade.

3.2.1.2.1 Sufixo agentivo

O sufixo /-ho/, quando associado a uma raiz verbal da classe de verbos ativos, deriva um tema nominal, ou um nome, cujo significado é “o que faz X”, onde X representa o significado de qualquer raiz da classe em questão. Vejamos os exemplos abaixo²⁶.

197)

a. [ta ,kejni'ka]

/ta= kejni -ka/

3SGS= ensinar -IND

Ele ensina.

b. [,sekej'niho]

/se= kejni -ho/

DET.GEN= ensinar -AG

O que ensina.

²⁶ Na transcrição fonológica, indicaremos o acento em sufixos inerentemente acentuados apenas quando os estivermos citando no texto, não o fazendo nas glossas em exemplos.

198)

a. [ta ,fej'tõ:kia]

/ta= fejtone -ka/

3SGS= trabalhar -IND

Ele trabalha.

b. [,fej'tõ:ho]

/fejtone -ho/

trabalhar -AG

Trabalhador (o que trabalha)

O sufixo /-ho/ tem um papel na atribuição do acento, embora não seja um sufixo acentuado lexicalmente, pois nunca recebe acento quando é último elemento da palavra ou quando o sufixo que o segue é lexicalmente acentuado. Observe-se que em ambos os exemplos o acento principal recai sobre a raiz verbal que serve de base para a derivação.

Abaixo, damos as formas de feminino correspondentes aos dois nomes acima.

199)

[,sekej'ni:so]

/se= kejni -ho -so/

DET.GEN ensinar -AG -FEM

A que ensina.

200)

[,fejtõ:'hoso]

/fejtone -ho -so/

trabalhar -AG -FEM

(a) trabalhadora

Em ambos os casos, uma sílaba é apagada. No primeiro exemplo, o sufixo de formação de nome de agente, constituído de /-hV/, sofre apagamento e causa alongamento compensatório da vogal da sílaba precedente. Podemos pensar que esse apagamento se dá por questões rítmicas. No segundo caso, a sílaba apagada é a mesma que se apaga também na forma verbal. A última sílaba da raiz /sekej'ni/ é acentuada, enquanto que a última sílaba de /fej'tone/ não é, motivo pelo qual ela é apagada na forma verbal antes do morfema de indicativo /-ka/, conforme já demonstramos.

Enquanto o apagamento do morfema /-ho/ em [,sekej'ni:so] mantém o acento na raiz, o apagamento de /-ne/ em [,fejtõ:'hoso] não permite que a sílaba /ho/ seja apagada. Por isso, ela recebe acento.

Evidência de que esse morfema se encontra dentro da palavra fonológica é seu papel na atribuição de acento, conforme vimos acima. Uma outra evidência é o processo fonológico que apaga a fricativa aspirada e associa o tempo da vogal com a vogal precedente, criando alongamentos compensatórios. Esse processo só ocorre no domínio da palavra fonológica, como mostram os exemplos acima, em que /-ho/ é mantido quando se encontra em final da palavra, mas pode ser apagado se outro morfema for associado ao nome.

Também mostra que essa regra é de domínio da palavra fonológica o fato que quando o apagamento da fricativa ocorre em final de palavra, o efeito do seu apagamento é a transformação da vogal em glide e sua reassociação com a coda da sílaba precedente, como mostra o exemplo a seguir.

201)

['fej 'ke]

/fehe ke/

pé LOC.POSP

No pé

Em seguida, damos um exemplo em que o sufixo de agente é seguido pelo sufixo de privação, sobre o qual recai o acento principal da palavra.

202)

[i ta, fniho 'd^wa]

[i= tafni -ho -doa]

1SGS= mandar -AG -PRIV

Eu não sou o que manda.

3.2.1.2.2 Sufixo de privação

O sufixo /-do'a/, quando associado a uma raiz ou a um tema nominal, deriva um nome, cujo significado é “privação de X”, onde X representa qualquer raiz da classe em questão, conforme exemplos abaixo.

203)

[,e:dʒa'dʷa]

/e= edʒa -doa]

3SGS= erro -PRIV

Deus (Aquele que não erra)

204)

a. [e 'tfedʷa]

/e= tfe -doa/

3SGS= pai -PRIV

Órfão (aquele que não tem pai)

b. [e ,tfe'dʷãne]

/e= tfe -doa -ne/

3SGS= pai -PRIV -FEM

Órfã (aquela que não tem pai)

205)

[e fo'dʷãne]

/e= fo -doa -ne]

3SGS= marido -PRIV -FEM

Mulher solteira

O fato de esses morfemas possuírem um papel na atribuição do acento, como vimos até agora, mostra que eles são parte da palavra fonológica nominal. Desses morfemas, aqueles que podem associar-se ao morfema de gênero feminino /-ne/ também mostram que a regra de assimilação de nasalidade se aplica entre eles, o que é mais uma evidência para se postular que eles fazem parte da palavra fonológica a que se agregam. Outro processo fonológico, apagamento de fricativa aspirada com alongamento compensatório, demonstra que /-ho/ é também um sufixo associado à palavra fonológica.

3.2.1.2.3 Sufixos de gênero

O morfema /-ne/ *gênero feminino*, que ocorre na maior parte das raízes nominais que se modificam em gênero, comporta-se como parte da palavra fonológica em relação ao acento. Assim, em uma palavra nominal que, lexicalmente, possui acento na última sílaba, o acento é aí mantido depois que o sufixo /-ne/ lhe é associado. Vejamos os exemplos abaixo.

206)

a. [ja'li]

/jali/

camarada

O camarada (Vocativo informal usado para homens)

b. [ja'line]

/jali -ne/

cara -FEM

A camarada (Vocativo informal usado para mulheres)

207)

a. [i'fĩ]

/i= fĩ/

1SGPOS= irmão

Meu irmão.

b. [i'fĩne]

/i= fĩ-ne/

1SGPOS= irmão -FEM

Minha irmã.

Se, porém, mais um sufixo monossilábico seguir o sufixo de gênero, o acento principal desloca-se para a primeira posição à direita disponível para a sua colocação no nível lexical, conforme exemplos a seguir.

208)

[jalĩ'nẽwa]

/jali -ne -wa/

cara -FEM -DIM

“Fulaninha” (usada para mulheres)

209)

[i'fĩ'nẽwa]

/i= fĩ -ne -wa/

1SGPOS= irmão -FEM -DIM

Minha irmãzinha.

Numa palavra que, lexicalmente, possui acento principal na penúltima sílaba, afixação de /-ne/ causa a mudança do acento para a sílaba seguinte e, ainda, a associação de mais um sufixo não acentuado provoca o avanço do acento principal por mais uma sílaba. Vejamos os exemplos que seguem.

210)

a. [ˈtilʃi]	b. [ˌtilˈʃine]	c. [ˌtilʃiˈnẽwa]
/tilʃi/	/tilʃi -ne/	/tilʃi -ne -wa/
bonito	bonito -FEM	bonito -FEM -DIM
<i>Bonito</i>	<i>Bonita</i>	<i>Bonitinha</i>

O morfema /-'sV/ pode ou não receber acento principal.

211)

a. [i ˈka]	b. [i ka ˈsa]
/i= ka/	/i= ka -sa/
1SGPOS= filho	1SGPOS= filho -FEM
<i>Meu filho</i>	<i>Minha filha</i>

212)

a. [ˈsa:who]	b. [ˌsa:wˈhoso]
/sa:w -ho/	/sa:w -ho -so/
briga -AG	briga -AG -FEM
<i>Guerreiro</i>	<i>Guerreira</i>

Se se associa mais um sufixo, como o diminutivo, novamente teremos mudança na posição do acento.

213)

a. [i ka ˈsa]	b. [i ˌka ˈsawa]
/i= ka -sa/	/i= ka -sa -wa/
1SGPOS= filho -FEM	1SGPOS= filho -FEM -DIM
<i>Minha filha</i>	<i>Minha filhinha</i>

214)

a. [ˌsawˈhoso]	b. [ˌsawho ˈsowa]
/saw -ho -so/	/saw -ho -so -wa/
briga -AG -FEM	briga -AG -FEM -DIM
<i>Guerreira</i>	<i>Guerreirinha</i>

Também uma regra de harmonia vocálica se aplica entre esse sufixo e a vogal da sílaba precedente, como podemos observar comparando os exemplos 213) e 214).

Um sufixo de gênero de alguma forma mais complexo é o sufixo que sempre ocorre na forma [ːkʲa]²⁷ – onde “ː” representa alongamento da vogal da sílaba precedente e “ː” representa nasalidade dessa vogal. Esse morfema se associa a algumas formas de nomes e, do mesmo modo que os demais morfemas de gênero, ele não recebe acento se ocorrer na última posição da palavra, mas modifica a posição do acento em palavras paroxítonas, conforme exemplos 215) a 217).

215)

a. [kla'i]	b. [ˌkla'ĩ:kʲa]
/klai/	/klai -neka/
não índio	/não índio -FEM/
<i>Homem não índio</i>	<i>Mulher não índia</i>

216)

a. [se'tso]	b. [ˌse'tsõ:kʲa]
/setso/	/setso -neka /
índio	índio -FEM
<i>Índio</i>	<i>Índia</i>

217)

a. [ˌja'dedʷa]	b. [ˌjade'dõ:kʲa]
/jadedoa/	/jadedoa -neka/
menino	menino -FEM
<i>Menino</i>	<i>Menina</i>

²⁷ Costa (1999, p. 103) atribui a esse sufixo a forma de base /ne'ka/, mas não fornece argumentos linguísticos que justifiquem a sua decisão. Nos nossos dados, a forma encontrada foi sempre [ːkʲa], com o acento recaindo sobre a sílaba longa precedente. Por isso, o consideramos um sufixo não acentuado lexicalmente. Consideramos que a forma fonológica é /neka/, embora não tenhamos encontrado evidências explícitas, do ponto de vista sincrônico, para sua recuperação. Entretanto, podemos apresentar algumas evidências implícitas, como o fato de a vogal nasal longa ser o resultado, em todos os casos em que ocorre, de um processo de alongamento compensatório causado pelo apagamento de /n/ em uma sílaba subsequente, ao mesmo tempo que a palatalização de /k/ também é o resultado de um processo de apagamento da vogal /e/ na sílaba precedente.

O comportamento do acento e a aplicação da regra de assimilação de nasal mostram que os sufixos de gênero são parte da palavra fonológica.

3.2.1.2.4 Sufixo diminutivo

O morfema de diminutivo /-wa/ é outro sufixo não acentuado lexicalmente. Ao agregar-se a um tema nominal, seja esse tema uma raiz primitiva ou derivada, ele não recebe acento principal, mas exerce influência sobre a atribuição do acento, como podemos ver nos exemplos abaixo.

218)

a. [i 'ka]	b. [i 'kawa]	c. [i ,ka'wãna]
/i= ka/	/i= ka -wa/	/i= ka -wa -na/
1SGPOS= filho	1SGPOS= filho -DIM	1SGPOS= filho -DIM-EXC
<i>Meu filho</i>	<i>Meu filhinho</i>	<i>Só meu filhinho</i>

No exemplo 218a), o acento principal recai sobre a última sílaba da palavra e é aí mantido em 218b), em que é acrescentado o morfema /-wa/. Essas duas formas respeitam a posição do acento das palavras no nível lexical, que, como vimos, recai sobre uma das duas últimas sílabas da palavra. Em 218c), porém, a manutenção do acento na posição original violaria essa regra e, por isso, o acento é deslocado uma sílaba à direita, recaindo sobre o morfema /-wa/, uma vez que o morfema seguinte é também lexicalmente não acentuado.

Nos exemplos em 219a-c), observamos o seguinte: a) o acento de ['k^hoʃkia] *palha* é alterado após a junção do sufixo /-wa/ *diminutivo*, passando para a sílaba imediatamente seguinte. Ao associar-se à palavra mais um sufixo /-na/ *exclusividade*, o acento não avança para esse sufixo, mas um processo fonológico apaga a vogal de /-wa/, associando o glide à sílaba precedente.

219)

a. [ja 'k ^h oʃkia]	b. [ja ,k ^h oʃ'kiawa]	c. [ja ,k ^h oʃ'kiawna]
/ja= k ^h oʃkia/	/ja= k ^h oʃkia -wa/	/ja= k ^h oʃkia -wa -na/
1PLPOS= palha	1PLPOS= palha -DIM	1PLPOS= palha -DIM -EXC
<i>Nossa palha.</i>	<i>Nossa palhinha.</i>	<i>Só nossa palhinha.</i>

Em 220), abaixo, temos uma palavra da Língua Portuguesa usada como empréstimo pela falante de Yaathe. Este é um exemplo interessante, onde podemos ver que a palavra em Português é [ta'peti] com acento na penúltima sílaba. Com a agregação do morfema diminutivo, o acento avança para a sílaba seguinte. A vogal final adquire qualidade de vogal plena porque passa a ser acentuada.

220)

a. [ta'peti]	b. [,tape'tiwa]
<i>Tapete</i>	tapeti -wa
	tapete -DIM
	<i>Tapetinho</i>

(ARM_NAR_006)

3.2.1.2.5 Sufixo de exclusividade

O morfema de exclusividade /-na/, como podemos ver no exemplo 218) acima, que aqui repetimos como 221) para demonstrar o fato descrito neste ponto, bem como no exemplo 222) abaixo, ocupa a última posição na palavra.

221)

a. [i 'ka]	b. [i 'kawa]	c. [i ,ka'wãna]
/i= ka/	/i= ka -wa/	/i= ka -wa -na/
1SGPOS= filho	1SGPOS= filho -DIM	1SGPOS= filho -DIM-EXC
<i>Meu filho.</i>	<i>Meu filhinho.</i>	<i>Só meu filhinho.</i>

222)

a. [wa'pela]	b. [,wapɛ'lãna]
/wapela/	/wapela -na/
livro	livro -EXC
<i>Livro</i>	<i>Só livro</i>

Esse morfema não recebe acento, dado que ele é um morfema não acentuado lexicalmente e por ocupar sempre a última posição na palavra. Como vimos, no entanto, ele

tem um papel na atribuição do acento, causando o avanço do acento lexical para uma das posições permitidas no nível da palavra.

Além disso, como é um sufixo iniciado por consoante nasal, a vogal que o precede é nasalizada pela regra de assimilação de nasal, o que nos garante que ele pode ser interpretado como um sufixo, formado por uma única sílaba que se junta a uma outra sílaba para formar um pé de uma palavra fonológica.

Podemos, então, definir uma palavra fonológica nominal como no quadro abaixo.

Quadro 9 - Palavra fonológica nominal

QUADRO 9			
Palavra fonológica nominal			
Raiz verbal	Agente	Tema	(gen) (dim) (exc)
Raiz Nominal	(Privação)		

3.2.2 Verbos

Os verbos em Yaathe, do ponto de vista gramatical, são constituídos por uma base mais afixos. Os verbos devem ser, obrigatoriamente, acompanhados por um clítico, quando os seus argumentos não estiverem expressos nominalmente ou por pronomes pessoais. Os clíticos e os sufixos verbais são mostrados nos quadros 10 e 11, a seguir, já dados na seção 1 e aqui repetidos para maior clareza, com adaptações.

Quadro 10 - Clíticos pronominais

QUADRO 10	Clíticos pronominais	
Clíticos	Argumentos	
	Sujeito	Objeto
SINGULAR	i	i
	a	a
	ta/e	e
PLURAL	ja	ja
	wa	wa
	t ^h a	t ^h a
REFLEXIVO/RECÍPROCO	sa	sa

Quadro 11 - Sufixos verbais

QUADRO 11		Palavra Fonológica verbal		
Raiz	Sufixos derivacionais	Tema	Sufixos Flexionais	VERBO
	Negação		Modo	
	Causativização		- Indicativo	
	Desideração		- Subjuntivo	
	Deferência		Participiais	
			- Paciente	
			- Locativo	
			- Infinitivo	
			- Temporal	
			Tempo	
	- Presente			
	- Passado			
	- Futuro			
	Modalidade			
	Finalidade			

3.2.2.1 Clíticos

Os clíticos que precedem uma raiz verbal também apresentam comportamentos diferenciados dependendo da constituição fonética da raiz, se iniciada por consoante ou por vogal.

Quando um clítico precede uma raiz iniciada por consoante, o clítico, embora não possua autonomia discursiva, possui autonomia fonológica, podendo constituir uma palavra fonológica por si mesmo.

Nos exemplos a seguir, os clíticos /ta=/ e /ja=/ precedem raízes começadas por consoante.

223)

[ta tet'k'ia]

/ta= teti -ka/

3SGS= fazer -IND

Ela faz.

(ALS_PRO_003)

224)

[ja fe:'tõ:k'ia]

/ja= fe:tone -ka/

1PLS= trabalhar -IND

Nós trabalhamos.

(ALS_PRO_003)

As formas [tet'k'ia] *fazer* e [fe:'tõ:k'ia] *trabalhar* possuem acento na última e na penúltima sílaba, respectivamente. O clítico pronominal a elas associados não altera a posição do acento, o que, de toda forma, já é previsto, desde que a proeminência acentual deve recair sobre uma das duas últimas sílabas da palavra.

Os exemplos a seguir, com raízes verbais iniciadas por consoante nasal, mostram mais claramente que esses clíticos não são parte da palavra fonológica, uma vez que a regra de assimilação de nasalidade, já descrita, aí não se aplica.

225)

[ta ne'ka]

/ta= ne -ka/

3SGS= dizer -IND

Ele diz.

(CIB_PRO_005)

226)

[ja 'nã:k'ia]

/ja= nane -ka/

1PLS= mostrar -IND

Nós mostramos.

(ALS_PRO_003)

Em [ta ne'ka] *Ele diz*, o acento, que é atribuído à última sílaba, nela permanece, depois da adição do clítico. O mesmo ocorre em [ja 'nã:k'ia] *Nós mostramos*, cujo acento principal recai sobre a penúltima sílaba. Nos dois casos, uma sílaba a mais do lado esquerdo da palavra deveria receber acento secundário, formando um pé degenerado, o que não ocorre quando essa sílaba é constituída por um elemento pronominal clítico, conforme já demonstramos na subseção 3.2.1.1.

Nos exemplos abaixo, um grupo de quatro sílabas, em que as duas primeiras são formas clíticas pronominais, podemos observar como esses elementos não têm um papel na atribuição do acento.

227)

[ta sa 'nã:k'ia]

/t^ha= sa= nane -ka/

3SGS= REC= mostrar -IND

Eles se viram.

228)

[ma'li sa ,nalni'ka]

/mali sa= nalni -ka/

Maria REF= pintar -IND/

Maria se pintou.

(CIB_LIE_002)

Em [t^ha sa 'nã:k'ia] *Eles se viram*, há um único acento, enquanto as duas sílabas iniciais, cada uma constituindo um clítico, não recebem acento. Em [mali sa nalni'ka] *Maria se pintou*, as sílabas [sa] e [nal] deveriam formar um pé com acento secundário em [nal], o que também não ocorre.

Quando um clítico terminado em /a/ precede o clítico de terceira pessoa do singular /e=/, esses dois elementos sofrem um processo de fusão com alongamento compensatório e passam a fazer parte da palavra fonológica constituída pela raiz verbal mais seus sufixos.

229)

[,jɛ:'klêne]

/ja= e= kle -ne/

1PLS= 3SGO= secar -FUT

Nós a secaremos (a palha).

(ALS_PRO_003)

Se os dois clíticos precedem uma raiz iniciada por vogal, sofrem os mesmos processos que no caso precedente, também perdem sua autonomia fonológica, passando a fazer parte da palavra seguinte, constituindo com ela uma única palavra fonológica.

No exemplo a seguir, os clíticos /ta=/ terceira pessoa do singular sujeito e /e=/ terceira pessoa do singular objeto precedem a raiz /inika/ comprar iniciada com a vogal /i/. Os seguintes processos fonológicos ocorrem: 1. Assimilação pela vogal /a/ de /ta=/ dos traços de altura da vogal /e/, do clítico objeto; 2. fusão das duas vogais com alongamento compensatório; e 3. mudança de /i/ para [j], seguida de ressilabificação do [j] na coda da sílaba longa precedente, formando uma sílaba pesada²⁸.

²⁸ Evidência para se postular essa sílaba como sendo pesada vem do fato que sílabas com consoante na coda não são acentuadas, se a vogal for breve. Exemplo: [ta tet'k'ia] *ele faz*.

230)

[, tɛ:j.ni. 'kã.ma]

/ta= e= ini -ka -ma/

3SGS= 3SGO= comprar -IND -FIN

Para ela comprar (alguma coisa).

(ALS_PRO_003)

Primeiro, vamos observar a atribuição de acento secundário. Enquanto o acento principal dessas formas recai sobre a penúltima sílaba, de acordo com os sufixos que são associados à raiz, como já foi descrito, há um acento secundário que, em ambos os casos, é atribuído à sílaba formada pelos clíticos /ta=/ e /e=/, que passam a [tɛ:=] devido ao processo de fusão dos traços das vogais e alongamento compensatório.

Essa sílaba longa, se localizada no âmbito da janela acentual da língua, sempre recebe acento principal, como podemos ver nos exemplos, a seguir.

231)

['tʰɛ:w.kʲa]

/tʰa= e= we -ka/

3SPL= 3SGO= matar -IND

Eles o/a matam.

(CIB_LIE_002)

232)

[tʰa 'sa:w.kʲa]²⁹

/tʰa= sa= e= we -ka/

3SPL= REC= 3SGO= matar -IND

Eles se matam.

(CIB_LIE_002)

Note-se que o primeiro clítico, no exemplo acima, [tʰa=] *terceira pessoa do plural sujeito*, não se junta ao clítico seguinte [sa=] *recíproco*, não recebendo acento de qualquer tipo.

²⁹ Embora, do ponto de vista segmental, haja aqui um ambiente favorável à fusão dos traços das vogais com alongamento compensatório, do mesmo modo que ocorre em ['tʰɛ:w.kʲa] *eles o matam*, esses processos não ocorrem quando os elementos envolvidos são pronome reflexivo/recíproco /sa/ mais pronome objeto de terceira pessoa /e/. Este processo de assimilação de traços com alongamento compensatório não foi devidamente explorado neste ou em trabalhos anteriores. É ainda uma questão em aberto.

Podemos ainda observar essa diferença de comportamento dos clíticos antes de vogal, comparando os exemplos acima com o que damos abaixo, onde o sujeito é um nome terminado em vogal.

233)

[i 'sa ,ejni'ka]

/i= sa e= ini -ka/

1SGPOS= mãe 3SGO= comprar -IND

Minha mãe compra.

(ALS_PRO_003)

Diferentemente dos clíticos nos exemplos mostrados, o processo de fusão de vogais com alongamento compensatório não se aplica entre ['sa] *mãe* e [e=] *terceira pessoa do singular objeto*. Em relação ao acento, ele é mantido em ['sa] *mãe*, como é próprio de palavras monossilábicas que são palavras de conteúdo. A sílaba formada pelo processo que torna /i/ em [j] não é considerada pesada pelas regras de acento, mas recebe acento secundário porque constitui um pé degenerado da palavra [,ejni'ka] *comprar*.

Portanto, atribuição de acento secundário e processos de assimilação, fusão e ressilabificação de glide fonético mostram que os clíticos podem constituir palavra fonológica com o seu hospedeiro quando há vogais entre os elementos envolvidos.

3.2.2.2 Sufixos derivacionais

Os sufixos derivacionais do Yaathe são formas que se agregam à raiz, modificando-a de forma a criar novos significados na língua. São os seguintes: negação, causativização, desideração e deferência.

3.2.2.2.1 Sufixo de negação

O morfema de negação /-'dode/ pode ser realizado como [-dode], [-dot], [-do] e [-de]. Todas essas formas, com exceção da última, ainda podem ocorrer com a primeira consoante africativizada, isto é, /d/ → [dʒ], opcionalmente, se precedida pela vogal /i/.

A forma /-'dode/, que consideramos a forma de base, ocorre antes de formas como ['k^hã:kia], [-'te]³⁰, ['hle] e no final de enunciado.

234)

[i e 'ddode 'k^hã:kia]

/i= e= da -dode k^hane -ka/

1SGS= 2SGO= deixar -NEG CONT.AUX -IND

Eu ainda não a deixo.

(ARM_NAR_006)

235)

[ja ho ,dode'te]

/ja= ho -dode -te/

1PLS= andar -NEG -INF

Para nós não andarmos.

(NAR_NAR_006)

236)

[ja'sa ,fejtõ:'dode 'hle]

/jasa fejtõne -dode hle/

a gente trabalhar -NEG já.AUX

A gente já não trabalha.

(ALS_PRO_003)

237)

[ja do'ke ,k^hã:'dode]

/ja= doke k^hane -dode/

1PLS= fome CONT.AUX -NEG

Nós ainda não temos fome.

(ARM_NAR_006)

³⁰ /-te/ infinitivo é um sufixo não acentuado lexicalmente. Entretanto, em alguns contextos ele pode ser acentuado.

238)

[i ɔbri.gadõ:'dode]

/i ɔbrigado -ne -dode/

1SGS= obrigado -FAC -NEG

Eu não sou obrigado.

(HAR_NAR_005)

239)

[i e ɪtak'dode]

i= e= da -tak -dode

1SGS= 2SGO= deixar -DES -NEG

Eu não quero deixá-lo.

(ARM_NAR_006)

Esses exemplos em que a forma de negação não sofre qualquer alteração fonológica mostram-nos que /-'dode/ é, de fato, uma forma presa que, do ponto de vista fonológico, junta-se à palavra fonológica da qual faz parte.

Em 234), antes de ['k^hã:kia], morfema que constitui uma palavra fonológica com os sufixos que a ele se associam, como mostraremos adiante, nenhum processo fonológico se aplica, seja de modificação de segmentos ou de redução de natureza rítmica. O mesmo ocorre nos exemplos em 235), onde o morfema /-te/ não constitui palavra fonológica à parte, e em 236), onde [-'dode] precede ['hle], que também constitui palavra fonológica independente das formas que o precedem.

Em 237), onde a negação opera sobre a forma verbal [k^hã:] – de /k^hane/ – e não sobre o nome [do'ke] *fome*, /-'dode/ é o último morfema da palavra e ele próprio não sofre alteração fonológica. Entretanto, ocorre uma alteração fonológica na fronteira entre os dois morfemas, o que mostra que /-'dode/ é uma forma presa com um papel na estrutura rítmica da palavra fonológica. Em outras palavras, é um sufixo que se associa com a palavra fonológica precedente. Os exemplos 238) e 239) confirmam essa predição.

A forma [-dot] – ou [-dʒot] – ocorre com raízes que têm mais de uma sílaba, inclusive porque os clíticos argumentos entram na contagem das sílabas da palavra fonológica, e antes de /-'ka/ *morfema de indicativo* sempre que esse morfema se realiza como [-'kia], conforme exemplos 240) a 242).

Em 241) e 242), observamos duas ocorrências do mesmo enunciado, que demonstram a opcionalidade da africatação.

240)

[i sak' fakdot'kia 'ke 'hle]

/i= sakfake -dode -ka ke hle/

1PLS= poder -NEG -IND CAUS.AUX já.AUX

Porque eu já não posso mais.

(ARM_NAR_006)

241)

[i sak, fakdzot'kia 'ke 'hle]

/i= sakfake -dode -ka ke hle/

1PLS= poder -NEG -IND CAUS.AUX já.AUX

Porque eu já não posso mais.

(ARM_NAR_006)

242)

[,jo:dot'kia 'hle]

/ja= o -dode -ka hle/

1PLS= ir -NEG -IND já.AUX

Nós já não vamos.

(ARM_NAR_006)

Dois processos fonológicos se aplicam nos limites desse morfema e mostram que ele faz parte da palavra fonológica, integrando-se à base, por um lado, e ao sufixo de modo, pelo outro.

a) africatação de oclusiva

Enquanto /d/ → [dʒ] em fronteira de raiz terminada em /i/ e /-'dode/, como mostrado no exemplo 241). Em 243), abaixo, onde o /i/ está em uma palavra e o /d/ em outra, a africatação da oclusiva não ocorre.

243)

[ja 'didi do:'ka 'hle]

/ja= didi dohe -ka hle/

1PLPOS= força não.haver -IND já.AUX

Não já não temos força. (Lit.: Nossa força já não existe)

(ALS_PRO_003)

b) desvozeamento de oclusiva

Outro processo que altera /-'dode/ é desvozeamento de oclusiva: a vogal final do morfema é apagada e /d/ → /t/ se o morfema seguinte começa com consoante surda, como já vimos no exemplo 242). Em 244), abaixo, entretanto, o desvozeamento não ocorre, mesmo se a vogal é apagada em fronteira de palavra.

244)

['nawd ,klai'fiwa 'ksa]

/nawde klai'fiwa ke sa -he/³¹

tudo padre LOC.POSP ser -NPAS

Tudo que é do padre.

(CIB_LIE_002)

Também podemos ter uma realização de /dode/ como [-dot]. Entretanto, [-dot], nesses casos, constitui a raiz de um verbo negativo, uma palavra fonológica independente do elemento que a precede, como mostram os exemplos em 245) e 246) a seguir.

245)

[,fulni'o dot'kia ke'a]

/fulnio dode -ka kea/

Fulni-ô não.ser -IND COND.AUX

Não seria Fulni-ô.

(CIB_NAR_002)

³¹ [ksa] é uma forma já cristalizada de /ke/ *locative posposição* + /sahe/ verbo existencial *ter*. Segundo Costa (1999), em cláusulas atributivas e predicativas a distinção de tempo é feita apenas entre não passado, marcado por /-he/ e passado, marcado por /-se/.

246)

[i'ke to:'na 'so dot'kia 'ke]

/i= ke to:na so dode -ka ke/

1SGS= LOC.POSP coisa outro não.ter -IND CAUS.AUX

Porque eu não tenho outra coisa.

(HAR_PRO_002)

Nesses dois casos, temos um nome [fulni'o], ou um sintagma nominal [,to:na'so] *outra coisa*. Nos dois casos, [dot'kia] *verbo negativo* forma uma palavra fonológica independente, de acordo com o critério acento.

Uma hipótese possível leva à noção de gramaticalização, pois podemos considerar que /-'dode/ é uma raiz verbal que se gramaticalizou como um sufixo derivacional junto a outro verbo. A existência de 245) e 246), acima, em que acompanhando construções nominais, ela representa uma palavra fonológica por si própria, é uma evidência bastante forte para sustentar essa hipótese.

A forma [-do] – ou [-dzo] – ocorre antes dos morfemas participiais /-doa/ e /-se/.³²

Os exemplos 247) e 248), abaixo, mostram, também, que o morfema de negação é parte dos grupos de morfemas a que se integra. Em 247), observa-se o processo de africatação depois de /i/ que foi apagado nessa fronteira. A forma subjacente é reduzida em uma sílaba por requerimentos de natureza rítmica, processo que também ocorre em 248), antes de outro morfema participial/relativizador [-se].

247)

[i sak, fakdzo'dwa]

/i= sakfake -dode -doa]

1SGS= poder -NEG -PAC.PART

Eu não posso.

(ARM_NAR_006)

³² Essa forma não ocorre antes de /-ho/, que é negado com /-do'a/, sufixo de negação nos nomes. Isso nos diz que /-doa/ e /-se/ são sufixos verbais mesmo, enquanto que /-ho/ é o único que nominaliza. Se um nome formado por /-se/ se nega com /-do'a/ é porque ele já se cristalizou como nome.

248)

[i e ,ttak'dose]

/i= e= da -tak -dode -se/

1SGS= 3SGO= deixar -DES -NEG -LOC.PART

Onde eu não quero deixá-la.

(ARM_NAR_006)

A forma [-de] ocorre com raízes com apenas uma sílaba, inclusive com um clítico que não entra na contagem das sílabas da palavra fonológica, conforme exemplos 249) e 250), a seguir.

249)

[,dʒode'ka 'hle 'de]

/i= o -dode -ka hle dehe/

1SGS= ir -NEG -IND já.AUX ADM

Eu já não vou.

(ARM_NAR_006)

250)

[t^ha ,kode'ka 'de t^ha 'hote 'k^ho[k^ja tʃi'ti]/t^ha= ko -dode -ka dehe t^ha= ho -te k^ho[k^ja tʃi-ti]

3PLS= dar -NEG -IND ADM 3PLS= andar -INF palha tirar -INF

Não dá mais para eles andarem tirando palha.

(ARM_NAR_006)

O exemplo 242), a seguir repetido como 251), que apresenta a forma [-dot], mostra que as duas realizações do morfema de negação podem ocorrer com a mesma raiz, desde que o clítico ou clíticos que a precedem não contem como sílaba para a formação de pé na palavra fonológica. Enquanto em 249) há uma coalescência do morfema /i=/ primeira pessoa do singular com a raiz /o/ ir, formando uma única sílaba [dʒo], em 251) o clítico /ja=/ primeira pessoa do plural sujeito junta-se com a raiz, formando uma única sílaba longa, que conta como um pé da palavra fonológica.

251)

[,jo:dot'kia 'hle]

/ja= o -dode -ka hle/

1PLS= ir -NEG -IND já.AUX

Nós já não vamos.

(ARM_NAR_006)

Uma exceção ocorre com [ek^hde'ka] *saber*, em que a negação se realiza como [de], possivelmente devido à ocorrência de várias sílabas contíguas iguais ou semelhantes³³, apesar de a raiz ter mais de uma sílaba após a coalescência com os clíticos argumentos que a precedem.

252)

[je:k^hdede'ka]/ja= e= k^hde -dode -ka/

1PLS= 3SGO= saber -NEG -IND

Nós não sabemos.

Em uma forma como [je:k^hdede'ka] *Nós não sabemos*, podemos observar que a inserção do morfema de negação possui um papel na atribuição de acento secundário. Enquanto o acento principal recai sobre a última sílaba da palavra, o algoritmo de atribuição de acento secundário estabelece que esse acento recaia sobre sílabas alternadas a contar da sílaba com acento principal da direita para a esquerda. Uma regra de apagamento de sílabas segmentalmente iguais ou semelhantes contíguas se aplica, de modo a atender ainda a requerimentos da estrutura rítmica.

³³ Esse processo é conhecido em Linguística Histórica como haplogogia, um processo de mudança linguística que consiste na supressão de sílabas iguais ou semelhantes em um contínuo.

3.2.2.2.2 Sufixo de causativização

O sufixo de causativização /-ne/ modifica uma forma verbal alterando a sua valência, ou seja, um verbo intransitivo muda para transitivo pela adição desse morfema a raiz. Ele se realiza sempre como [ne].

Comparando 253) com 254), podemos observar que em 253) a raiz /'naha/ significa *ver*. Em 254), a seguir, a mesma raiz acrescida do sufixo /-ne/ significa *fazer ver*, ou seja, *mostrar*.

253)

[t^ha ,naha'te oo'ke]

/t^ha= naha -te oo'ke/

3PLS= ver -INF aqui

Para elas verem aqui.

(DEF_PRO_001)

254)

[i 'tak ,nã:ne'te]

/i= ta= ke naha -ne -te/

1SGS= 3SGO LOC.POSP ver -CSTV-INF

Para eu mostrar a ela.

(DEF_PRO_001)

Do ponto de vista do acento, como a forma derivada ainda conta duas sílabas, do mesmo modo que a forma primitiva, não ocorrem modificações.

Em termos de processos fonológicos, porém, temos dois processos que ocorrem no domínio da palavra aplicando-se entre a raiz e o morfema de causativização: apagamento de fricativa glotal com alongamento compensatório e nasalização da vogal.

3.2.2.2.3 Desideração

Um morfema que transforma qualquer raiz verbal em outra forma significando “querer X”, onde X representa o significado da raiz verbal, pode ter as formas [-tka] ou [-tak], conforme exemplos em 255) e 256).

255)

[ja 'k^hodʒo ,netkas'ke]

/ja= k^hodʒo ne -tka -ske/

1PLS= trabalho fazer -DES -SUBJ

Se nós quisermos fazer o trabalho.

(ARM_NAR_006)

256)

[i ,kaktak'ka]

/i= kaka -tak -ka/

1SGS= bom -DES -IND

Eu quero ser bom.

(CIB_LIE_001)

O sufixo [-tka] ou [-tak] incorpora-se ao pé constituído pela última sílaba da palavra, que são, nos exemplos, os morfemas /-'ka/ e /-'ske/, expressões de modo indicativo e subjuntivo, respectivamente. A colocação do morfema de desiderativo entre a raiz e esses sufixos, que são parte da morfologia verbal e são sempre acentuados, a menos que uma sílaba pesada atraia o acento principal em determinadas formas verbais, é evidência bastante para se determinar seu *status* como parte da palavra fonológica à qual é associado.

Além disso, o desiderativo não pode ocorrer sozinho. Sempre que o significado *querer* precisa ser expresso, é necessário juntar-se a esse elemento o morfema /-ne/ na posição da raiz verbal, conforme exemplo em 257).

257)

[i ,netka'ka]

/i= ne -tka -ka/

1SGS= fazer -DES -IND

Eu quero.

(CIB_LIE_001)

Do ponto de vista dos processos fonológicos, o processo de desvozeamento da consoante oclusiva /d/ antes de um segmento não vozeado aplica-se entre uma raiz verbal que teve a vogal final apagada e um sufixo. Podemos ver esse processo se aplicando em 258) abaixo.

258)

[i e ,ttak'ka]

/i= e= da -tak -ka/

1SGS= 3SGO= deixar -DES -IND

Eu quero deixá-lo/a.

(CIB_LIE_001)

3.2.2.2.4 Deferência

Deferência ou respeito, reconhecimento do *status* do interlocutor ou do referente, é expresso pelo morfema /-ʎa/, conforme exemplos abaixo.

259)

[ko,ʎad^wa'se]

/ko -ʎa -doa -se/

dar -DEF -PAC.PART -PAS

Foi dado. (Por Deus)

(HAR_PRO_003)

260)

[,wɛ:flã,neʎa'ses 'de]

/wa= e= flane -ʎa -se -se de

2SGS= 3SGO= comer -DEF -LOC.PART -PAS FON.POSP

Depois que vocês o comerem.

(CIB_NAR_002)

Evidência para se interpretar /-ʎa/ *deferência* como parte da palavra fonológica vem das seguintes observações:

i) tem um papel na atribuição de acento, podendo, de acordo com a métrica, receber acento tanto primário quanto secundário;

ii) ocorre logo depois da raiz verbal e é seguido pelos demais morfemas verbais, como /-doa/ em 259) e /-se/ em 260); esses dois morfemas são participios, e funcionam como relativizadores na estrutura sintática.

3.2.2.3 Sufixos flexionais

Os sufixos flexionais do Yaathe são formas que se agregam à raiz, modificando-a e atribuindo-lhe categorias gramaticais. São os seguintes: 1. Sufixos de modo: indicativo e subjuntivo; 2. Sufixos de participio: paciente, locativo, temporal e infinitivo; 3. Sufixos de tempo: presente, passado e futuro; 4. Sufixo de modalidade: assertivo; 5. Sufixo de finalidade.

3.2.2.3.1 Sufixos de modo

Os sufixos de modo são uma categoria gramatical que se associam aos verbos e que informam o tipo de comunicação estabelecida pelo falante entre ele e seu interlocutor. Em Yaathe há dois tipos de sufixos de modo que se agregam à raiz e marcam o modo assertivo (afirmativo ou negativo), que é o indicativo; e os morfemas que expressam o modo optativo, que é o subjuntivo. Esses sufixos ocupam a posição em seguida à raiz, ou, no caso de esta ter sofrido modificação por um (ou mais de um) dos sufixos derivacionais, depois desses sufixos.

– indicativo

O sufixo de modo indicativo /-'ka/ realiza-se como [-ka], [-k^ja], [-k^wa] e [-k], que ocorrem com diferentes tipos de raízes em termos de extensão e independentemente dos morfemas que a seguem. Concluímos, por isso, que a escolha dessas formas é condicionada por requerimentos da natureza fonológica da raiz a que se agregam, esses requerimentos sendo o acento lexical da raiz e a sua constituição segmental, respectivamente, conforme já descrito na subseção 2.2.2.

A forma [-'ka] ocorre com raízes fortes, isto é, raízes que não sofrem apagamento da última vogal, conforme exemplos 261) e 262), ou com raízes fracas – aquelas que sofrem apagamento da última vogal, mas essa vogal é /a/³⁴, conforme exemplo 263).

³⁴ Todas as raízes terminam em uma dessas cinco vogais /i, e, a, o, u/

261)

[,jɛ: ʃĩne'kahe]

/ja= e= ʃine -ka -he/

1PLS= 3SGO= contar -IND -FUT

Nós a contaremos. (A história da qual se falava antes.)

(CIB_NAR_002)

262)

[i e ,t^hwa'ka 'lwa]i= e= t^hwa -ka lwa

1SGS= 3SGO= gostar -IND INEF

Até que eu gosto. (Mas não de verdade.)

(CIB_LIE_002)

263)

[,ja'ded^wa kfaf'ka]/jaded^wa kfafa -ka/

menino dormir -IND

O menino dorme.

(CIB_LIE_002)

As formas [-k^ja] e [-k^wa], que podem ser acentuadas ou não, ocorrem com raízes fracas, isto é, raízes que sofrem apagamento da última vogal, conforme os exemplos em 264) e 265). Em 264), a vogal final da raiz é /e/, que porta o traço [coronal], assim como /i/; em 265), a vogal final da raiz é /o/, que porta o traço [labial], assim como /u/.

264)

[i k^hok'k^ja 'hle]/i= k^hoke -ka hle/

1SGS= chorar -IND já.AUX

Eu ja chorei.

(HAR_NAR_005)

265)

[ja 'k^hk^wa 'hle 'de]/ja= k^ho -ka hle dehe/

1PLS= beber -IND já.AUX ADM

Nós já bebíamos.

(ARM_NAR_006)

A forma [k] ocorre entre duas palavras em um mesmo sintagma fonológico, conforme exemplos em 266) e 267) a seguir.

266)

['nok 'ke 'hle]

/no -ka ke hle/

ir -IND CAUS já.AUX

Porque já vai.

(CIB_PRO_004)

267)

['dʒak 'teka]

/i= ta -ka te -ka/

1SGS= estar -IND PRMA.AUX -IND

Eu estou.

(DEF_NAR_003)

– subjuntivo

O morfema /-'ske/, subjuntivo, ocorre sempre depois de raiz ou tema verbal.

268)

[e.ʈfĩto'a ft^ho'a nes'ke]/eʈfĩ -towa ft^hoa ne -ske/

feitiço -PART um dizer-SUBJ

Se um feiticeiro disser.

(CIB_PRO_006)

269)

[ja'sa tĩ,nedes'ke]

/jasa tine-de-ske/

gente levar.a.sério -NEG -SUBJ

Se nós não levarmos a sério.

(CIB_NAR_001)

O morfema /-'ske/ recebe acento principal, único das formas a que se associa. Por outro lado, temos a forma [-de], realização de /'dode/ *negação*, que já foi demonstrado anteriormente tratar-se de um sufixo que constitui palavra fonológica com elementos que o precedem e o seguem e que na forma [-de] não ocorre em final de palavra fonológica (Ver subseção 3.2.2.2.1). Isso também pode ser observado em 270), abaixo, onde temos o morfema [-tka] *desideração*, que também é um morfema derivacional que se junta a uma raiz e é seguido pelos morfemas flexionais verbais, como modo e tempo.

270)

[,jɛ:jni'ka'hle ja 'kʰodzo ,netkas'ke]

/ja= e= ini -ka hle ja= kʰodzo ne -tka -ske/

1PLS= 3SGO= comprar -IND já.AUX 1PLPOS= trabalho fazer -DES -SUBJ

Nós já compramos se nós quisermos trabalhar.

(ALS_PRO_003)

Em 271) e 272), a seguir, o morfema /ke'a/, que expressa a noção condicional, pode ocorrer depois de uma forma verbal terminada em /-'ske/, modificando o significado da expressão para “se fosse X”, onde X representa a noção expressa pela raiz verbal, de modo que, enquanto /-'ske/ sozinho significa subjuntivo futuro, /-'ske] + /ke'a/ significa subjuntivo passado.

271)

[,jakʰto'awa ja 'dzo sa'ke tʃis'ke ke'a 'mũdu 'ʎa jɛ:kʰtõ:ne'ka ke'a]

/ja= kʰtoa -wa ja= dzo sa= ke tʃi -ske kea

1PL= QUANT-DIM 1PLPOS= coração REC= LOC.POSP chegar -SUBJ COND.AUX

mũdu -ʎa ja= e= kʰtone -ka kea/

mundo -DEF 1PLS= 3SGO= consertar -IND COND.AUX

Se nós tudinho nos uníssemos, nós consertaríamos o mundo.

(CIB_PRO_006)

272)

[ˈnẽm ja ˌnedesˈke keˈa]

/nema ja= ne -de -ske kea/

então 1PLS= fazer -NEG -SUBJ COND.AUX

Então, se nós não fizéssemos...

(CIB_PRO_004)

3.2.2.3.2 Sufixos participiais

Os sufixos participiais são morfemas que se agregam à raiz ou tema verbal, de modo que a referência feita ao sujeito da cláusula veicula noções como adjetivos, nomes ou advérbios. Esses morfemas também possuem função relativizadora. Descrevemos aqui quatro desses sufixos: /-doa/ *particípio paciente*, /-se/ *particípio locativo*, /-ma/ *particípio temporal*. Colocamos nessa categoria também o morfema /-te/ *infinitivo*.

– *particípio paciente*

O sufixo /-doa/, quando associado a uma raiz verbal, veicula a noção: o sujeito da cláusula “possui a característica expressa por X”, onde “X” representa qualquer raiz da classe em questão. Vejamos os exemplos abaixo.

273)

a. [ta ˌdmãneˈka]

/ta= dmãne -ka/

3SGS= ser.belo -IND

Ele é belo.

b. [ta ˌdmãˈnedˈwa]

/ta= dmãne -doa/

3SGS= ser.belo -PAC.PART

Ele que é belo.

274)

a. [ta ˌlewneˈka]

/ta= lewne -ka/

3SGS= calar -IND

Ele (se) cala.

b. [ta ˌlewˈnedˈwa]

/ta= lewne -doa/

3SGS= calar -PAC.PART

Ele que está calado.

O morfema /-doa/ ocorre em três formas: [-doˈa], [-dˈwa] e [dʒoˈa].

As formas [-do'a] e [-dʒo'a] são, do ponto de vista prosódico, basicamente a mesma. O que é diferente entre as duas é a ocorrência de um processo segmental opcional, africativização de oclusiva, depois de /i/ – ainda que o /i/ seja posteriormente apagado.

Em todos os casos em que, nos nossos dados, ocorre [-do'a] ou [-dʒo'a], a última vogal do tema foi apagada.

275)

[tʰa ja kʰet'kʲa kʰã: ,doa'se]

/tʰa= ja= kʰetkʲa kʰane -doa -se/

3PLS= 1PLPOS= nome botar -PAC.PART -PAS

Nosso nome foi botado por eles.

(CIB_NAR_001)

276)

['kʰoʃkʲa ,tɔtdo'a 'laj ja ,teti'te]

/kʰoʃkʲa tɔte -doa alaj ja= teti -te/

palha secar -PAC.PART com.POSP 1PLS= fazer -INF

É feito com palha seca por nós.

(CIB_PRO_006)

277)

[ja se ,tsõ:do'a 'sato]

/ja= setso -ne -doa sato/

1PLS= índio -FAC -PAC.PART PL

Nós que somos índios.

(CIB_LIE_002)

Em todos os casos em que ocorre [-dʷa], não há redução da forma do tema, seja o elemento precedente a raiz verbal ou um sufixo derivacional, conforme exemplos a seguir.

278)

[ko ,ʎadʷa'se]

/ko -ʎa -doa -se/

dar -DEF -PAC.PART -PAS

Foi dado. (por Deus)

(HAR_NAR_005)

279)

[oo'ke 'kʰadʷa oo'ke e'kʰedʷa 'sato]

/ooke kʰa -doa ooke e= kʰe -doa sato/

aqui estar -PAC.PART aqui 3SGO= amarrar -PAC.PART PL

Está aqui... amarrados aqui.

(DEF_PRO_001)

280)

['tʃledʷa]

/tʃle -doa/

misturar -PAC.PART

Misturado.

(CIB_PRO_005)

281)

[e'tkʰa 'nodʷa]

/e= tkʰa no -doa/

3SGPOS= cabeça ir -PAC.PART

O que vai na cabeça dela.

(CIB_PRO_005)

– locativo

O sufixo /-se/, quando associado a uma raiz verbal ou a um tema verbal, veicula a noção: “onde se faz X” ou “que se faz X”, onde “X” representa qualquer raiz da classe em questão, conforme exemplos a seguir.

282)

a. [,wene'ka]

/wene -ka/

abrir -IND

Abrir

b. [,wɛ'nese]

/wene -se/

abrir -LOC.PART

Onde se abre

283)

a. [ta ,kejni'ka]

/ta= kejni -ka/

3SGS= ensinar -IND

Ele ensina

b. [se ,kej'nise]

/se= kejni -se/

DET.GEN= ensinar -LOC.PART

Onde (se) ensina

284)

a. [e 'kĩ:kĩa]

/e= kine -ka/

2SGO= sentar -IND

Ele senta.

b. [,se'kĩ:se]

/se= kine -se/

DET.GEN= sentar -LOC.PART

Onde (se) senta

O morfema /-se/, participio com valor locativo, apresenta quatro realizações possíveis: [-se], [-fi] e [-s].

A forma [-se] ocorre:

a) em final de palavra, conforme exemplo abaixo.

285)

[ja 'k^hodʒo ne'se 'k^hoʃkĩa 'te]/ja= k^hodʒo ne -se k^hoʃkĩa te/

1PLPOS= trabalho fazer -LOC.PART palha INST.POSP

Onde fazemos nosso trabalho com palha.

(ARM_NAR_006)

b) em meio de palavra, seguida de outros morfemas, conforme exemplo abaixo.

286)

[,wɛ:flã,neʎa'ses 'de]

/wa= e= flane -ʎa -se -se de/

2PLS= 3SGO= comer -DEF -LOC.PART -PAS FON.POSP

Depois que vocês o tiverem comido.

(CIB_NAR_002)

A forma [-fi] ocorre nos mesmos ambientes que [-se], depois de /i/, opcionalmente, conforme exemplo abaixo.

287)

[i 'k^hodʒo te'tiʃi o'wa]/i= k^hodʒo teti -si owa/

1SGS= trabalho fazer -LOC.PART DEM

Onde eu faço esse trabalho.

(CIB_NAR_001)

A forma [-s] ocorre antes de /ke/, /de/, /ti/ e outras posposições, conforme exemplos 288a-c).

288)

a) [,sekej'nis 'ke]

/se= kejni -se ke/

DET.GEN= ensinar -LOC.PART LOC.POSP

No (lugar) onde (se) ensina. (Escola)

b. [,sekej'nis 'de]

/se= kejni -se de/

DET.GEN= ensinar -LOC.PART FON.POSP

Do (lugar) onde (se) ensina. (Escola)

c) [,sekej'nis 'ti]

/se= kejni -se te/

DET.GEN= ensinar -LOC.PART DEST.POSP

Para o (lugar) onde (se) ensina. (Escola)

(CIB_NAR_001)

– infinitivo

O morfema /-te/ expressa noções como infinitivo e gerúndio em Português. Ele pode ser acentuado ou não acentuado e pode causar mudanças na forma da raiz ou sufixo que o precede.

Raízes que terminam em vogal breve, essa vogal podendo ser apagada ou não, o acento recai sobre a penúltima sílaba da raiz, conforme exemplos em 289) a-c, onde as raízes têm duas sílabas, do mesmo modo como em 290) a-c, onde as raízes são monossilábicas.

289)

a. [,ke'hate]

/keha -te/

comer -INF

(para) comer

b. [,ej'nite]

/ejni -te/

comprar -INF

(ir) comprar

c. [,jɛ:'k^hete]

/jɛ:k^he -te/

procurar -INF

(para) nós procurarmos

290)

a. [i 'kote]

/i= ko -te/

1SGS= dar -INF

(para) eu dar

b. [e 'hote]

/e= ho -te/

3SGS= ir -INF

(para) ele ir

c. ['site]

/si -te/

tecer -INF

(para) tecer

Com raízes que terminam em sílaba travada por consoante, porque uma vogal no final da raiz é apagada antes de /-te/, o acento recai sobre o /-te/.

291)

a. [tet'te]

/teti -te/

fazer -INF

(para) fazer

b. [kil'te]

/kili -te/

subir -INF

(para) subir

c. [tol'te]

/toli -te/

lachar -INF

(para) lachar

Em raízes terminadas em [ne], com a vogal precedente a esse [ne], breve ou longa, sendo nasalizada, o acento principal recai sobre /-te/ e um acento secundário recai sobre a antepenúltima sílaba.

292)

a. [fli ,dõne'te]

/flidone -te/

limpar -INF

(para) limpar

b. [ta ,nã:ne'te]

/ta naha -ne -te/

3SGS= ver -CSTV -INF

(para) ela mostrar

- c. [saˌʃĩne'te]
 /saʃĩne -te/
 descansar -INF
 (para) descansar

Com raízes terminadas em [ne], mas com vogal precedente longa não sendo nasalizada, o acento principal recai sobre /-te/ e o acento secundário sobre a antepenúltima sílaba.

293)

- a. [iˌtʰɔːne'te]
 /i= tʰɔːne -te/
 1SGS= acabar -INF
 estou acabando

- b. [ˌtʃĩːne'te]
 /tʃĩːne -te/
 completar -INF
 (para) completar, inteirar

- c. [iˌlaːne'te]
 /i= laːne -te/
 1SGS= achar.pouco -INF
 eu achando pouco

Em raízes terminadas em \tilde{V} : (vogal longa nasal), o acento recai sobre a última sílaba da raiz.

294)

- a. [ˌdɛ'mĩːte]
 /dɛmi -ne -te/
 pedir -CSTV -INF
 (foram) pedir

- b. [ˌplɛʃˈtãːte]
 /plɛʃˈta -ne -te/
 emprestar -CSTV -INF
 (vou) tomar emprestado

- c. [ˌfɛː'tõːte]
 /fɛːto -ne -te/
 trabalhar -CSTV -INF
 (estou) trabalhando

- d. [iˌkfɛl'sêːte]
 /i= kfɛlse -ne -te/
 1SGS= oferecer -CSTV -INF
 (vem) me oferecendo

Essa vogal longa final de raiz é resultado do processo de alongamento compensatório depois do apagamento da sílaba /-ne/, sufixo *causativo*. Os dois primeiros exemplos são interessantes de se observar, pois se tratam de bases verbais do Português – dar e emprestar, respectivamente. No caso de [dɛ'mĩ:te], a forma tomada como base é *dê-me*, imperativo seguido do clítico objeto. A essa forma tomada como base, acresce-se o sufixo /-ne/ *causativo*, produtivamente utilizado para formar verbos intransitivos ativos, como aqueles mostrados nos dois últimos exemplos, em que um verbo novo é criado a partir de uma raiz verbal já existente.

O papel de /-te/ na atribuição de acento e a ocorrência de processos fonológicos, como apagamento de vogal em final de raiz e alongamento compensatório, são evidências para tratarmos /-te/ como um sufixo que se associa à palavra fonológica precedente.

Os exemplos a seguir mostram o comportamento de /-te/, acentuado, em um verbo com uma única sílaba.

295)

a. ['k^hodʒo ne'te]

/k^hodʒo ne -te/

trabalho fazer -INF

(para) fazer o trabalho

b. [se'ti 'fniho ne'te]

/seti fni-ho ne -te/

casa olhar -AG fazer -INF

(para) ter quem olhe a casa

c. ['kodo ne'te]

/kodo ne -te/

encher fazer -INF

(para) encher

d. ['didi ne'te]

/didi ne -te/

força fazer -INF

(para) fortalecer

O que ocorre nesses exemplos é que temos duas palavras fonológicas, a primeira sendo um nome ou adjetivo e a segunda o verbo formado pela raiz /ne/ que tem um valor genérico, uma vez que pode ser interpretada por ter, ser, existir, fazer, etc.. Evidência para essa interpretação vem dos dois fatos observados e tomados como critérios para a delimitação da palavra fonológica: i) o acento, já que cada uma das duas palavras envolvidas possui um acento principal; e ii) a não ocorrência dos processos que podem ocorrer nessa junção quando se está lidando com uma única palavra fonológica – apagamento de vogal final da raiz, criando uma sílaba travada por consoante, nasalização da última sílaba da raiz e apagamento de /ne/ com nasalização e alongamento da vogal precedente.

– **particípio temporal**

O morfema /-ma/ expressa uma noção temporal, do tipo simultaneidade, de modo que pode ser traduzido por *quando* em Português. A vogal final pode ser ou não nasalizada, o que pode ser explicado com base na noção de implementação fonética.

Esse morfema comporta-se mais ou menos do mesmo jeito que /-'ka/ e /-te/ em relação tanto ao acento quanto a processos fonológicos: ele pode ser acentuado ou não acentuado e pode causar mudanças na forma da raiz ou sufixo que o precede.

Os exemplos a seguir mostram /-ma/ em diferentes contextos fonológicos.

a) depois de raiz terminada em vogal nasal longa

296)

[i e 'ĩ:ma]

/i= e= ine -ma/

1SGS= 3SGO= receber -TEMP.PART

Quando eu o recebo.

(ARM_NAR_006)

b) depois de raiz terminada em vogal nasal longa, antes de outro elemento.

297)

[ta 'nã:ma k^hi'a]

/ta= naha -ne -ma k^hia/

3SGS= ver -CSTV -TEMP.PART IMPF.AUX

Quando ele via.

(CIB_NAR_002)

298)

[,jɛ:'tʃõ:ma 'hle]

/ja= e= tʃone -ma hle/

1PLS= 3SGO= trazer -TEMP.PART já.AUX

Quando nós já o trazíamos.

(CIB_NAR_002)

Em relação aos exemplos acima, podemos observar que enquanto em 296) temos apenas um acento, com /-ma/ sendo não acentuado, nas formas em 297) e 398) temos dois acentos: [ta 'nã:ma k^{hi}'a] tem um acento em ['nã:] e outro em [k^{hi}'a]; [jɛ:'tʃõ:ma 'hle] tem um acento em [tʃõ:] e outro em ['hle].

Considerando que o acento principal em Yaathe deve recair sobre uma das duas últimas sílabas da palavra, essas formas, portanto, violariam esse requerimento prosódico da língua. Concluimos, então, que /-ma/ forma palavra fonológica com a raiz verbal – e outros sufixos que se agregam a essa raiz, quando for o caso.

c) agregado a uma forma verbal terminada em vogal breve.

299)

[t^ha ,ol'něma]

/t^ha= olne -ma/

3PLS= cobiçar -TEMP.PART

*Quando eles cobiçavam*³⁵.

(CIB_NAR_002)

300)

[i ,p^ho:'něma]

/i= p^ho:ne -ma/

1SGS= levantar -TEMP.PART

Quando eu me levanto.

(ARM_NAR_006)

Os exemplos em 299) e 300), acima, mostram que o processo de assimilação de nasalidade se aplica entre a última sílaba da raiz e /-ma/ *participio temporal*: o traço nasal de [m], consoante inicial do morfema /-ma/ espraia sobre a vogal final da raiz, demonstrando-se, assim, que /-ma/ forma uma palavra fonológica com o morfema precedente. O critério acentuação – acento principal único por palavra – também é preenchido.

d) depois de raiz terminada em CV – por apagamento da vogal final da raiz

35 A forma é presente, mas o falante contava uma história e usava muitas formas no presente a que chamamos presente histórico.

301)

[ja k^het'mã]/ja= k^hete -ma/

1PLS= achar -TEMP.PART

Quando nós achávamos.

(ARM_NAR_006)

302)

[ja 'k^hmã]/ja= k^ho -ma/

1PLS= beber -TEMP.PART

Quando nós bebíamos.

(ARM_NAR_006)

303)

[fe'tʃa kil'mã]

/fetʃa kili -ma/

sol subir -TEMP.PART

Quando o sol subia.

(ARM_NAR_006)

Nas formas apresentadas acima, o sufixo /-ma/ causa o apagamento da vogal final da raiz, ao mesmo tempo em que recebe o único acento principal da palavra, confirmando o seu *status* de parte da palavra fonológica.

e) uma forma como /'teti/ *fazer* sofre apagamento da vogal final quando lhe é associado o morfema /-ma/.

304)

[ta tet'mã]

/ta= teti -ma/

3SGS= fazer -TEMP.PART

Quando ele faz.

(ALS_PRO_003)

Também, quando depois de /-ma/ ocorre outro elemento, como, em 305) abaixo, o morfema de passado /-se, /-ma/ recebe o acento principal.

305)

[i ta ,tet'mãse]

/i= ta= tateti -ma -se/

1SGS= 3SGO= fazer -TEMP.PART -PAS

Quando eu a fiz.

(HAR_PRO_002)

f) depois do morfema de participio /-doa/, temos vogal final nasalizada e acento único sobre a forma [-d^wa], como mostra o exemplo em 306), abaixo.

306)

[i 'ti te'e 'ke ,ka'd^wãma]

/i= ti tee ke ka -doa -ma/

1SGPOS= casa dentro LOC.POSP estar -PAC.PART -TEMP.PART

Quando eu estiver dentro de casa.

(HAR_NAR_005)

g) depois de uma forma nominal seguida do morfema /-ne/ com valor existencial, equivalente a “N existe”, onde “N” representa qualquer nome.

307)

[,t^haj'hõ:ma k^hi'a]

/t^haj -ho -ne -ma k^hia/

carregar -AG -CSTV -TEMP.PART IMPF.AUX

Quando havia quem carregava.

(CIB_PRO_004)

O morfema /-ne/ é apagado no final da palavra, antes do morfema /-ma/, gerando uma vogal longa nasal. Em termos de acento, são dois os acentos principais: um em [t^haj'hõma] e outro em [k^hi'a]. O processo fonológico de alongamento compensatório, relacionado ao

apagamento do morfema /-ne/, evidencia que /-ma/ constitui palavra fonológica com os elementos que o precedem.

h) /-ma/ pode, ainda, ocorrer depois de um nome que recebeu o morfema /-ne/.

308)

[,kahni'ʒõ:ma k^hi'a]

/kahniʒõ -ne -ma k^hia/

Carnijó -CSTV -TEMP.PART IMPF.AUX

Quando era Carnijó.

(CIB_NAR_002)

Em 308), o nome [,kahni'ʒõ] termina em vogal média aberta. Entretanto, ao juntar-se ao morfema /-ne/, essa vogal realiza-se como fechada e nasal, ou seja, o processo de assimilação de nasalidade aí se aplica. Esse morfema é apagado, gerando alongamento compensatório antes do morfema /-ma/, o que confirma a hipótese que /-ma/ faz parte da palavra fonológica precedente. O critério acento também pode ser observado: há um acento principal na última sílaba do nome e um acento também principal na última sílaba do elemento seguinte [k^hi'a], que pode ser tratado como verbo – mesmo que de um tipo especial ainda não reportado em Yaathe³⁶.

Em 309) e em 310), também temos nomes precedendo /-ma/. O elemento /-ma/ comporta-se como um sufixo: a vogal final do nome, precedendo a consoante nasal inicial do sufixo, é nasalizada e o conjunto assim formado recebe um único acento, sobre a sílaba final do nome. A palavra em 310) é especial por se tratar de um nome do Português tomado como empréstimo pelo Yaathe e nativizado. Esse exemplo mostra com clareza que a base para a afixação do morfema é um nome.

309)

[,so'tʃãma]

/sotʃã -ma/

de.tarde -TEMP.PART

Quando (é) de tarde.

310)

[,õ'lãma]

/'õla -ma/

hora -TEMP.PART

Até (essa) hora.

(ARM_NAR_006)

³⁶ Seria um verbo, ou uma palavra que corresponderia a uma noção como verbo, constituído por um elemento que já foi tratado (COSTA, 1999) como expletivo e um outro elemento que poderia ser um clítico ou uma partícula, como ocorre, por exemplo, com existenciais como ['sahe] *ser* e ['sãne] *ter* ou mesmo com [sak^hi'a] *era*.

Podemos concluir a partir das descrições acima que o morfema /-ma/ constitui palavra fonológica com a raiz e demais sufixos que o precedem.

3.2.2.3.3 Sufixos de tempo

– presente

O tempo presente é não marcado, conforme os exemplos em 311) e 312).

311)

[,ja'ded^wa ,kfaf'ka]

/jadedoa kfafa -ka -ø/

menino dormir -IND -PRES

O menino dorme.

(IVP_LIE_003)

312)

[i e t^hwa'ka]

i= e= t^hwa -ka -ø /

1SGS= 3SGO= gostar -IND -PRES

Eu gosto.

(IVP_LIE_003)

– passado

O morfema /-se/ *passado* apresenta duas realizações: [se] e [s]. A forma [-se] ocorre:

a) antes de pausa (ou silêncio), conforme exemplos de 313) a 316).

313)

[i ta ,tet'mãse]

/i= ta= teti -ma -se/

1SGS= 3SGO= fazer -TEMP.PART -PAS

Quando eu a fiz.

(HAR_PRO_002)

314)

[ta til'fĩ:kia'se]

/ta= tilfĩ -ne -ka -se/

3SGS= bonito -CSTV -IND -PAS

Ela ficou bonita.

(CIB_PRO_005)

315)

[t^ha ja k^het'kia k^hã: ,doa'se]/t^ha= ja= k^hetkia k^hane -doa -se/

3PLS= 1PLPOS= nome botar -PAC.PART -PAS

Nosso nome foi botado por eles.

(CIB_NAR_001)

316)

[i e ,k^hã: 'sese]/i= e= k^hane -se -se/

1SGS= 3SGO= botar -LOC.PART -PAS

Onde eu o botei.

(HAR_NAR_005)

Que /-se/ *passado* tem um papel na atribuição do acento pode ser observado comparando-se as formas desses verbos no presente, que são, respectivamente: [it^hatet'mã] *quando eu faço*; [ta til'ʃi:kia] *está bonito*; e [k^hã:do'a] *é dado*.

b) seguida de outros elementos, como [j] *trajeto* e ['hle] *já auxiliar*.

317)

[ja k^hka'sej]/ja= k^hka -se i/

1PLS= pequeno -PAS TRAJ.POSP

Desde que éramos pequenos.

(ALS_PRO_003)

318)

[la ,lika'se 'hle]

/lalika -se hle]

muitos -PAS já.AUX

Já foram muitos.

(ALS_PRO_003)

Em 317), o morfema /i/ realiza-se como [j] através de um processo fonológico pós-lexical. Por esse processo, uma palavra constituída pela vogal /i/ ressilabifica-se com a palavra precedente, realizando-se como um glide associado à coda da última sílaba dessa palavra.

Em 318), o morfema /'hle/ não se junta à palavra precedente, desde que possui acento próprio. O comportamento desse morfema será discutido mais adiante, bem como outras questões relacionadas ao /-se/ que o precede.

A forma [-s] ocorre seguida de outros elementos, como /ke/ *causal*, /de/ *fonte*.

319)

[ta de,mĩ:'kias 'ke]

/ta= demi -ne -ka -se ke/

3SGS= pedir -CSTV -IND -PAS CAUS.CONJ

Porque eles pediram.

(CIB_NAR_002)

320)

[,wɛ:flã,neʎa'ses 'de]

/wa= e= flanela -se -se de/

2PLS= 3SGO= comer -LOC.PART -PAS FON.POSP

Depois de vocês o terem comido.

(CIB_NAR_002)

Nos exemplos 319) e 320), acima, a vogal final de /-se/ *passado* é apagada na junção com o morfema seguinte.

Consideramos esses dois fatos – papel na atribuição do acento e apagamento de vogal antes de um elemento seguinte que recebe o acento – como evidências para postular-se que /-se/ é um morfema sufixal que se agrega a elementos precedentes, constituindo com esses elementos uma palavra fonológica.

– futuro

O morfema /-he/ *futuro* apresenta duas realizações: [he] e [j], em variação livre, uma vez que ambas podem ocorrer tanto no final da palavra quanto antes de outro morfema na mesma palavra. Os exemplos a seguir mostram que as duas formas ocorrem depois da forma

[-'ka] do morfema de indicativo, exemplos 321) e 322), mas também ocorrem depois da forma [-kia], em final de palavra, exemplos 323) e 324).

321)

[,dʒo'kahe]

/i= o -ka -he/

1SGS= ir -IND -FUT

Eu irei.

(CIB_PRO_005)

322)

[ja k^hε't^ha ne'kaj]ja= k^hetha ne -ka -he

1PLS= começo fazer -IND -FUT

Nós começaremos.

(CIB_PRO_005)

323)

[t^ha ,nã:kia'he]/t^ha= naha -ne -ka -he/

3PLS= ver -CSTV -IND -FUT

Eles mostrarão.

(CIB_PRO_004)

324)

[ta ,tilfĩ:'kiaj]

/ta= tilfĩ -ne -ka -he/

3SGS= bonito -CSTV -IND -FUT

Ela vai ficar bonita.

(HAR_PRO_002)

Em 325), abaixo, a forma [j] ocorre depois de /-ka/ *indicativo* e antes de /ke/ *causal*.

325)

[,dʒode'kaj 'ke]

/i= o -de -ka -he ke/

1SGS= ir -NEG -IND -FUT CAUS.CONJ

Porque eu não irei.

(HAR_NAR_005)

Observe-se que /-he/ é um sufixo que se integra à palavra fonológica a que pertence, em relação ao material precedente.

Primeiro, influencia na colocação do acento, como mostram os exemplos 321) e 323), cujas formas, se em um contexto sem /-he/, ou seja, no tempo presente, seriam, respectivamente, [dʒo'ka] *eu vou* e [t^ha 'nã:kia] *eles mostram*. Em 325), o acento recairia sobre a penúltima sílaba, caso o morfema /ke/ não ocorresse depois de /-he/, fornecendo [,dʒode'kahe] *eu irei*, o que mostra mais uma vez a reorganização dos pés métricos em função dos elementos novos que são acrescentados à palavra.

Segundo, sofre o processo fonológico de apagamento de fricativa glotal /h/, com a vogal /e/ mudando para [j] e silabificando-se na posição de coda da sílaba precedente, um processo que se aplica no domínio da palavra fonológica.

3.2.2.3.4 Sufixo de modalidade

O morfema /-ne/ *assertivo* ocorre depois da raiz ou tema verbal. Realiza-se como [-ne] e nunca é acentuado, o acento recaindo sobre a sílaba que imediatamente o precede.

326)

[,tõ:kia'te 'dʒõne 'hle]

/tõ:kiate i= o -ne hle/

como 1SGS= ir -ASS já.AUX

Como é que eu vou?

327)

[,dʒo'dẽne 'hle]

i= o -de -ne hle

1SGS= ir -NEG -ASS já.AUX

Eu já não irei.

(ARM_NAR_006)

Os exemplos 326) e 327) mostram que o acento é influenciado pela associação de /-ne/ *assertivo*, movendo-se da primeira sílaba em ['dʒõne] *eu irei* para a segunda sílaba em [dʒo'dẽne] *eu não irei*, de modo a manter-se na janela de duas sílabas no lado direito da palavra para colocação do acento, conforme definimos anteriormente.

Os exemplos 328) e 329), abaixo, mostram a regra de assimilação de nasalidade se aplicando. O traço [+nasal] de /n/, segmento inicial do morfema /-ne/, espalha sobre a vogal precedente do morfema de negação [-de], em 328), enquanto que em 329), onde o morfema seguinte a [-de] é /-'ka/, a vogal permanece não nasalizada.

328)

[i e ,ddo'dẽne]

i= e= da -dode -ne

1SGS= 3SGO= deixar -NEG -ASS

Eu não a deixarei.

329)

[i ,kode'ka]

i= ko -de -ka

1SGS= dar -NEG -IND

Eu não dou.

(ARM_NAR_006)

(HAR_NAR_005)

Esses dois fatos – papel na atribuição do acento e aplicação da regra de assimilação de nasalidade – confirmam o *status* do morfema /-ne/ como sendo parte da palavra fonológica a que se agrega.

3.2.2.3.5 Sufixo de finalidade

O morfema /-ma/ *finalidade* ocorre sempre como [ma]. Pode acompanhar diferentes classes de palavras: verbos 330), nomes 331), pronomes 332). Como último elemento da palavra, nunca é acentuado.

330)

[i e ,k^hde'kâma]

/i= e= k^hde -ka -ma/

1SGS= 3SGO= saber -IND -FIN

Para eu entender.

(CIB_AJR_COV_001)

331)

['tʃiwa ɔ,tʃajto'a ,k^ho:dɔ'tʃa]k^hia ,tʃidʒo'awa ,meze'de ja ,k^ho'hõma]

/tʃiwa ɔtʃajtoa k^hoho -de ɔtʃa]k^hia tʃi -doa -wa

aquele branco mão -FON.POSP dinheiro vir -PAC.PART -DIM

meze -de ja= k^hoho-ma/

mês -todo 1PLPOS= mão-FIN

O dinheirinho que vem da mão daquele branco para a nossa mão todo mês.

(ARM_NAR_006)

332)

[,wa.pelawna'se ,t^ho:'sese 'tãma]

/wapela -wa -na -se t^ha= o -se -se ta= -ma/

papel -DIM -EXCL -PAS 3PLS= ir -LOC.PART -PAS 3SGO= -FIN

Foi só papel que eles foram buscar.

(ARM_ALS_CON_003)

O morfema /-ma/ *finalidade* não recebe acento nem mesmo quando se junta a um clítico, como podemos ver em 332). Entretanto, ele altera a posição do acento, como podemos ver em 331), onde o nome [k^ho^ho] *mão*, uma palavra por si mesmo, uma vez que pode ocorrer seguida de pausa ou silêncio, tem esse acento reposicionado na sílaba final, quando seguido de /-ma/, *finalidade*.

3.2.3 Verbos auxiliares

3.2.3.1 O morfema /k^hi'a/

O morfema /k^hi'a/ expressa a noção aspectual de imperfectividade e a noção de tempo passado. Realiza-se sempre como [k^hi'a], embora de falantes mais velhos tenha-se ouvido, esporadicamente, a pronúncia [k^he'a]³⁷. O acento na forma fonética depende da interação com outros morfemas na palavra fonológica.

Junto ao verbo ou adjetivo – exemplos 333) e 334) – funciona como um auxiliar, recebendo a morfologia própria de verbo.

333)

[sirsu 'teti ,k^hia'ka]

/sirsu teti k^hia -ka/

Cícero fazer IMPF.AUX -IND

Cícero fazia.

(CIB_PRO_004)

334)

[t^ha 'ɔsla 'ʎa ,efli'd^wa k^hi'a]

/t^ha= ɔsla ʎa eflid^wa k^hia/

3PLPOS= coração DEF limpo IMPF.AUX

O coração deles era limpo.

(CIB_NAR_002)

³⁷ Essa pronúncia, ouvida apenas de duas falantes, chegou a criar uma dúvida porque há também o morfema [ke'a] que expressa a noção de condição. Em termos de distribuição, ainda, os dois morfemas pareciam, a princípio, ocorrerem nos mesmos contextos distribucionais e, além disso, aspiração sendo um traço muito fraco, às vezes inaudível, criou-se a dificuldade de ouvi-lo sem dúvidas. Ajudaram a resolver o problema a tradução e o fato de [k^hi'a] comportar-se diferentemente de [ke'a] em termos de combinação com o morfema /-ske/ subjuntivo, pois, enquanto o segundo combina com formas verbais contendo esse morfema, o primeiro não o faz.

A essas ocorrências, há uma exceção: raízes verbais ou adjetivais que têm a vogal final alongada e nasalizada, ao mesmo tempo que o processo de palatalização da consoante /k/ inicial do morfema de indicativo se aplica, recebem elas mesmas o morfema de indicativo, enquanto o morfema /k^{hi}'a/ pode ou não ser seguido por outros morfemas verbais, conforme exemplo 335).

335)

[ja 'tʃu nek'te ja 'tk^ha 'ke ja 'k^hã:k^hia k^{hi}'a 'ko]

/ja= tʃua nek^he ja= tk^ha ke

1PLPOS= aquele CON 1PLPOS= cabeça LOC.POSP

ja= k^hane -ka k^hia ako

1PLS= botar -IND IMPF.AUX MC

Aquele nosso, assim, na nossa cabeça nós botávamos, não é?

(CIB_AJR_CON_001)

Junto ao nome ou numeral – exemplos 336) e 337) – /k^{hi}'a/ torna o nome o núcleo de uma cláusula nominal.

336)

[t^ha ,g^walda'hopa k^{hi}'a]

/t^ha= g^waldahopa k^hia/

3PLPOS= guarda-roupa IMPF.AUX

Era o guarda-roupa deles.

(CIB_AJR_CON_001)

337)

[,li'ʃino k^{hi}'a 'hle]

/liʃino k^hia hle/

três.NUM IMPF.AUX já.AUX

Já eram três.

(CIB_AJR_CON_001)

Os ambientes em que /k^{hi}'a/ ocorre são diversificados e, assim, a palavra em cuja constituição ele entra também apresenta formas diversas.

Depois de uma raiz verbal, pode ser seguido de outros morfemas verbais sufixais, como /-'ka/ indicativo; /-se/ participio locativo; /-ma/ *participio temporal*, mostrados nos exemplos 338), 339) e 340), respectivamente.

338)

[je: 'k^hoʃkja 'tʃi ,k^hia'ka]

/ja= k^hoʃkja tʃi k^hia -ka/

1PLS= palha tirar IMPF.AUX -IND

Nós tirávamos palha.

(ARM_NAR_006)

339)

['tʃo ,manɛ'zĩɲu a 'ne 'ʎa ,k^hi'ase]

/tʃo manɛzĩɲu a= ne ʎa k^hia -se/

velho Manezinho 2SGO= dizer PAS.REM.AUX IMPF.AUX -LOC.PART

Onde o velho Manezinho dizia a você.

(CIB_AJR_CON_001)

340)

[t^ha 'nã:ma³⁸ k^hi'a]

/t^ha= na -ne -ma k^hia/

3PLS= ver -CSTV -TEMP.PART IMPF.AUX

Quando eles viam.

(CIB_NAR_001)

Quando a raiz verbal que precede /k^hi'a/ é modificada pelo morfema /-doa/, forma participial e relativizadora, nenhuma outra morfologia verbal³⁹ é associada a qualquer das duas formas.

³⁸ O sufixo /-ma/ *participio temporal* também foi encontrado depois de /k^hi'a/ em pelo menos um caso:

[jo'o 'ʎa k^he'ãma] *Quando nós íamos.*

³⁹ Dado que /k^hi'a/ exprime imperfectividade e passado, o morfema /-se/ passado não coocorre, como podemos ver quando /-doa/ ocorre sem /k^hi'a/: [i:'t^ho tetdzo'ase] *Foi feito por meu avô.* Outra diferença entre /-se/ e /k^hi'a/ é que outros morfemas verbais não se associam a /-se/ sozinho, mas somente se todos estão associados a uma raiz verbal ou nominal, enquanto [k^hi'a] se associa, sozinho, a outros morfemas compatíveis semanticamente, como /-se/ *participio locativo.*

341)

[i:'tʰo ˌtɛtɔʒo'a kʰi'a]

/i= tʰo teti -doa kʰia/

1SGPOS= avô fazer -PAC.PART IMPF.AUX

Era feito por meu avô.

(DEF_PRO_001)

O morfema /kʰi'a/ também ocorre em expressões cujo núcleo é um nome ou outra classe que, primariamente, não é verbo, como vimos acima. Nesses casos, /kʰi'a/ pode ser traduzido para Português como *era*.

Os nomes podem ser simples, exemplo em 342) ou complexos 343), isto é, modificado por um sufixo nominal ou seguido de morfema de plural /'sato/, conforme exemplo 344), um nome derivado, conforme 345) ou, ainda, ser modificado pelo morfema de participio temporal /-ma/, conforme 346).

342)

[ja ˈtʃtʃo kʰi'a]

/ja= tʃtʃo kʰia/

1PLPOS= jeito IMPF.AUX

Era nosso jeito.

(HAR_NAR_005)

343)

[ja e,ʰajo'dʷa kʰi'a]

/ja= eʰajo -doa kʰia/

1PLS= cavalo -PRIV IMPF.AUX

Nós não tínhamos cavalo. (Lit.: Nós éramos sem-cavalo.)

(ARM_NAR_006)

344)

[a'wa ˌdmãne'ka ˈwej ja'ksa ˈsato kʰi'a ˈde]

/awa dmane -ka wej ja= ke -sa sato kʰia de/

DEM belo -IND cara 1PLPOS= LOC.POSP EXPL-∅ PL.PARTC IMPF.AUX FON.POSP

Essa está bela, cara, das nossas de antigamente.

(CIB_AJR_CON_001)

345)

[,evel'nã:ho k^hi'a]/evelna -ne -ho k^hia/

governo -CSTV -AG IMPF.AUX

O que era governador.

(CIB_NAR_002)

346)

[,kahni'zõ:ma k^hi'a]/kahniço -ne -ma k^hia/

carnijó -CSTV -TEMP.PART IMPF.AUX

Quando era Carnijó.

(CIB_NAR_002)

Há uma série de elementos que podem ocorrer depois de /k^hi'a/, cujo *status* não está sendo definido neste ponto. Seu comportamento acentual, isto é, o fato de esses elementos portarem, na maior parte do tempo, pelo menos, acento próprio, leva-nos a propor que eles são palavras separadas e não sufixos integrados à palavra fonológica constituída por /k^hi'a/ e sufixos acima descritos.

Alguns desses elementos são listados a seguir.

a) /he/ *focalizador*

347)

[jo'o ,k^hia'ka he ja fe'hej]/ja= o k^hia -ka he ja= fehe i

1PLS= ir IMPF.AUX -IND FOC 1PLPOS= pé TRAJ.POSP

É que nós íamos a pé.

(ARM_NAR_006)

348)

[ja 'tʃʃo k^hi'a he ne'ka]/ja= tʃʃo k^hia he neka/

1PLPOS= jeito IMPF.AUX FOC isso

É que esse era nosso jeito.

(CIB_NAR_002)

Em 347), acima, o morfema /k^hi'a/ segue uma raiz verbal [o] *ir* e é seguido por um elemento a que chamamos focalizador /he/, do qual não definimos o *status* gramatical e prosódico, mas que não se comporta como sufixo, uma vez que não influi na colocação do acento da forma a que se junta. O morfema /k^hi'a/ possui acento principal, do mesmo modo que [tʃfo] e [ne'ka].

b) /a'ko/ *marcador conversacional*

349)

[ta 'teti ,k^hia'ka 'ko]

/ta= teti k^hia -ka ako/

3SGS= fazer IMPF.AUX -IND MC

Ela fazia, não é?

(CIB_AJR_COV_001)

c) /te/ *posposição instrumento*

350)

[e 'tʃfo 'ʎa k^hi'a 'te]

/e= tʃfo ʎa k^hia te/

3SGPOS= jeito DEF IMPF.AUX INST.POSP

Com o que era o seu jeito.

(CIB_NAR_002)

d) /ke/ *causal*

351)

[ja 'tle e 'tni k^hi'ak 'ke]

/ja= tole e= tni k^hia -ka ke/

1PL= COMP.POSP 3SGS= morar IMPF.AUX -IND CAUS.CONJ

Porque ela morava com a gente.

(CIB_AJR_CON_001)

e) /de/ *posposição fonte*

352)

[ja'ksa 'sato k^hi'a 'de]

/ja= ke sa sato k^hia de/

1PL= LOC.POSP EXPL-∅ PL.PARTC IMPF.AUX FON.POSP

Das que eram nossas.

(CIB_AJR_CON_001)

f) [la'he] *também*

353)

[ta 'teti ,k^hia'ka la'he]

/ta= teti k^hia -ka lahe/

3SGS= fazer IMPF.AUX -IND também

Ela fazia também.

(CIB_AJR_CON_001)

Os fatos observados nos exemplos apresentados são a seguir discutidos como argumentos que sustentam a nossa hipótese que /k^hi'a/ é uma espécie de verbo auxiliar, com valor aspectual/temporal – passado imperfeito – que constitui palavra fonológica com elementos que o seguem e não com os que o precedem. Discutimos os aspectos acento, processos fonológicos e pausa possível.

As raízes verbais ou as formas verbais que precedem /k^hi'a/ sempre possuem um acento principal próprio, enquanto /k^hi'a/, sozinho, tem acento na última sílaba. A posição do acento pode ser alterada, o acento sendo realocado de acordo com o sufixo associado. Se o sufixo é acentuado, como /-'ka/ *indicativo*, por exemplo, o acento é atribuído a esse sufixo; se, ao contrário, o sufixo é não acentuado, o acento permanece na penúltima sílaba da palavra, ou seja, na sílaba final de /k^hi'a/, como podemos ver comparando-se os exemplos 333) e 334), aqui repetidos como 354) e 355) para maior clareza, onde 354) tem o sufixo /-'ka/ *indicativo* e 355) o sufixo /-se/ *particípio locativo*.

354)

['sirsu 'teti ,k^hia'ka]/sirsu teti k^hia-ka/

Cícero fazer IMPF.AUX -IND

Cícero fazia.

(CIB_PRO_004)

355)

['tʃo ,manɛ'zĩɲu a 'ne 'ʎa ,k^hi'ase]/tʃo manɛzĩɲu a= ne ʎa k^hia -se/

velho Manezinho 2SGO= dizer PAS.REM.AUX IMPF.AUX -LOC.PART

Onde o velho Manezinho dizia a você.

(CIB_AJR_COV_001)

Em grupos como os mostrados nos exemplos a seguir, em que a palavra precedente pode ser um nome, sozinho ou modificado, a existência de dois acentos é evidente.

Em 356), o nome ['tʃtʃo] *jeito* tem um acento principal que é mantido antes de /k^hi'a/, que também possui acento próprio.

356)

[ja 'tʃtʃo k^hi'a]/ja= tʃtʃo k^hia/

1PLPOS= jeito IMPF.AUX

Era nosso jeito.

(HAR_NAR_005)

No exemplo 357), não ocorre apagamento de /h/. O alongamento da vogal precedente, juntamente com a nasalização, gerando [ã:], é causado pelo apagamento do sufixo /-ne/ nesse contexto. Observe-se ainda que há dois acentos principais, um em [evɛl'nã:ho] e outro em /k^hi'a/. O acento de [evɛl'nã:ho] é mantido na penúltima sílaba, como acontece quando enunciado no tempo presente [evɛl'nã:ho] *o que governa*.

357)

[,evɛl'nã:ho k^hi'a]/evɛlna -ne -ho k^hia/

governo -CSTV -AG IMPF.AUX

O que era governador.

(CIB_NAR_002)

Em 358), onde temos um empréstimo do Português, vê-se mais claramente o acento do nome [gualda'hopa] inalterado, enquanto o acento de /k^hi'a/ também é mantido.

358)

[t^ha ,g^walda'hopa k^hi'a]/t^ha= g^waldahopa k^hia/

3PLPOS= guarda-roupa IMPF.AUX

Era o guarda-roupa deles.

(CIB_AJR_COV_001)

Em 359), onde o nome é seguido de /-ma/ *participio temporal*, temos dois acentos, um sobre a sílaba que precede /-ma/ e outro na última sílaba de /k^hi'a/.

359)

[,kahni'zõ:ma k^hi'a]/kahniʒo -ne -ma k^hi'a/

Carnijó -CSTV -TEMP.PART IMPF.AUX

Quando era Carnijó.

(CIB_NAR_002)

O exemplo em 360), onde /k^hi'a/ tem acento próprio, é precedido por um sintagma nominal e seguido por uma posposição, ainda sendo traduzido por antigamente, é uma evidência bastante forte para a postulação do seu *status* como palavra separada do verbo principal a que refere.

360)

[a'wa ,dmãne'ka 'wej ja 'ksa 'sato k^{hi}'a 'de]/awa dmane -ka wej ja= ke sa sato k^{hi}a de/

DEM belo -IND cara 1PL= LOC.POSP EXPL PL.PARTC IMPF.AUX FON.POSP

Essa está bela, cara, das nossas de antigamente.

(CIB_AJR_CON_001)

Raízes verbais como /'teti/ *fazer* sofrem apagamento da vogal final quando se juntam a um sufixo verbal, como mostram os exemplos 361), 362) e 363) a seguir:

361)

[ta tet'kia]

/ta= teti -ka/

3SGS= fazer -IND

Ele faz

(ALS_PRO_003)

362)

[ta ,tetdot'kia]

/ta= teti -dode -ka/

3SGS= fazer -NEG -IND

Ele não faz.

(CIB_LIF_002)

363)

[ta tet'mã]

/ta= teti -ma/

3SGS= fazer -TEMP.PART

Quando ele faz.

(CIB_LIF_002)

O apagamento da vogal final de uma raiz como /'teti/, porém, não ocorre em 364), onde o morfema seguinte é /k^{hi}a/ *imperfeito*.

364)

[ta 'teti ,k^hia'ka]/ta= teti k^hia -ka/

3SGS= fazer IMPF.AUX -IND

Ele fazia.

(DEF_NAR_002)

Também o processo de alongamento compensatório, que ocorre entre uma raiz ou um tema verbal terminado em /-ne/ *sufixo causativo*, mesmo que, em alguns casos, já cristalizado, antes de /k^hi'a/, não ocorre. Por esse processo, a sílaba [ne] é apagada e a vogal precedente torna-se longa e nasalizada, como podemos ver em 365), 366) e 367).

365)

[ta ,fe:'tõ:k^hia oo'ke]

/ta= fe:tone -ka ooke/

3SGS= trabalhar -IND aqui

Ele trabalha aqui.

(CIB_LIF_002)

366)

[ta fe: ,tõ:dot'k^hia]

/ta= fe:tone -dode -ka/

3SGS= trabalhar -NEG -IND

Ele não trabalha.

(CIB_LIF_002)

367)

[ta ,fe:tõ:'sese]

/ta= fe:tone -se -se/

3SGS= trabalhar -LOC.PART -PAS

Onde ele trabalhou.

(CIB_LIF_002)

Esse processo de alongamento compensatório não se aplica quando o morfema seguinte é /k^hi'a/, como vemos em 368), abaixo.

368)

[t^ha fe:'tõne k^hia'ka]/ t^ha = fe:tone k^hia -ka/

3PLS= trabalhar IMPF.AUX -IND

Eles trabalhavam.

(CIB_LIF_002)

Outros tipos de alongamento compensatório também não foram observados nessa junção.

a) entre um clítico sujeito terminado em /a/ e uma raiz começada por /o/, que gera uma vogal longa [o:], como mostramos nos exemplos abaixo, onde o alongamento ocorre em 369), mas não em 370).

369)

[jo:'ka]

/ja= o -ka/

1PL=ir-IND

Nós vamos.

(CIB_LIF_002)

370)

[jo'o ,k^hia'ka]/ja= o k^hia -ka/

1PLS= ir IMPF.AUX-IND

Nós íamos.

(CIB_LIF_002)

b) entre uma raiz terminada em /hV/ e um morfema seguinte, que podemos ver sendo aplicado em 371), mas não em 372).

371)

[ja kɛ:'ka]

/ja= kɛha -ka/

1PLS= comer -IND

Nós comemos.

(CIB_LIF_002)

372)

[ja kɛ'ha ,k^hia'ka]/ja= kɛha k^hia -ka/

1PLS= comer IMPF.AUX -IND

Nós comíamos.

(CIB_LIF_002)

Um critério usado para delimitar palavra fonológica, a pausa possível, ocorre frequentemente entre /k^hi'a/ e o elemento que o precede, conforme exemplos 373) e 374). Na figura 1, que representa o enunciado em 373), podemos observar uma pausa de 0,2 ms.

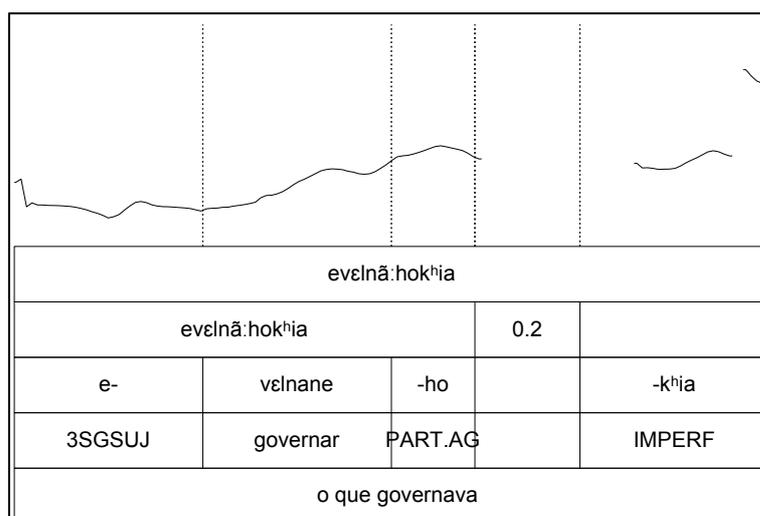
373)

[,evel'nã:ho k^hi'a]/evel'na -ne -ho k^hia/

governo -CSTV -AG IMPF.AUX

O que era governador.

(CIB_NAR_002)

Figura 1 - [evel'nã:ho k^hi'a]

374)

[,t^he:'k^hde 'ʎa k^hi'ak 'ke]/t^ha= ek^hde ʎa k^hia -ka ke/

3PLS= saber PAS.REM.AUX IMPF.AUX -IND CAUS.CONJ

Porque elas sabiam.

(CIB_AJR_COV_001)

3.2.3.2 O morfema /ʎa/

O morfema /'ʎa/ *passado remoto* ocorre depois de raízes verbais ou verbalizadas. O que identifica /ʎa/ *passado remoto* é o fato de sua ocorrência ser combinada sempre com o indicativo /-'ka/ ou o auxiliar /k^hi'a/ *imperfeito*.

Assim como o morfema /k^hi'a/, o morfema /'ʎa/ *passado remoto* possui acento próprio e esse acento pode ser realocado de acordo com os sufixos que se integram a ele para formar palavra fonológica.

Comparando 375) abaixo com 376), vemos que em 375) o / λ a/ ocorre formando sozinho uma palavra fonológica, dado que tanto a palavra anterior quanto a seguinte possuem acento próprio, enquanto em 376) comporta-se como verbo, associando-se ao morfema /-'ka/ indicativo.

375)

[i na'ha 'λa ,k^hia'ka]

/i= naha λa k^hia -ka/

1SGS= ver PAS.REM.AUX IMPF.AUX -IND

Eu via.

(CIB_AJR_COV_001)

376)

[ja'ho λa'ka]

/ja= ho λa -ka/

1PLS= ir PAS.REM.AUX -IND

*Nós andamos. (Há muito tempo atrás)*⁴⁰

(HAR_CON_005)

Em 375), /-'λa/ é acentuado. Em 376), o acento é reposicionado, sendo atribuído à última sílaba da palavra, o morfema /-'ka/ *indicativo*.

Em relação a processos fonológicos, diversos fatos podem ser observados.

O processo fonológico que apaga uma vogal final de raiz quando essa raiz se junta a um morfema seguinte, como temos visto em outras situações já descritas, não se aplica quando o morfema seguinte é /'λa/, o que pode ser visto comparando-se 377) a 378), a seguir.

377)

[ja 'ʃkia 'hle de'he]

/ja= ʃi -ka hle dehe/

1PLS= estar -IND já.AUX ADM.PARTC

Nós já estamos.

(ARM_NAR_006)

⁴⁰ A dificuldade de se interpretar /λa/ como marca de deferência ou como passado remoto, nesse caso, pode ser superada pelo fato de a deferência não poder ocorrer com primeira pessoa, singular ou plural.

378)

[ja 'ʃi ʎa'ka 'hle de'he]

/ja= ʃi ʎa -ka hle dehe/

1PLS= estar PAS.REM.AUX-IND já.AUX ADM.PARTC

Nós já ficávamos.

(ARM_NAR_006)

Se a forma que precede o morfema /'ʎa/ é uma forma adjetival terminada em /a/, enquanto esse /a/ sofre apagamento ao juntar-se ao sufixo /-'ka/, conforme exemplo 379), o mesmo não ocorre na sua junção com /'ʎa/, conforme exemplo 380).

379)

[.lali'kase 'hle]

/lalia -ka -se hle]

muitos -IND -PAS já.AUX

Já foram muitos.

(ALS_PRO_003)

380)

[.lali'a ʎa'kase 'hle]

/lalia ʎa -ka -se hle/

muitos PAS.REM.AUX -IND -PAS já.AUX

Eram muitos. (Há muito tempo)

(HAR_NAR_005)

A raiz para *andar* é /ho/. A consoante aspirada é apagada e /o/ muda para [w], que se associa à sílaba precedente, se essa sílaba for um clítico, como mostramos em 381) abaixo. O processo, porém, não se aplica se o morfema seguinte for /-'ʎa/, como mostrado em 382).

381)

['jawka]

/ja= ho -ka/

1PLS= andar -IND

Nós andamos.

(CIB_PRO_006)

382)

[ja'ho ʎa'ka]

/ja= ho ʎa -ka/

1PLS= ir PAS.REM.AUX -IND

Nós andamos. (Há muito tempo atrás)

(HAR_NAR_005)

A raiz para ir é /o/. Antes de outro morfema, depois de um clítico terminado em /a/, o /a/ final do clítico assimila os traços da raiz /o/ e realiza-se como uma vogal longa [o:], como em 383), o que não ocorre quando o morfema seguinte é /-'ʎa/, mostrado em 384).

383)

[jo:'ka]

/ja= o -ka/

1PLS= ir -IND

Nós vamos.

(HAR_PRO_002)

384)

[jo'o ʎa'ka]

/ja= o ʎa -ka/

1PLS= ir PAS.REM.AUX -IND

Nós íamos.

(CIB_LIE_001)

Nos exemplos 385) e 386), temos duas raízes verbais /tʃone/ *trazer* e /naha/ *ver*. As sílabas finais dessas raízes sofrem apagamento, gerando alongamentos compensatórios, quando um sufixo lhes é associado, como /-'ka/ *indicativo*.

A raiz /tʃone/ *trazer* realiza-se como [tʃõ:] antes de sufixos, como mostram as formas [tʰɛ:'tʃõ:kʲa] *eles trazem*, [e'tʃõ:se] *onde traz*, [tʰɛ:tʃõ:dot'kʲa] *Eles não trazem* e [etʃõ:do'a] *trazido*. Em 385) abaixo, onde a raiz /tʃone/ é seguida do morfema /-'ʎa/, o processo não se efetua.

385)

[ja 'kʰo]kʰia e 'tʃõne 'ʎa ,kʰia'ka ja 'tkʰa 'ke]

/ja= kʰo]kʰia e= tʃone ʎa kʰia -ka ja= tkʰa ke/

1PLS= palha 3SGO= trazer PAS.REM.AUX IMPF.AUX-IND 1PLPOS cabeça LOC.POSP

Nós trazíamos palha na nossa cabeça.

(HAR_NAR_005)

A raiz /naha/ *ver* realiza-se como [na:] antes de sufixos, como mostram as formas [tʰa na:'ka] *eles veem*, [e 'na:se] *onde vê*, [ta na:dot'kia] *ele não vê*. Em 388) abaixo, onde a raiz /naha/ é seguida do morfema /-'ʎa/, o processo não se efetua.

386)

[i na'ha 'ʎa ,kʰia'ka]

/i= naha ʎa kʰia -ka/

1SGS= ver PAS.REM.AUX IMPF.AUX -IND

Eu via.

(HAR_NAR_005)

3.2.3.3 O morfema /'hle/

O morfema /'hle/ *já, acabado* ou *pronto*, embora não possua autonomia discursiva, uma vez que ocorre sempre como membro de uma cláusula, não podendo ser enunciado isoladamente, porta acento primário.

387)

[i ne'ka 'hle]

/i= ne -ka hle/

1SGS= dizer -IND já.AUX

Eu já digo.

(CIB_LIE_001)

388)

[,jo:dot'kia 'hle de'he]

/ja= o -dode -ka hle dehe/

1PLS= ir -NEG -IND já.AUX ADM.PARTC

Nós não vamos mais.

(ARM_NAR_006)

Em 388), /'hle/ ocorre depois do verbo na forma negativa, que porta acento principal na última sílaba. A integração de /'hle/ a essa forma acarretaria a existência de dois acentos por palavra, o que, teoricamente, não é possível, desde que cada palavra fonológica deve portar um único acento.

Nenhum processo fonológico ocorre entre elementos precedentes e /'hle/.

Constitui evidência para o *status* de /'hle/ como palavra fonológica separada, ainda, a sua ocorrência depois de uma partícula [kas'ke] *de novo*, conforme 389).

389)

[i ,satʃi'ka 'kʰla kas'ke 'hle]

/i= sa= tʃi -ka kʰla kaske hle/

1SGS= REF= ajudar -IND muito de.novo.PARTC já.AUX

Eu já me ajudo muito de novo.

(ARM_NAR_006)

A ocorrência de /'hle/ no contexto apresentado a seguir permite-nos considerar que ele faz parte de uma classe de verbos auxiliares com valor aspectual.

390)

[dʒo'ka ,plɛʃ'tã:te 'hlẽne]

/i= o -ka plɛʃta -ne -te hle -ne/

1SGS= ir -IND tomar.emprestado -CSTV -INF já.AUX -ASS

Eu já vou tomar emprestado.

(ARM_NAR_006)

Tanto o pertencimento de /'hle/ à classe de verbos postulada quanto a sua autonomia como palavra fonológica podem ser observados em 390). O morfema /'hle/ é seguido do sufixo /-ne/ *assertivo*, e sua vogal final assimila nasalidade da consoante nasal inicial desse morfema. Como se trata de uma palavra de duas sílabas, o acento principal em /'hle/ torna-se muito mais perceptível.

No exemplo 391), /'hle/ ocorre enfatizado pela partícula /'do/. Os dois elementos portam acento.

391)

[ka'ka 'hle 'do]

/kaka hle do/

bom já.AUX ENF.PARTC

Já está bom!

(ARM_NAR_006)

Provavelmente, outros sufixos verbais podem associar-se a /'hle/ e a outras dessas palavras para as quais estamos propondo o *status* de verbo auxiliar. A seleção desses sufixos, porém, depende de restrições semânticas, uma vez que esses verbos já carregam semas diversos, como tempo, por exemplo, que não precisam ser expressados redundantemente, como é o caso de /k^{hi}'a/, que conduz o sema *Passado*.

3.2.3.4 O morfema /ke'a/

O morfema /ke'a/ *condicional* ocorre tanto depois de formas que são primariamente verbos (392)0, como depois de formas que são primariamente nomes (393)).

392)

[a t^ha tʃine'kas ke'a]/a= t^ha= tʃine -ka -se kea/

2SGS= 3PLO= acordar -IND -PAS COND.AUX

Você teria acordado eles.

(ARM_ALS_COV_003)

393)

[t^ha k^{het}'kja ke'a 'hɛ ,kahni'ʒɔ]/t^ha= k^{het}kja kea hɛ kahniʒɔ/

3PLPOS= nome COND.AUX MC carnijó

O nome deles seria, não é?, Carnijó.

(CIB_NAR_002)

Consideramos que /ke'a/ comporta-se como uma palavra fonológica por si própria apenas com base no fato que recebe acento principal. Do ponto de vista semântico, pode ser colocado na classe dos verbos auxiliares, como /k^{hi}'a/, /'hle/ e outros.

É importante observar que /ke'a/ ocorre em seguida a uma forma verbal com /-'ske/ *subjuntivo*, modificando o significado dessa expressão para subjuntivo passado, conforme exemplo a seguir.

394)

[.jak^hto'awa ja 'dzo sa'ke tʃi'ske ke'a 'mũdu 'ʎa ʎe:k^htõne'ka ke'a]

/ja= k^htoa-wa ja= dzo sa= ke tʃi-ske kea

1PL= QUANT-DIM 1PLPOS= coração REC= LOC.POSP chegar -SUBJ COND.AUX

mũdu ʎa ja= e= k^htone -ka kea/

mundo DEF 1PLS= 3SGO= consertar -IND COND.AUX

Se nós tudinho nos uníssemos, nós consertaríamos o mundo.

(CIB_PRO_006)

3.2.3.5 O morfema /'ʃi/

O morfema /'ʃi/ marca um enunciado como imperativo. Ocorre sempre depois de formas verbais, acrescentando-lhes a noção de comando, conselho, aviso e possuem acento próprio. Esse morfema comporta-se como um auxiliar, conforme exemplos 395) a 399). Podemos observar que em todos os casos as formas verbais permanecem inalteradas.

395)

[wa ʎe:tõne 'ʃi]

/wa= fe:tone ʃi/

2PLS= trabalhar IMP.AUX

Vocês trabalhem!

(IVP_LIE_002)

396)

['i:o kla'i 't^he:ti i 'ke 'ne 'ʃi]

/i:o klai at^he te i= ke ne ʃi/

não branco fala INST.POSP 1SGO= LOC.POSP dizer IMP.AUX

Não. Diga a mim na língua do branco.

(CIB_AJR_COV_001)

397)

[ka'we ,saj'sine 'fĩ ,uf'nãna]

/kawe sajsine fĩ ufnana/

vá afastar IMP.AUX para.cá

Vá! Se afaste para cá.

(CIB_AJR_COV_001)

398)

[fe'tfe 'fĩ ,tʰa:'detʷa 'ke]

/fetfe fĩ tʰa:detʷa ke/

perguntar IMP.AUX meninos LOC.POSP

Pergunte aos meninos.

(CIB_AJR_COV_001)

O exemplo abaixo, onde /'fĩ/ ocorre depois de /-'dode/ *negação*, é a única evidência encontrada, além do acento, para se considerar que esse morfema é uma palavra fonológica separada do elemento que o precede, uma vez que a forma [-'dode] para negação só ocorre em final de palavra fonológica.

399)

[a e 'ddode 'fĩ]

/a= e= da -dode fĩ/

2SGS= 3SGO= deixar -NEG IMP.AUX

Não o deixe.

3.2.3.6 O morfema /'kʰana/ ou /'kʰane/

O morfema /'kʰana/ ou /'kʰane/, cujo significado é *ainda*, ação continuada até o momento do fato enunciado, ocorre isoladamente, como um advérbio, ou associado a uma raiz verbal. Os exemplos 400) e 401), a seguir, mostram /'kʰane/ associado a raízes verbais.

400)

[ja ka'ka 'kʰã:kja 'ke]

/ja= kaka kʰane -ka ke/

1PLS= bom CONT.AUX -IND CAUS.CONJ

Porque nós ainda somos bons.

(CIB_NAR_002)

401)

[ta fe:'tõne 'kʰã:kja]

/ta= fe:tone kʰane -ka/

3SGS= trabalhar CONT.AUX -IND

Ela ainda trabalha.

(ALS_PRO_002)

Associado a uma raiz verbal, como nos exemplos acima, ele não se junta a essa raiz do ponto de vista fonológico. Listamos a seguir alguns argumentos demonstrando que esse morfema constitui uma palavra fonológica por si mesmo, ainda quando se coloca juntamente com a raiz verbal.

Primeiro, em 400) [ja ka'ka 'kʰã:kja 'ke] *Porque nós ainda somos bons*, encontramos três acentos principais, demarcando três palavras fonológicas: [ka'ka], ['kʰã:kja] e ['ke].

Segundo, quando a palavra [ka'ka] *bom* encontra-se com um sufixo iniciado em oclusiva dentro da palavra fonológica, a vogal final é apagada, o acento recua uma sílaba para a esquerda, realizando-se como acento secundário, uma vez que o acento primário deve recair sobre a sílaba final da palavra. Nos exemplos abaixo, mostramos:

a) [ka'ka] como palavra fonológica dentro de um sintagma fonológico.

402)

[,ja'ded^wa ka'ka]/jaded^wa kaka/

menino bom

Menino bom.

(CIB_LIE_001)

b) [ka'ka] como uma raiz a que se agrega o sufixo /-ka/ *indicativo*.

403)

[e ,kak'ka]

/e= kaka -ka/

3SGS= bom -IND

Está bom.

(CIB_LIE_001)

c) [ka'ka] seguido dos sufixos /-tak/ e /-ka/, como no exemplo mostrado a seguir.

404)

[i ,kaktak'ka]

/i= kaka -tak -ka/

1SGS= bom -DES -IND

Eu quero ser bom.

(CIB_LIE_001)

No grupo [ka'ka'k^hã:kia], a vogal final de [ka'ka] não é apagada e o acento não recua uma sílaba para a esquerda, realizando-se como acento secundário. Em vez disso, cada componente mantém acento principal próprio e a raiz não sofre alteração no encontro com ['k^hã:kia].

No exemplo 401), com uma raiz da classe dos verbos intransitivos ativos, também podemos observar o mesmo comportamento de /'k^hane/, tanto em termos de acento quanto em relação a processos fonológicos.

Postulamos, assim, que /'k^hane/ forma uma palavra fonológica separada do restante dos elementos constituintes da palavra fonológica que o precede.

Nos exemplos 405) e 406), ['k^hã:kia] segue nomes. Novamente, temos os acentos principais em cada palavra do enunciado.

405)

[i 'olkja 'k^hã:kia 'lwãno]/i= ole -ka k^hane -ka lwa -no/

1SGS= inveja -IND CONT.AUX -IND INEF -ASSEV

Até que eu ainda (tenho) inveja.

(ARM_NAR_006)

406)

[ja ,doke'a ,k^hã:'dode]/ja= dokea k^hane -dode/

1PLS= fome CONT.AUX -NEG

Nós ainda não temos fome.

(ARM_NAR_006)

Podemos observar no exemplo 406) que [doke'a] é um nome e que o morfema /-'dode/ *negação*, liga-se ao verbo /'k^hane/. Que o verbo e /-'dode/ formam uma só palavra fonológica pode ser mostrado pelo fato de termos agora apenas um acento principal: [k^hã:'dode] e também pelo fato que o processo de alongamento compensatório ocorre entre os dois elementos.

Em 407) abaixo, ['k^hodzo] é um nome em função objeto e assim permanece; observe-se que ele mantém o acento principal. Além disso, /ne/ é uma raiz para o verbo fazer, uma raiz que permanece nua, isto é, sem morfologia verbal. A morfologia é atribuída a /'k^hãne/, que se realiza como ['k^hã:] quando lhe são agregados morfemas sufixais.

407)

[i 'k^hodzo 'ne 'k^hã:kia ,te'kahe ,ej'aw 'ke]/i= k^hodzo ne k^hane -ka te -ka he eja -wa ke

1SGS= trabalho fazer ainda.AUX-IND PRMA -IND MC pouco -DIM LOC.POSP

É que eu ainda fico trabalhando nesse pouquinho.

(ARM_NAR_006)

Uma evidência para a afirmação que [ne] não pertence à palavra fonológica a sua esquerda vem do fato de a regra de assimilação de nasalidade aí não se aplicar: a última vogal de ['k^hodzo] permanece oral.

Em 408), ao nome [set'so], associa-se um sufixo [ne], que tem valor existencial. Esse sufixo integra-se à palavra fonológica a sua esquerda, e não àquela a sua direita, de modo que ['k^hãkia] constitui uma palavra fonológica isoladamente; observe-se que a regra de assimilação de nasal se aplica no contexto correto especificado.

408)

[,set'sõne 'kʰã:kja]

/setso -ne kʰane -ka /

índio -EXIS ainda.AUX -IND

Ainda há índio.

(DEF_NAR_004)

3.2.3.7 O morfema /wa'ti/

O morfema /wa'ti/ *ênfase* comporta-se como um verbo auxiliar que constitui palavra fonológica por si só. Comparemos os exemplos 409) e 410), a seguir.

409)

[a ,taskja'se]

/a= tasi -ka -se/

2SGS= rir -IND -PAS

Você riu.

(CIB_LIE_001)

410)

[a ta'si wa,tika'se]

/a= tasi wati -ka -se/

2SGS= rir ENF.AUX -IND -PAS

Você riu muito.

(CIB_AJR_CON_001)

Em 409), o único acento principal na última sílaba da palavra, bem como o processo de apagamento de vogal final da raiz seguido de palatalização da consoante inicial do morfema de indicativo, mostram que se trata de uma única palavra fonológica – clítico pessoal à parte – enquanto que em 410) há dois acentos, um sobre a vogal final da raiz, que não sofre apagamento, e outro sobre a sílaba final da forma constituída por /wa'ti/ *ênfase* mais /-'ka/ *indicativo* e /-se/ *passado*.

Há ainda outros morfemas que se comportam desse modo, bem como outros que expressam noções várias sobre o verbo ou sobre a sentença como um todo. Esses elementos não serão tratados aqui.

3.3 Pronomes

3.3.1 Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais, formas livres que podem ser enunciadas isoladamente, como resposta a uma pergunta, por exemplo, têm acento próprio.

Repetimos aqui o quadro de pronomes pessoais já dado na seção 1, com ligeiras alterações: i) marcamos a sílaba acentuada e ii) consideramos que as vogais iniciais de [o'so] e [a'sa] são vogais breves e não vogais longas, conforme proposto em Costa (1999).

Quadro 12 - Pronomes Pessoais

QUADRO 12	Masculino	Feminino
Singular	o'we	o'so
	a'wa	a'sa
	sa	sa'sa
Plural	jo'o	
	wo'o	
	t ^h o'o	

Exemplo de sua enunciação em um enunciado como elementos coordenados é dado em 411).

411)

['nẽma jo'o o'so a'sa jaʃi,tia'to 'sato]

/nema joo oso asa ja= ʃítia -towa sato/

então 1PLPP 1SGPP 2SGPP 1PLPOS= outros -MIS PL.PARTC

Então nós, eu, você, os outros...

Em 412), temos duas ocorrências de /o'we/, modificada por outra palavra fonológica /wa'ti/, que tem seu próprio acento, e modificada por essa mesma palavra e seguida de posposição.

412)

[o'we wa'ti i ne'de⁴¹ o'we wa'ti 'ke 'sã:kja]

/owe wati i= ne -de owe wati ke sane -ka/

1SGPPM ENF.AUX 1SGS= fazer -NEG 1SGPPM ENF.AUX LOC.POSP ter -IND

Eu mesmo não faço, eu mesmo tenho (vergonha).

(CIB_AJR_CON_001)

Em 413), o pronome pessoal [a'we] *segunda pessoa masculino* é modificado por outra palavra ['lwa] *inefectividade*, mais o enfatizador [wa'ti].

413)

[a'we 'lwa wa'ti]

/awe lwa wati/

2SGPP INEF ENF.AUX

Até você mesmo.

(CIB_AJR_CON_001)

O fato de essas formas possuírem acento próprio e poderem ser enunciadas isoladamente, isto é, poderem constituir um enunciado por si mesmas, é bastante para lhes ser atribuído o *status* de palavra fonológica. Nos enunciados em que os pronomes pessoais ocorrem de forma coordenada, pausas entre eles são evidentes.

3.3.2 Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos em Yaathe são aqueles apresentados no quadro 6, da seção 1, aqui rerepresentado com ligeiras modificações, quadro 13, uma vez que os damos na sua forma fonética, indicando a sílaba acentuada.

⁴¹ A forma para “eu não faço” [i nede'ka] é interrompida porque ele quer dizer “eu tenho”.

Quadro 13 - Pronomes Demonstrativos

QUADRO 13		HUMANO/N-HUMANO		HUMANO		N-HUMANO
		M	F	M	F	
Sing.	1	o'wa	owa'tsa ou oto'sa			
	2	a'wa	awa'tsa ou aw'tsa			
	3	'tʃãna	tʃã'nũtsa	'neho	'ne:so	ne'ka
		'tʃ ^h ua ou 'tʃiwa				
Plural	1					
	2					
	3			tʃã'nũt ^w a	'tʃ ^h ua 'sato	
		referenciais/determinantes	correferenciais			

Do mesmo modo que com os pronomes pessoais, essas formas possuem acento próprio e podem ser enunciadas isoladamente. Isso lhes confere o *status* de palavra fonológica, que é constituída por uma forma simples ou por essas formas mais seus modificadores sufixais, conforme exemplos 414) e 415).

414)

[i sam,lêne'te o'wa 'k^ho]kⁱa 'ʎa 'laj]/i= samlene -te owa k^ho]kⁱa ʎa laj/

1SGS= misturar -INF DEM palha DEF COMP.POSP

Para eu misturar com essa palha.

(CIB_PRO_005)

415)

[a'wa ,dmãne'ka ,wej ja'ksa 'sato k^hi'a 'de]/awa dmane-ka wej ja= ke sa sato k^hia de/

DEM belo-IND cara 1PLPOS= LOC.POSP EXPL PL.PARTC IMPF.AUX FON.POSP

Essa está bela, cara, das nossas de antigamente.

(CIB_AJR_CON_001)

3.4 Posposições

A língua apresenta uma série de palavras do tipo adposição. Elas ocorrem depois do nome ou do sintagma nominal sobre o qual têm escopo e, por isso, são posposições.

Cada posposição marca diferentes funções dos argumentos a que se associa. Entretanto, todas elas apresentam significado básico mais abrangente. É esse significado que indicamos para cada uma delas no quadro a seguir.

Quadro 14 - Posposições

QUADRO 14	
Posposição	Função sintática
/ 'ke/	Locação
/ 'te/	Instrumento
/ 'ti/	Destino
/e 'laj/	Companhia
/ 'fmã/	Opinião
/ 'tole/	Companhia
/i/	Trajeto
/ 'de/	Fonte/Origem
/ 'tuj/	Direção
/k ^{ho} 'fëa/	Benefactivo

Os exemplos que damos a seguir mostram o uso dessas posposições com diferentes valores.

– / 'ke/

416)

['tʃua se,tutʃi'a 'ke]

/tʃua se= tutʃia ke/

DEM DET.GEN= casa POSP.LOC

Naquela casa.

417)

[e ,tok^het'totwa 'sato 'ke ,de'mĩ:te]/e= tok^hetto-towa sato ke demine -te/

3SGPOS= pais -MIS PL.PARTC LOC.POSP pedir -INF

(foram) pedir aos pais dele.

(CIB_NAR_002)

418)

[,ja'ded^wa ,tok^hε't^ha 'tʃkⁱa 'hle 'nato a'laj t^ha 'ke 'kote]/jaded^wa tok^hεt^ha tʃĩ -ka hle nato alaj t^ha= ke ko -te/

menino pai chegar -IND ja.AUX mel COMP.POSP 3PLO= LOC.POSP dar -INF

O pai do menino já chegou com mel para dar a eles.

(CIB_NAR_002)

- /'te/

419)

[t^hlo'wa 'te i ,t^huldzot'k^ya ,fura'dera 'nese i ,p^hone'ka 'hle]/t^hlowa te i= t^huli -dode -ka furadera ne -se

faca INSTR.POSP 1SGS= furar -NEG -IND furadeira dizer -LOC.PART

i= p^hone -ka hle/

1SGS= furar -IND já.AUX

Eu não furo com a faca. Furadeira, que diz, eu já furo.

(HAR_PRO_002)

420)

[ta 'te i ,sa'k^ho:ne'te]/ta= te i= sa= k^ho:ne -te/

3SG= INSTR.POSP 1SGS= REC= virar -INF

Com ele, eu me viro.

(ARM_NAR_006)

– /'ti/

421)

[dʒo'kaj de'he 'se 'ti]

/i= o -ka -he dehe se ti/

1SGS= ir -IND -FUT ADM.PARTC mato DEST.POSP

Eu irei ao mato.

(CIB_NAR_002)

– /a'laj/

422)

[wa sa tu'tʃi fli,dõne'te 'nato a'laj]

/wa= sa= tutʃi flidone -te nato alaj/

2PLS= REF= lábios limpar -INF mel COMP.POSP

Para vocês limparem os lábios com mel.

(CIB_NAR_002)

– /'fmã/

423)

[ɔ,tʃajto'a 'fmã ,eja'ka ni'ka]

/ɔtʃaj -towa fmã eja -ka ni -ka/

branco -MIS OPIN.POSP pouco -IND parecer -IND

Para o branco, parece pouco.

(HAR_NAR_005)

– /'tole/

424)

[ja hi'awa 'tole ja ,kɛ'hate]

/ja= hia -wa tole ja= kɛha -te/

1PLPOS= filhos -DIM COMP.POSP 1PLS= comer -INF

Para nós comermos com nossos filhos.

(ARM_NAR_006)

– /i/

425)

[a'waj]

/awa i/

aí TRAJ.POSP

Por aí.

(ARM_NAR_006)

– /'de/

426)

[,dok^he'aj ja 'tʃmã fo'o 'de]

/dok^hea i ja= tʃi -ma fowa de/

fome TRAJ.POSP nós= chegar -TEMP.PART serra FON.POSP

Quando nos vínhamos da serra com fome.

(ARM_NAR_006)

427)

[,k^hoʃ'kja wa 'de ja kɛ'ha ,k^hea'ka 'he]

/k^hoʃ'ka -wa de ja= kɛha k^hea -ka he/

palha -DIM FON.POSP 1PLS= comer COND.AUX FOC

Dessa palhinha é que nós comíamos.

(ARM_NAR_006)

– /'tuj/

428)

[,node'ka 'hle fo'o 'tuj]

/no -de -ka hle fowa tuj/

ir -NEG -IND já.AUX serra DIR.POSP

(Ela) não vai mais para a serra.

(ALS_PRO_003)

– /k^ho'fẽa/

429)

[oo'ke ja 'ke ,jasto'a ,k^ho'fẽa]

/ooke ja= ke jasa -towa k^hofẽa/

aqui 1PL= LOC.POSP gente -MIS BEN.POSP

Aqui em nós para nossa gente.

(HAR_NAR_005)

Alguns elementos funcionam como posposição, já estando cristalizados como tal, mas são, de fato, junção de um nome mais uma posposição. Por isso, as apresentamos em suas formas fonéticas. Alguns exemplos são:

a. [tee'ke] *dentro*

430)

[o'wa se'ti tee'ke]

/owa se= ti tea ke/

DEM DET.GEN= casa dentro LOC.POSP

Dentro dessa casa.

(DEF_PRO_001)

b. [he'tej] *antes de*

431)

[ne'ka he'tej ja ,kefa'tka 'la 'ti tʃtʃi'a 'sato i es'k'a te'ka oo'ke]

/neka hete i ja= kefatka -la ti tʃtʃia sato

isso antes TRAJ.POSP 1PLPOS= Ouricuri DEF DEST.POSP corda PL.PARTC

i= esi -ka te -ka ooke/

1SGS= tecer-IND PRMA.AUX -IND aqui

Antes disso (de ir) para o nosso Ouricuri, estou tecendo cordas aqui.

(DEF_PRO_001)

Podemos observar nos exemplos até aqui apresentados que todos os elementos que classificamos como sendo posposições, tanto os dissilábicos quanto os monossilábicos, possuem acento principal próprio, no nível da palavra, do mesmo modo que o elemento que o precede. Essa observação nos permite concluir que a posposição, em Yaathe, é uma palavra fonológica por si própria, constituindo com o elemento que a precede um sintagma posposicional.

Alguns processos podem ser observados na junção da palavra precedente com a posposição.

a) Apagamento de vogais iguais

432)

[,ja'ded^wa ,tok^hε't^ha 'tʃkia 'hle 'nato a'laj t^ha 'ke 'kote]

/jaded^wa tok^hεt^ha tʃi -ka hle nato alaj t^ha= ke ko -te/

menino pai chegar -IND já.AUX mel COMP.POSP 3PLO= LOC.POSP dar -INF

O pai do menino já chegou com mel para dar a eles.

(CIB_NAR_002)

433)

[o'o 'te ja'sa ,tet'kiase ta'wa 'laj]

/owa te jasa teti -ka -se tawa alaj/

este INST.POSP a gente fazer -IND -PAS tawa COMP.POSP

Com este nós fizemos, com tawá.

(CIB_PRO_004)

Em 432) a vogal inicial de [a'laj] não é apagada depois de nome terminado em /o/. Já em 433), onde as duas vogais são iguais, a vogal inicial de [a'laj] sofre apagamento. Deve-se notar que essa regra é opcional e depende da velocidade de fala.

b) Apagamento da vogal final da palavra precedente antes de [ke]

434)

[se sɔt^h 'ke 'k^hã:se]

/se= sɔt^ha ke k^hane -se/

DET.GEN= testa LOC.POSP botar -LOC.PART

Aquela que bota na testa.

(CIB_PRO_006)

c) Apagamento da vogal final de /ke/ antes de palavra começada por glide ou vogal

435)

[ja ,kɔ'tʃaʃkia 'fliwa 'tʃkia te'ka 'he]

/ja= ke ɔtʃaʃkia fliwa tʃi -ka te-ka he/

1PL= LOC.POSP dinheiro pouco chegar -IND PRMA.AUX FOC

É que esse pouco dinheiro está chegando em nós.

(ARM_NAR_006)

d) mudança de /i/ em [j] e ressilabificação na coda da palavra precedente

436)

[e tej'se a'laj oo'ke tʃɔ'kaj]

/e= tejse alaj ooke tʃɔka i/

3SGPOS= pena COMP.POSP aqui por.trás TRAJ.POSP

Com a pena dele aqui por trás.

(CIB_PRO_005)

437)

[nêma 'newde o'wa 'fuli 'i tʰa 'tʃkia]

/nema newde owa fuli i tʰa= tʃi -ka/

então daí DEM rio TRAJ.POSP 3PLS= chegar -IND

Então (a partir) daí eles chegam por este rio.

Em 436), a posposição /i/ *trajeto, espaço percorrido* sofre mudança para [j] e associa-se à coda da última sílaba da palavra que a precede, o que não ocorre em 437), o que pode ser devido a questões relacionadas à percepção, desde que a vogal final da palavra e o glide são segmentos semelhantes.

Esses processos são opcionais, ocorrendo, sobretudo, em fala rápida.

Também é possível observar pausas entre a palavra precedente e a posposição.

3.5 Resumo da seção

Nesta seção, observamos alguns critérios que permitem a definição de palavra fonológica em uma língua, especificamente a pausa, o acento e processos fonológicos. Tomamos como base para nossa análise as classes de palavras já definidas em trabalho anterior (COSTA, 1999) e aplicamos os critérios selecionados a fim de estabelecer os limites de uma palavra fonológica na língua.

Novamente, as duas classes maiores, nome e verbo, destacaram-se como merecedoras de descrição mais detalhada, uma vez que sua constituição, em termos fonológicos, revela-se mais complexa que as demais, bem como parecem ser as classes que se deixam definir mais claramente em termos gramaticais.

Nomes apresentam menos componentes semânticos do que o verbo, de modo que os seus modificadores são em número menor. Os sufixos, tanto nominais como verbais, podem ser classificados como acentuados e não acentuados lexicalmente. Abaixo, apresentamos um quadro com essas formas.

Quadro 15 - Sufixos nominais e verbais

QUADRO 15		Sufixos	
Nominais		Verbais	
Fracos	Fortes	Fracos	Fortes
<i>/-ho/ agentivo</i>	<i>/-do'a/ privação</i>	<i>/-ne/ causativização</i>	<i>/-'dode/ negação</i>
<i>/-ne/ feminino</i>	<i>/-'sV/ feminino</i>	<i>/-tka/ desideração</i>	<i>/-'ka/ indicativo</i>
<i>/-neka/ feminino</i>		<i>/-ka/ deferência</i>	<i>/-'ske/ subjuntivo</i>
<i>/-wa/ diminutivo</i>		<i>/-doa/ paciente</i>	
<i>/-na/ exclusividade</i>		<i>/-se/ locativo</i>	
		<i>/-te/ infinitivo</i>	
		<i>/-ma/ temporalidade</i>	
		<i>/-se/ passado</i>	
		<i>/-he/ futuro</i>	
		<i>/-ne/ assertivo</i>	
		<i>/-ma/ finalidade</i>	

Demonstramos, assim, através dos critérios acentuação e processos fonológicos, que os nomes são constituídos, fonologicamente, apenas pela raiz e alguns sufixos. Uma parte das noções semânticas necessárias à expressão do nome são expressas por posposições e partículas, assim definidas em termos do acento e da operação de processos fonológicos.

Verbos, que a princípio foram consideradas palavras extensas, quando observadas apenas gramaticalmente, mostraram-se, de acordo com os critérios adotados, que podem ser divididas em duas ou mais palavras fonológicas, o que nos levou a reconsiderar a proposta inicial, tratando determinados conjuntos de noções semânticas como verbos auxiliares e partículas em vez de como sufixos derivacionais ou flexionais.

Uma distinção tornou-se notável entre essas duas classes principais. Tanto nomes como verbos são acentuados lexicalmente. No entanto, enquanto as formas nominais quase não sofrem modificações pela aposição de clíticos ou de sufixos, as raízes verbais sofrem e causam processos fonológicos que podem modificá-las ou causar mudanças nos sufixos a elas agregados. As formas verbais de superfície são, por isso, formas bastante diferentes das formas subjacentes dos seus constituintes, tanto segmentalmente quanto prosodicamente, o que parece ser resultado da interação de fatores morfológicos e fonológicos.

A partir da análise efetuada na seção 3, propomos nesta seção uma reclassificação do léxico da língua Yaathe, da seguinte forma:

Formas livres: nomes; verbos: principais, auxiliares e conectores; adjetivos: nomes ou verbos (dependendo da função sintática); posposições; pronomes pessoais; demonstrativos e partículas;

Formas dependentes: clíticos (proclíticos);

Formas presas: sufixos.

SEÇÃO 4: ACIMA DA PALAVRA FONOLÓGICA. O SINTAGMA FONOLÓGICO, O SINTAGMA ENTONACIONAL E O ENUNCIADO FONOLÓGICO

De acordo com Nespor e Vogel (1986), componente fonológico mais alto na hierarquia prosódica é o Enunciado Fonológico, que consiste em um ou mais sintagmas entonacionais, a categoria imediatamente abaixo na hierarquia. A teoria prevê que, quanto mais alto o componente na hierarquia prosódica, precisamos de informação menos específica, a fim de definir os constituintes prosódicos, observando que apenas a informação abstrata, como o nó mais alto na árvore sintática e a natureza da relação semântica entre duas sentenças, torna-se um fator relevante.

O sintagma fonológico é o constituinte que fica acima do grupo clítico. No entanto, conforme já dissemos, não consideramos a existência do constituinte grupo clítico nessa língua. Como pudemos observar na seção precedente, o clítico apresenta comportamento diferenciado, em alguns ambientes comportando-se como palavra autônoma e em outros como parte de uma palavra fonológica. No primeiro caso, interpretamos o clítico como compondo um sintagma fonológico com a palavra fonológica que o segue. Nesse caso, o sintagma fonológico será o constituinte que agrupa uma ou mais palavras fonológicas. Os critérios adotados para sua delimitação são os mesmos já definidos para a palavra fonológica – pausa, acento e processos fonológicos.

O sintagma entonacional é constituído por um ou mais sintagmas fonológicos e possui um contorno melódico identificável. Por isso, na delimitação dessa unidade, nos valem principalmente do contorno entonacional, observando a variação de F0 que marca as fronteiras entre esses sintagmas. As pausas ou, mais precisamente, a possibilidade de ocorrência de pausas, também foi um critério que utilizamos para identificar tais fronteiras.

O enunciado fonológico é o último e mais alto constituinte da hierarquia e consiste em um ou mais sintagmas entonacionais agrupados. Nespor e Vogel (1986) e Spencer (1995) apontam principalmente a pausa e a variação de F0 como os principais critérios para delimitar as fronteiras do enunciado fonológico. Sendo assim, os critérios que utilizamos para demarcar essa unidade foram a pausa silenciosa e o padrão de entonação associado a fronteiras. Também consideramos a correspondência sintático-semântica entre as sentenças envolvidas.

Em relação à duração das pausas silenciosas, há uma variedade expressiva na literatura no que diz respeito ao intervalo a ser considerado como pausa, uma vez que ocorrem curtos períodos de silêncio que não podem ser considerados como pausas psicologicamente

funcionais, pois são necessários para a articulação. Kowal, Wiese & O'Connell (1983) apontam que a grande maioria de pausas silenciosas, a partir das línguas que estudaram, indicam uma duração de 150-2000ms. Evidentemente, isso tanto sugere a existência de um período de pausa universal, como também serve para validar a adoção de um maior ponto de corte.

Nespor e Vogel (1986), ainda, consideram como pausa a possibilidade de duas palavras poderem ser ditas separadamente, ou seja, não precisa, necessariamente, haver a pausa silenciosa, mas também consideraremos a possibilidade da ocorrência de pausa.

No que diz respeito à entonação, a propriedade auditiva, ou o correlato perceptivo, é o *pitch*. Esse termo se refere ao que os ouvintes percebem como variação melódica da fala. Quando falamos, o ar que expelimos passa pela laringe provocando atividade de seus músculos e, em sequência, temos a vibração das cordas vocais. Essas vibrações são medidas pela frequência fundamental (F0), o correlato acústico da variação da pressão do ar na laringe quando a fala humana é produzida. A unidade de medida da F0 é o Hertz (Hz), que marca o número de ciclos completos de cada vibração das cordas vocais por segundo. Vários aplicativos computacionais de edição de som, atualmente, fazem a leitura automática da F0 nos formatos de onda produzidos pela glote na fala. Neste trabalho, conforme já mencionamos, utilizamos o PRAAT. Apesar de alguns pesquisadores reconhecerem outros correlatos acústicos do elemento prosódico em questão, como altura, intensidade, duração e a variação articulatória, apontamos para o fato de que a F0 é a pista acústica mais forte da melodia da fala, de acordo com Ladefoged (1996) e Fox (2002).

É importante considerar que a F0 é medida pela taxa de vibração das pregas vocais, atividade dependente da relação entre a pressão laringal e subglotal. Sendo assim, quanto maior o espaço para o ar circular acima da glote, menor a taxa de vibração das pregas vocais. Dessa forma, a F0 muda dependendo de cada falante: homens costumam apresentar um valor médio de F0 de aproximadamente 120Hz; mulheres, 225Hz; e crianças, 265Hz. Há também mudanças de F0 intrínsecas a fonemas, pois há mudanças fisiológicas para sua articulação que acarretam maior ou menor vibração das pregas vocais. Outros aspectos prosódicos também influenciam na variação de F0, como intensidade de fala e qualidade de voz. (CRUTTENDEN, 1986). Portanto, há uma variação de F0 a depender das particularidades de cada falante, características da voz do falante; das variações próprias do sexo e da idade do falante. Levando em consideração essas questões, analisamos narrativas de diferentes falantes, em termos de idade e de sexo.

Contudo, é preciso estar ciente da importância de uma análise auditiva aliada à análise acústica, pois uma análise acústica sem um recorte linguístico, ou seja, sem considerar as interpretações do falante/ouvinte, pode ser enganosa. Por essa razão, realizamos elicitación dos dados com falantes nativos, a fim de verificarmos as nossas considerações.

Procuramos nas subseções seguintes, apresentar algumas evidências para esses três constituintes.

4.1 Sintagma Fonológico

Delimitamos para análise a unidade sintática sintagma, considerando diferentes tipos de sintagmas sintáticos e utilizando os três critérios propostos pela literatura – pausa, acento e processos fonológicos.

Os sintagmas sintáticos analisados são o sintagma nominal, o sintagma posposicional e o sintagma verbal.

4.1.1 Sintagma nominal

Apresentamos diferentes tipos de sintagmas nominais, indo do mais simples, ou seja, constituído apenas de um núcleo lexical, aos mais complexos, constituído de elementos tanto de um lado apenas quanto dos dois lados.

a) Apenas um núcleo lexical

No conjunto de elementos abaixo, destacamos [fulni'o] *Fulni-ô*, um sintagma nominal, seguido por um sintagma verbal [dot'kia ke'a] *não seria*, conforme exemplo 438).

438)

[[,fulni'o]_{SF}[dot'kia ke'a]_{SF}]_{SE}

/fulnio dode -ka kea/

Fulni-ô não.ser -IND COND.AUX

Não seria Fulni-ô.

(CIB_NAR_002)

Entre [,fulni'o] e [dot'kia ke'a] há a possibilidade de pausa. Também a palavra [fulni'o] recebe acento, assim como as demais palavras do enunciado.

b) Elemento do lado esquerdo do núcleo lexical

– Clíticos + nome

Clíticos possessivos mais nome formam um sintagma fonológico, conforme exemplos abaixo.

439)

[ja 'tʰo]_{SF}

/ja= tʰo/

1PLPOS= olho

Meus olhos

(CIB_LIE_001)

440)

[ja ,kʰo'fawa]_{SF}

/ja= kʰoʃkʰa -wa/

1PLPOS= palha -DIM

Nossa palhinha.

(ARM_NAR_006)

O clítico, conforme mostramos na seção 3, pode constituir palavra fonológica com o nome que segue, bem como pode constituir uma palavra fonológica por si próprio.

Nos exemplos acima, clítico pronominal seguindo palavra iniciada por consoante constitui um sintagma nominal. Consideramos principalmente o critério pausa possível entre esse clítico e o nome seguinte.

Se dois clíticos pronominais, um sujeito e um objeto, precedem o nome com função objeto, esses dois clíticos associam-se entre si e com a palavra seguinte, constituindo uma palavra fonológica, conforme explicamos na Seção 3. Essa palavra fonológica constitui por si mesma um sintagma fonológico, como podemos ver na sentença abaixo.

441)

[[,jɛ:'kʰoʃkʰa]_{SF} ['tʃi kʰia'ka]_{SF}]_{SE}]_{EF}

/ja= e= kʰoʃkʰa tʃi kʰia -ka/

1PLS= 3SGO= palha tirar IMPF.AUX -IND

Nós tirávamos palha.

(ARM_NAR_006)

Que os clíticos e o nome formam uma palavra fonológica, antes de constituírem um sintagma fonológico, pode ser observado pela incidência de um único acento lexical, por um lado e, por outro lado, pelo fato de ocorrer um processo de alongamento compensatório, com fusão de vogais – /ja+e/ passa a [je:] – e não um processo de assimilação e elisão, mas sem alongamento, processo que ocorre em fronteira de palavras fonológicas, no domínio do sintagma fonológico, como acontece nos casos abaixo, entre um nome e uma posposição (442)) e entre um demonstrativo e uma posposição (443)).

442)

[fo'o 'ke]_{SF}

/fowa ke/

serra LOC.POSP

Na serra.

(ARM_NAR_006)

443)

[o'o 'ke]_{SF}⁴²

/owa ke/

este LOC.POSP

Aqui

(CIB_LIE_001)

Nesses casos, um processo fonológico muda /wa/ em [o], porém, embora duas vogais idênticas sejam colocadas em contato, não ocorre alongamento compensatório. Em vez disso, as duas vogais são pronunciadas em sequência, com a segunda delas sendo acentuada.

O exemplo 444) abaixo, basicamente idêntico ao exemplo 443), diferindo dele apenas em que a primeira vogal é /a/, confirma que se tem duas vogais e não um alongamento compensatório.

⁴² Apesar de considerarmos o conjunto [o'o 'ke] duas palavras fonológicas para efeito de descrição, neste ponto, nas nossas glossas, quando ela ocorre no discurso, significando *aqui*, a estamos tratando como uma única palavra porque é assim que ela é analisada pelos falantes. A mesma coisa ocorre com os demais dêiticos de lugar que apresentam essa composição.

444)

[a'o 'ke]_{SF}

/awa ke/

este LOC.POSP

Aí

(CIB_LIE_001)

Essas observações sustentam as hipóteses levantadas a respeito: i) alongamento compensatório, seja por fusão de vogais, seja por apagamento de consoantes ou por adjacência de vogais idênticas, ocorre no domínio da palavra fonológica; e ii) assimilação sem alongamento ocorre no domínio do sintagma fonológico, entre palavras fonológicas.

Voltamos a discutir essa questão mais adiante, em relação ao sintagma posposicional.

– Demonstrativos + nome

Pronomes demonstrativos formam sintagmas fonológicos.

445)

['tʃua ˌja 'ded^{wa}]_{SF}/tʃua jaded^{wa}/

aquele menino

Aquele menino.

(CIB_NAR_002)

c) Elementos do lado direito do núcleo lexical

– nome + plural

O plural em Yaathe é expresso por uma partícula /sato/. Nome mais morfema de plural formam um sintagma fonológico e não uma palavra fonológica, como já demonstrado anteriormente.

446)

[,fulni 'o 'sato]_{SF}

/fulnio sato/

Fulni-ô PL.PARTC

Os Fulni-ô.

(CIB_NAR_002)

A evidência para isso é a colocação do acento, pois tanto [fulni'o] quanto ['sato] portam acentos primários no nível lexical. No sintagma fonológico, o acento mais forte recai sobre ['sato], elemento da margem direita do constituinte.

– nome + numeral

447)

[,etse'ka ft^ho'a]_{SF}

/etseka ft^hoa/

pedaço um

Um pedaço.

(CIB_NAR_002)

– nome + adjetivo

448)

[[,set'sõ:k'a 'ke]_{SF} ['dʒo 'lãwa]_{SF}]_{SF}

setso -ne -ka ke dʒo lãwa

índio -EX -IND CAUS coração/alma mole

Porque tem índio do coração mole.

(CIB_PRO_006)

– nome + quantificador

449)

[tʃĩ'tʃa ,nẽ:do'a]_{SF}

/tʃĩtʃa nẽ:doa/

sangue muito

Muito sangue.

(HAR_NAR_005)

– Nome + plural + quantificador

Um quantificador seguindo um nome modificado pela partícula de plural forma um sintagma fonológico por si próprio, conforme exemplos abaixo.

450)

[[,etse'ka 'sato]_{SF} [,k^hto'awa]_{SF}]_{SE}/etseka sato k^htoa -wa/

pedaço PL.PARTC todos -DIM

Todos os pedacinhos.

(CIB_NAR_002)

O lado recursivo do sintagma fonológico é o lado direito. Do lado não recursivo, a projeção máxima é de um elemento determinante – clítico possessivo e demonstrativo, basicamente – enquanto do lado recursivo podem constar plural, adjetivos, numerais e quantificadores. A projeção máxima do lado recursivo é de um morfema, como podemos ver comparando os exemplos 447) e 450), acima. Em 450), o morfema de plural segue um nome e é seguido por um quantificador. Ocorrem aí dois sintagmas fonológicos. Em 439), o sintagma fonológico é constituído pelo nome e o quantificador imediatamente seguinte, do mesmo modo que em 447), onde o nome mais o numeral constituem um sintagma fonológico.

4.1.2 O sintagma posposicional

O sintagma posposicional é constituído de um núcleo lexical mais uma posposição que em Yaathe ocorre do lado direito desse núcleo, que, por sua vez, pode ser:

– um nome (451)) e (452))

451)

[fo'o 'ke]_{SF}

/fowa ke/

serra LOC.POSP

Na serra.

(ARM_NAR_006)

452)

[i hi'a 'tole]_{SF}

/i= hia tole/

1SGPOS= filhos/prole COMP.POSP

Com meus filhos.

– um adjetivo

453)

[[fe'tʃa]_{SF} [,tʰɔ,lwãne 'ke]_{SF}]_{EF}

/fetʃa tʰɔlwa -ne ke/

sol quente -FEM LOC.POSP

No sol quente.

(ARM_NAR_006)

– um pronome pessoal

454)

[ja,sa 'ke]_{SF}

jasa ke

a gente LOC.POSP

Na gente.

(HAR_NAR_005)

– um clítico pronominal (455), 456))

455)

[wa 'tole]_{SF}

/wa= tole/

2PL= COMP.POSP

Com vocês.

456)

[ja 'ke]_{SF}

/ja= ke/

1PL= LOC.POSP

Em nós.

(HAR_NAR_005)

- um demonstrativo (457), 458))

457)

[o'o 'ke]_{SF}

/owa ke/

este POSP.LOC

Aqui.

(CIB_NAR_001)

458)

[a'o 'ke]_{SF}

/awa ke/

esse POSP.LOC

Aí

(HAR_NAR_002)

459)

[,tʃua 'laɲ]_{SF}

/tʃua alaj/

aquele COMP.POSP

Com aquele.

(HAR_NAR_002)

- um numeral

460)

[[faj'a]_{SF} [ft^ho'aw 'ke]_{SF}]_{EF}

/ʃaja ft^hoa -wa ke/

sombra um -DIM LOC.POSP

Em uma sombrinha.

(ARM_NAR_006)

- uma partícula

461)

[[e ,tok^hε'tot^wa]_{SF} [,sato 'ke]_{SF}SE [[,de'mĩ:te]_{SF}SE

/e= tok^hεto -toa sato ke demine -te/

3SGPOS= pai -MIS PL.PARTC LOC.POSP pedir -INF

Pedir aos pais dele.

(CIB_NAR_002)

De modo geral, um sintagma posposicional corresponde a um sintagma fonológico em fala corrente normal, quer dizer, em velocidade normal de fala.

Uma das posposições identificadas não forma sintagma fonológico com o elemento precedente. Em vez disso, de modo geral, ela forma palavra fonológica. Trata-se da posposição /i/ *trajeto*, que se reduz a [j], associando-se à coda da sílaba precedente, conforme exemplos em 462) e 463).

462)

[a'waj]_{SF}

/awa i/

esse TRAJ.POSP

Por aí.

(ARM_NAR_006)

463)

[fo'waj]_{SF}

/fowa i/

pedra TRAJ.POSP

Pela serra.

(CIB_LIE_001)

Essa posposição pode também alterar a posição do acento, como é o caso do exemplo 464), comparado a 465). Em 464), [fe'hej] *pelo pé*, o acento recai na última sílaba devido à junção da posposição [j], enquanto em 465) o acento de ['fehe] *pé* permanece na primeira sílaba, dado que o nome ocorre sem essa posposição.

464)

[ja fe'hej]_{SF}

/ja= fehe i/

1PLPOS= pé TRAJ.POSP

Pelos nossos pés. (Lit. Pelo nosso pé)

(ARM_NAR_006)

465)

[[ja 'fehe]_{SF} [fe'aj]_{SF}]_{SE}

/ja= fehe fea i/

1PLPOS= pé terra TRAJ.POSP

Nossos pés pela terra. (Lit. Nosso pé pela terra)

(ARM_NAR_006)

Entretanto, há uma exceção: quando o nome precedente termina em /i/, a posposição /i/ constitui palavra fonológica de si própria, pois realiza-se como ['i], isto é, não se reduz a [j], não tendo também influência na atribuição do acento.

466)

[,fuli 'i]_{SF}

/fuli i/

rio TRAJ.POSP

Pelo rio.

(MAM_NAR_007)

Também é possível notar-se que /i/ *trajeto* e /ke/ *locativo* comportam-se diferentemente em termos prosódicos, comparando-se as formas em que [a'wa] *esse* e [o'wa] *este* são seguidas das duas posposições, como mostram os pares de exemplos a seguir.

467)

a. [a'waj]_{SF}

/awa i/

esse TRAJ.POSP

Por aí.

b. [a'o 'ke]_{SF}

/awa ke/

esse LOC.POSP

Aí.

(ARM_NAR_006)

468)

a. [ow'aj]_{SF}

/owa i/

este TRAJ.POSP

*Por aqui.*b. [o'o 'ke]_{SF}

/owa ke/

este LOC.POSP

Aqui.

(ARM_NAR_006)

Enquanto em 467)a e 468)a não ocorre qualquer processo fonológico que modifique a forma pronominal a que se associa a posposição /i/, em 467b) e 468b) /wa/ passa a [o] e o acento lexical é mantido.

Um sintagma posposicional constituído por um nome mais adjetivo mais uma posposição forma dois sintagmas fonológicos, um deles sendo o nome e o outro adjetivo mais a posposição.

469)

[[fe'tʃa]_{SF} [,tʃɔ'lwãne 'ke]_{SF}]_{SE}

/fetʃa tʃɔlɔwa -ne ke/

sol quente -FEM LOC.POSP

No sol quente.

(ARM_NAR_006)

470)

[[fe'tʃa]_{SF} [,tuti'ãne 'ke]_{SF}]_{SE}

/fetʃa tutia -ne ke/

sol doloroso -FEM LOC.POSP

No sol doloroso.

(ARM_NAR_006)

Nos exemplos acima, observa-se que o morfema /-ne/ *feminino* não sofre apagamento, gerando o alongamento da vogal precedente, um processo fonológico que temos estabelecido que se aplica no domínio da palavra fonológica. O fato de esse processo não ocorrer entre o adjetivo e a posposição indica fronteira de palavra fonológica dentro de um sintagma fonológico.

Abaixo, em 471), ocorre um processo de redução silábica por apagamento de vogal final, sem, entretanto, ocorrer alongamento compensatório.

471)

[[fe'a]_{SF} [,tʃɔlɔ'ɔ 'ke]_{SF}]_{SE}

/feə tʃɔlɔwa ke/

terra quente LOC.POSP

Na terra quente.

(ARM_NAR_006)

Novamente temos uma evidência que adjetivo mais posposição constituem um sintagma fonológico e não uma palavra fonológica, se compararmos [tʃɔ,lɔw 'ke] *no quente* com a forma verbal [tʃɔlɔ:'ka] *esquentar*, conforme exemplo 472).

472)

['do:kʲa ,tʃɔlɔ:'ka]_{SF}

/do:kʲa tʃɔlɔwa -ka/

panela esquentar -IND

A panela está quente.

4.1.3 O Sintagma verbal

Um sintagma verbal é constituído por uma série de elementos necessários à expressão verbal. Na seção 3, mostramos como esses elementos se comportam em termos de constituição de palavra fonológica.

Aqui buscamos descrever o sintagma verbal em termos de sintagmas fonológicos.

4.1.3.1 Clíticos pronominais mais verbo

Os clíticos pronominais – pessoais, reflexivo/recíproco – podem formar ou não palavra fonológica com a raiz verbal a que precedem mais os sufixos verbais. No caso de ocorrer um enunciado desse tipo, o conjunto forma também um sintagma fonológico, desde

que clíticos não apresentam autonomia discursiva e o acento principal recairá sobre um dos morfemas da forma verbal.

4.1.3.1.1 Clíticos pronominais mais verbo principal mais verbo auxiliar

No exemplo abaixo, temos um sintagma fonológico – que é também um sintagma entonacional – constituído por clítico pronominal, mais verbo principal, mais verbo auxiliar.

473)

[tʰɛ: i ,kʰia'ka]_{SF}

/tʰa= e= i kʰia -ka/

3PLS= 3SGO= comer IMPF.AUX -IND

Eles o/a comiam.

(CIB_NAR_002)

No exemplo 474), vemos um sintagma fonológico constituído por um clítico, nome e verbo auxiliar.

474)

[[ja kʰet,kʰia ke'a]_{SF} [,kahni'ʒɔ]_{SF}]_{SE}]_{EF}

/ja= kʰetkʰia kea kahniʒɔ/

1PLPOS= nome COND.AUX Carnijó

Nosso nome seria Carnijó.

(CIB_NAR_002)

Se, porém, o sujeito for expresso por um nome ou sintagma nominal pleno, esse elemento pode formar um sintagma fonológico por si próprio; o mesmo acontece com o objeto expresso dessa forma. Os dois fatos podem ser observados no exemplo a seguir.

475)

[[,fulni,o 'sato]_{SF}]_{SE} [,fulni'o]_{SF} [dot,kʰia ke'a]_{SF}]_{SE}]_{EF}

/fulnio sato fulnio dode -ka kea/

fulni-ô PL fulni-ô não.ser -IND COND.AUX

Os Fulni-ô não seriam Fulni-ô.

(CIB_NAR_002)

Evidência de que verbo principal mais verbo auxiliar formam um sintagma fonológico e não uma palavra fonológica vem do processo de alongamento compensatório. Enquanto em 476), abaixo, ocorre uma assimilação dos traços da segunda vogal entre o clítico pronominal e a raiz verbal, com alongamento compensatório, em 476), ainda ocorrendo o processo de assimilação, o alongamento não se dá.

476)

[jo:'ka]_{SF}

/ja= o -ka/

1PLS= ir -IND

Nós vamos.

(ALS_PRO_003)

477)

[jo'o ,k^hia'ka]_{SF}

/ja= o k^hia -ka/

1PLS= ir IMPF.AUX -IND

Nós íamos.

(ARM_NAR_006)

Logo, em 476), clítico pronominal mais raiz verbal mais sufixo formam uma palavra fonológica; em 477) clítico mais raiz verbal formam uma palavra fonológica, seguida de outra palavra fonológica formada pela raiz do verbo auxiliar mais sufixo.

Quando seguido por outro tipo de verbo auxiliar, denotando aspecto permansivo, o verbo principal pode ter a vogal final apagada, como mostram os exemplos 478) e 479).

478)

[['dʒak te'ka]_{SF} [oo'ke]_{SF}]_{SE}

/i= ta -ka te -ka ooke /

1SGS= estar -IND PRMA.AUX -IND aqui

Eu estou aqui. (Permansivo)

(DEF_NAR_003)

479)

['nok no'ka]_{SF}

/no -ka no -ka/

ITE.AUX -IND ITE.AUX -IND

Ele vai indo. (Iterativo)

(HAR_PRO_002)

O apagamento da vogal final do verbo principal antes do verbo auxiliar também pode ocorrer com verbos auxiliares do tipo [ke'a] *condicionalidade*, [k^hi'a] *imperfecto*. Há, porém, uma diferença básica entre esses verbos e os mostrados nos dois exemplos acima, que é a obrigatoriedade *versus* opcionalidade da regra. Em verbos do tipo [te'ka] *permansividade* e [no'ka] *iteratividade*, o apagamento é obrigatório; em verbos do tipo [ke'a] *condicionalidade* e [k^hi'a] *imperfectividade*, o apagamento da vogal é opcional, ocorrendo apenas em registros de fala mais velozes ou menos cuidados, como mostrado no exemplo 480), a seguir.

480)

['dĩna ta 'kok ke'a]

/dina ta= ko -ka kea

talvez 3SGS= dar -IND COND.AUX

Talvez desse.

(HAR_NAR_005)

O apagamento de vogal nesses contextos não ocorre se o sufixo de indicativo no verbo principal apresentar a forma palatalizada [kⁱa] ou labializada [k^wa] causada por um processo interno à palavra fonológica, como mostram os exemplos 481) e 482).

481)

[[,otʃ^haj,toso'a 'tʃ^hkⁱa te'ka]_{SF} [i ,kfɛl'sẽ:te]_{SF}]_{EF}/otʃ^hajtosoa tʃi -ka te -ka i= kfɛlse -ne -te/

branca (não índia) chegar -IND PRMA.AUX -IND 1SGO= oferecer -CSTV -INF

A branca fica vindo me oferecer.

(ARM_NAR_006)

482)

[i 'k^hk^wa ,noka'se]_{SF}/i= k^ho -ka no -ka -se/

1SGS= beber -IND ITE.AUX -IND -PAS

Eu fui bebendo.

(CIB_LIE_001)

4.1.3.1.2 Verbos temporais e verbos conectores

Normalmente, os verbos que estamos chamando de temporais e conectores, exemplificados em 483) a-d e palavras fonológicas semelhantes são enunciadas como um sintagma entonacional.

483)

a. [,ũ'nĩma] *hoje*b. ['nẽma] *Então*c. ['nekte] *Assim; desse modo*d. [,ne'dẽma] *Ou*

Nesse caso, não ocorrem junturas internas causadas por apagamento de vogais e ressilabificação de consoante com a próxima palavra iniciada por vogal, como em 484), abaixo.

484)

[[,ũ'nĩma]_{SF/SE} [ja 'k^ho]k^ja]_{SF} [,tʃidʒot'k^ja 'hle]_{SF}]_{SE}]_{EF}/unima ja= k^ho]k^ja tʃi -dode -ka hle/

hoje 1PLS= palha tirar -NEG -IND já.AUX

Hoje nós já não tiramos mais palha.

(ARM_NAR_006)

Se, porém, o registro de fala apresentar uma taxa maior de elocução, com diversos sintagmas fonológicos ocorrendo dentro desse sintagma entonacional, fenômenos de juntura desse tipo vão ocorrer, como mostra o enunciado a seguir.

485)

[['nēm ,ũ:'nīm i ta'ka 'le 'de]SE [,seti'tfose]SF [tet'ti]SF]SE]EF

/nema unima i= ta -ka hle de setitfose teti -te/

então hoje 1SGS= ficar -IND já.AUX ADM.PARTC vassoura fazer -INF

Então, hoje eu já fico fazendo vassoura.

(ALS_PRO_003)

Por outro lado, se [ũ'nīma] *hoje* é deslocado para depois do sintagma verbal, como em 486), abaixo, a junção não se dá, apesar de o conjunto ter sido enunciado como um sintagma entonacional único. O que se observa, porém, é que /de/, partícula admirativa reduzida é parte do sintagma fonológico precedente, bem como é uma sílaba acentuada, diferente do que vimos nos casos de junção mostrados em 485), onde todas as sílabas finais de sintagmas fonológicos são átonas.

486)

[[ja'sa 'jã:ka 'hle 'de]SE [,ũ:'nīma]SF]SE]EF

/jasa jã:ka hle dehe unima/

a gente pouco já.AUX ADM hoje

Nós já somos poucos hoje.

(ALS_PRO_003)

Essa discussão envolvendo junções dentro de sintagmas entonacionais será retomada na próxima seção.

4.2 Sintagma Entonacional

De acordo com Nespor e Vogel (1986), a principal forma de identificação de um sintagma entonacional é o contorno melódico. Portanto, para a identificação de um enunciado entonacional, baseamo-nos na ideia de que este é o domínio de um contorno de entonação e que as extremidades das frases entonacionais coincidem com as posições nas quais pausas podem ser introduzidas em uma sentença.

Observemos o exemplo a seguir.

487)

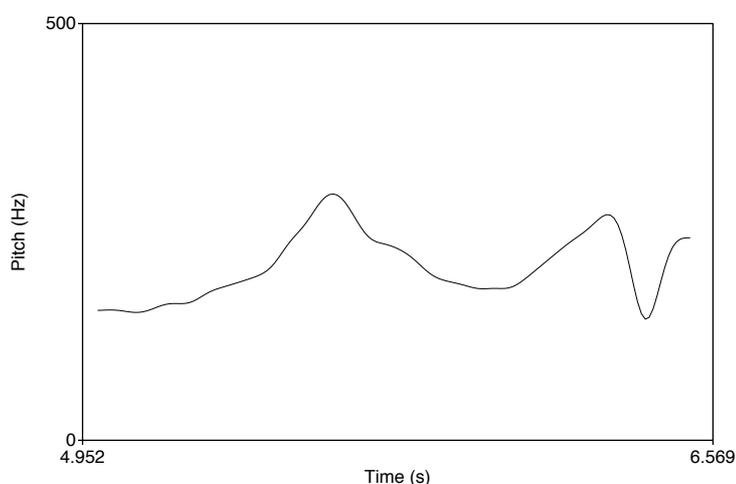
[ja 't^ho hi,aka'sej]_{SE}/ja= t^ho hia -ka -se i/

1PLS= olho remela -IND -PAS TRAJ.POSP

Desde que nós éramos crianças... (Lit. Tínhamos remela nos nossos olhos)

(ARM_NAR_006)

Em [ja 't^ho hiaka'sej] *Desde que nós éramos crianças*, podemos notar que os picos de F0 ocorrem nas sílabas acentuadas do sintagma. Na última sílaba do sintagma [hiaka'sej] *éramos crianças* há uma subida de F0 seguida de uma queda brusca e novamente uma subida, como podemos ver na figura 2. Essa frequência extremamente baixa ocorre devido a uma laringalização, o que nos ajuda ainda mais a demarcar aí uma fronteira prosódica, uma vez que a laringalização não é um fenômeno comum em Yaathe. Nos nossos dados, encontramos esse fenômeno na fala de mulheres e sempre no fim de sintagmas entonacionais.

Figura 2 - Variação de F0 [ja 't^ho hiaka'se i]

No exemplo 488), mostramos o sintagma entonacional que segue o sintagma descrito acima.

488)

[ja 'k^hodʒo ne'se]/ja= k^hodʒo ne -se/

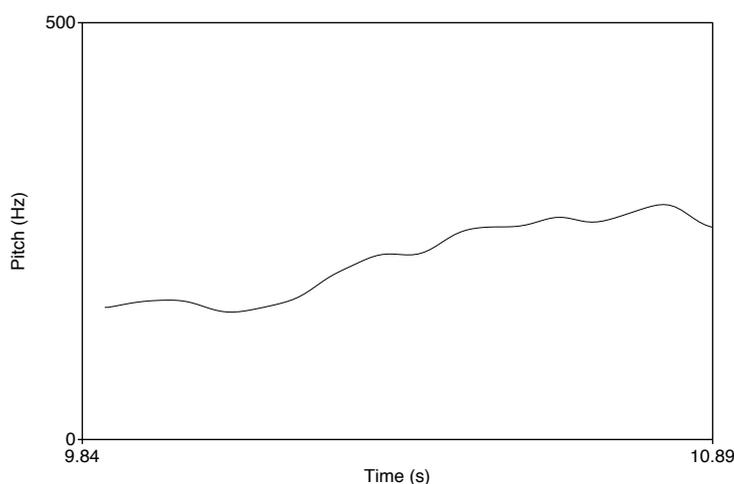
1PLS= trabalho fazer -LOC.PART

...nós fazemos nosso trabalho aqui.

(ARM_NAR_006)

Na figura 3, mostramos a variação de F0 de [ja 'kʰodʒo ne'se] ...*nós fazemos nosso trabalho aqui*. Novamente vemos as variações de altura de F0 comparando sílabas átonas e sílabas acentuadas. Na última palavra do sintagma entonacional [ne'se] há uma subida e uma queda de F0, sinalizando o fim de um sintagma entonacional. Nesse caso, essa curva melódica demarca, além do fim do sintagma entonacional, a fronteira entre enunciados fonológicos.

Figura 3 - Variação de F0 [ja 'kʰodʒo ne'se]



Os exemplos que seguem foram proferidos por um falante do sexo masculino.

489)

[[e 'fnite]_{SE} [tʰa ne'ka ta 'kode 'do]_{SE} [,ne'kãma]_{SE}]_{EF}

/e= fni -te tʰa= ne -ka ta= ko -dode do ne -ka -ma/

3SGS= olhar -INF 3PLS= dizer -IND 3SGO= dar -NEG EV.PARTC fazer -IND -FIN

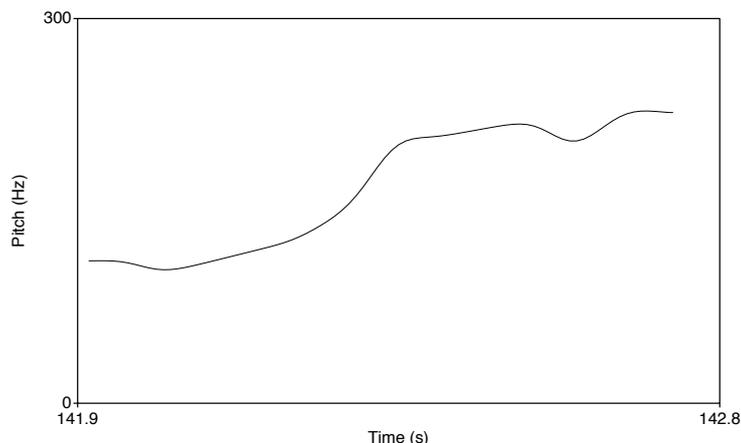
Olhando, eles dizem: não dá pra fazer.

(HAR_PRO_002)

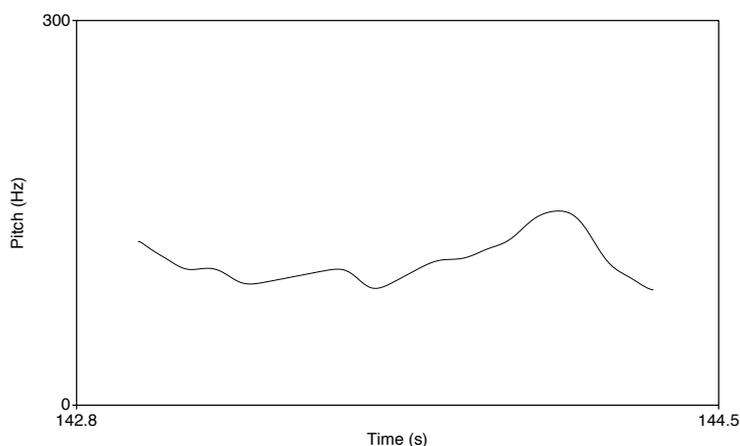
O enunciado [e 'fnite tʰa ne'ka ta 'kode 'do ,ne'kãma], é dividido em três sintagmas entonacionais, conforme mostraremos nas figuras que seguem.

Na figura 4, temos o primeiro sintagma entonacional [e 'fnite] *olhando*. Podemos observar que ocorre um pico de F0 na sílaba acentuada e depois há um leve declínio na curva melódica, o que nos mostra o fim de um sintagma entonacional.

Figura 4 -Variação de F0 [e 'fnite]

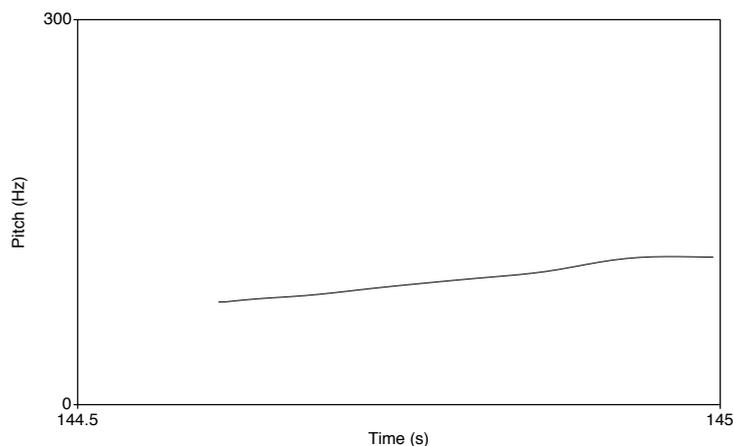


Na figura 5, temos o sintagma entonacional [t^ha ne'ka ta 'kode 'do] *eles dizem: não dá*, que segue o sintagma entonacional descrito acima. Observamos os picos de F0 nas sílabas acentuadas e uma variação na última sílaba do sintagma, um declínio na curva melódica, sinalizando o fim do sintagma entonacional.

Figura 5: Variação de F0 [t^ha ne'ka ta 'kode 'do]

Na figura 6, temos o último sintagma desse enunciado, [,ne'kãma] *para fazer*. Podemos ver que a curva de F0 se inicia com uma altura bastante baixa, altura que se mantém praticamente em todo o enunciado. Também em termos de intensidade, o falante enuncia de forma bem baixa este último sintagma. Se compararmos com o sintagma analisado anteriormente, notamos que este é bem mais baixo, há uma variação de F0 entre um e outro, e isso sinaliza o fim de mais um sintagma e o fim do enunciado.

Figura 6: Variação de F0 [ne'kama]



No que diz respeito às pausas, observamos que algumas das fronteiras de sintagma entonacional foram marcadas, além da variação de F0, pela ocorrência de pausas silenciosas, embora essa ocorrência não tenha sido imprescindível na delimitação dessa fronteira. Porém, conforme afirmam Nespor e Vogel (1986), as fronteiras do sintagma entonacional são marcadas por um espaço no qual as pausas podem ser introduzidas em um enunciado, ou seja, essas fronteiras são ambientes propícios para uma pausa, a depender da intenção do falante, das suas necessidades físico-articulatórias e das características do registro de fala, entre outros fatores.

Em relação a processos fonológicos, observamos que apagamento de vogal final com ressilabificação, ou seja, junturas externas, pode ocorrer entre sintagmas fonológicos dentro de um sintagma entonacional.

Quando temos um enunciado fonológico como 490) abaixo, observamos que vogais finais de palavra são apagadas e ocorre ressilabificação da consoante desassociada com a vogal inicial da palavra seguinte. Nos dois casos, que marcamos com o símbolo “ # ” para fronteira de palavra, a consoante é uma nasal labial.

490)

[nēm#ũ:nĩm#ita'ka'le'de]_{EF}

/nema unima i= ta -ka hle de/

então hoje 1SGS= estar -IND já.AUX ADM.PARTC

Então hoje eu já estou aqui.

4.3 Enunciado Fonológico

Para a delimitação do enunciado fonológico (EF) em Yaathe, observamos as pausas⁴³ e a variação de F0. Conforme já falamos, a pausa silenciosa nos ajuda a demarcar tanto o enunciado fonológico quanto o sintagma entonacional. Em relação ao enunciado fonológico, sempre ocorre uma pausa relativamente longa para marcar a fronteira entre dois enunciados fonológicos. A pausa associada à variação de F0 nos ajuda a demarcar essas fronteiras.

Observemos o exemplo 491) abaixo.

491)

[[wa ke ,sɛ'nẽ:kʲa ftʰo'a]_{SE} [i e ,ʃine'kahe]_{SE}]_{EF}

/wa= ke sɛnẽ:kʲa ftʰoa i= e= ʃine -ka -he/

2PLO= LOC.POSP história NUM 1SGS= 3SGO= contar -IND -FUT

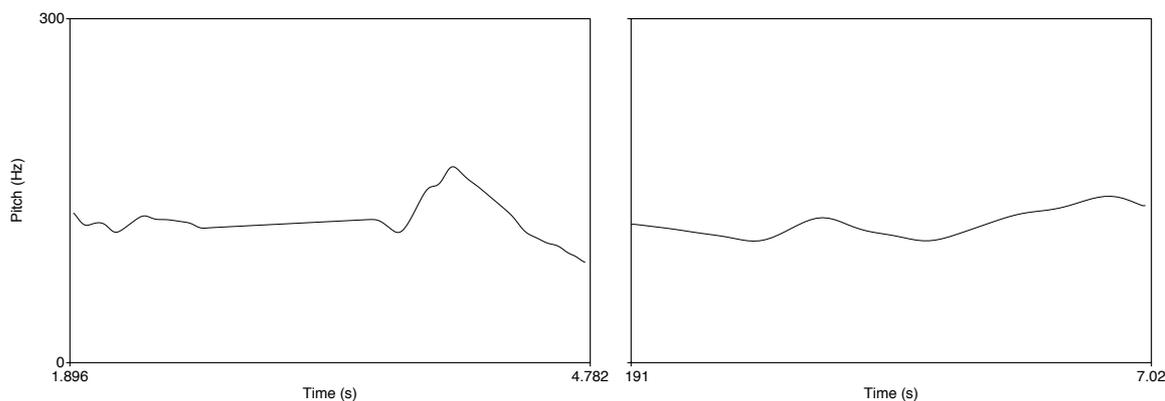
Eu contarei uma história a vocês.

(CIB_NAR_002)

Podemos observar no contorno melódico do primeiro sintagma entonacional [wa ke sɛ'nẽ:kʲa ftʰo'a] *Eu contarei uma história a vocês*, que há uma elevação de F0 caracterizando a sílaba acentuada em [sɛ'nẽ:kʲa], seguida de uma queda de F0, embora a última sílaba do sintagma entonacional seja também uma sílaba acentuada. Isso demarca uma fronteira entre enunciados entonacionais. O fim do enunciado fonológico é caracterizado por um contorno melódico em que F0 se mantém na linha de base da altura utilizada pelo falante, um pico de F0 na sílaba acentuada de [i e ʃine'kahe] *eu a contarei*, seguida de uma queda, caracterizando o fim do segundo sintagma entonacional e o fim do enunciado, conforme podemos ver na figura 7. Notamos também que basicamente a mesma altura de F0 marca o início dos dois sintagmas entonacionais.

⁴³ Tanto para a delimitação do enunciado fonológico quanto para a delimitação do sintagma entonacional, consideramos as pausas silenciosas superiores a 150 ms.

Figura 7: Variação de F0 [wa ke ,se'nê:k'ia ft'ho'a i e ,ʃine'kahe]



Embora ocorra uma pausa significativa em termos de duração entre [wa 'ke] e [se'nê:k'ia], não temos aí uma fronteira de sintagmas entonacionais, uma vez que o critério principal para essa delimitação é a variação de F0, o que, como podemos ver, não acontece entre esses dois constituintes.

Vejamos o próximo enunciado.

492)

[[anĩ: ,fulni'o 'sato ,fulni'o dot'k'ia ke'a]_{SE} [t^ha k^het'k'ia k^hi'a hɛ ,kahni'ʒɔ]_{SE}]_{EF}

/anĩ: fulnio sato fulnio dode-ka kea

PAUS.PREE fulni-ô PL.PARTC fulni-ô não.ser -IND COND.AUX

t^ha= k^het'k'ia k^hi'a hɛ kahni'ʒɔ/

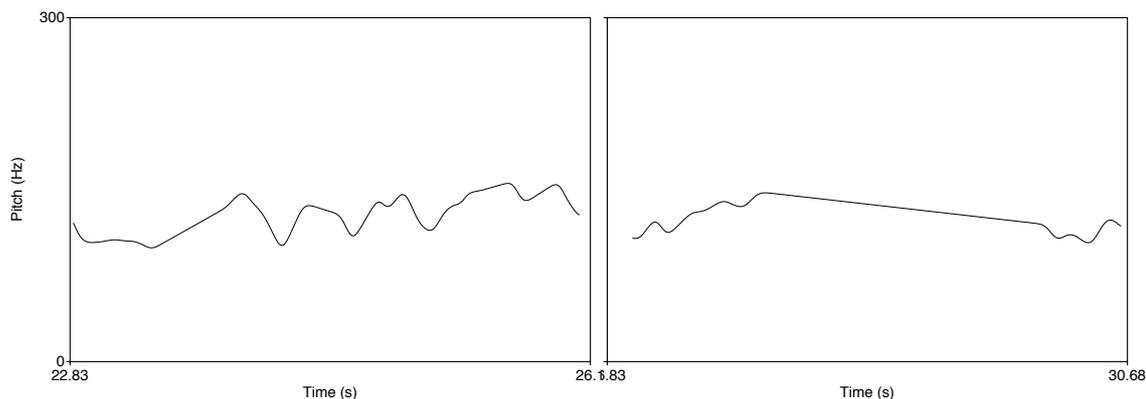
3PLPOS= nome IMPF.AUX MC carnijó

É... Os Fulni-ô, Fulni-ô não seriam. O nome deles era Carnijó.

(CIB_NAR_002)

Na figura 8, abaixo, que apresenta a variação de F0 do enunciado acima, podemos observar os mesmos padrões descritos se repetindo. O fim do primeiro sintagma entonacional é caracterizado pelo declínio da curva de F0; o mesmo ocorre no fim do segundo sintagma entonacional que demarca também o fim desse enunciado fonológico.

Figura 8: Variação de F0 [anĩ: ,fulni'o 'sato ,fulnio dot'kia ke'a t^ha k^het'kia k^hi'a he ,kahni'ʒo]



Em 493) e 494), mostramos mais dois enunciados. Esses enunciados foram proferidos por uma falante do sexo feminino.

Vejamos o enunciado em 493).

493)

[,ũ:'nĩma ,jo:dot'kia 'hle de'he]_{EF}

/u:nima ja= o -dode -ka hle dehe/

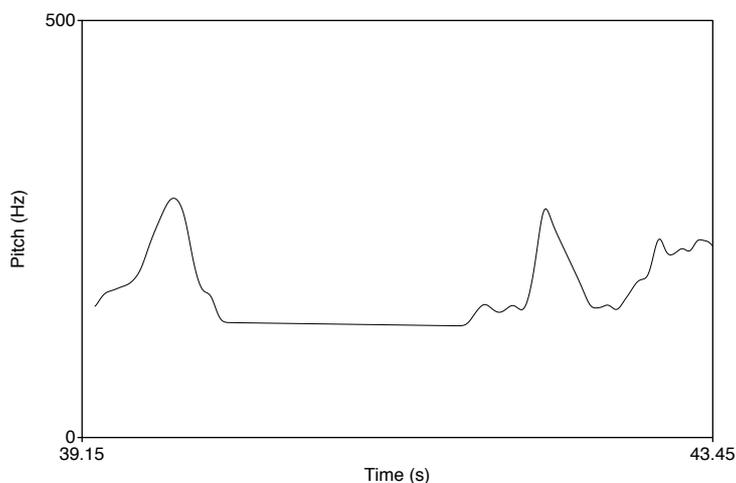
hoje 1PLS= ir -NEG -IND já.AUX ADM.PARTC

Hoje nós não vamos mais.

(ARM_NAR_003)

Na figura 9, podemos ver o contorno melódico do primeiro sintagma entonacional [ũ:'nĩma] *hoje* em que há uma elevação de F0 caracterizando a sílaba acentuada, seguida de uma queda. O início do próximo enunciado fonológico também é caracterizado por um contorno melódico em que F0 se mantém na linha de base da altura utilizada pela falante, um pico de F0 na sílaba acentuada seguido de uma queda, caracterizando o fim do segundo sintagma entonacional e o fim do enunciado. Notamos também que basicamente a mesma altura de F0 marca o início dos dois sintagmas entonacionais.

Figura 9: Variação de F0 [,ũ: 'nĩma ,jo:dot'kia 'hle 'dehe]



No exemplo 494), temos o enunciado que segue aquele mostrado em 493).

494)

[[,dzodot'kia 'hle de'he]_{SE} [i sak ,fakdot'kia 'ke 'hle]_{SE}]_{EF}

/i= o -dode -ka hle dehe

1SGS= ir -NEG -IND já.AUX ADM.PARTC

i= sakfake -dode -ka ke hle/

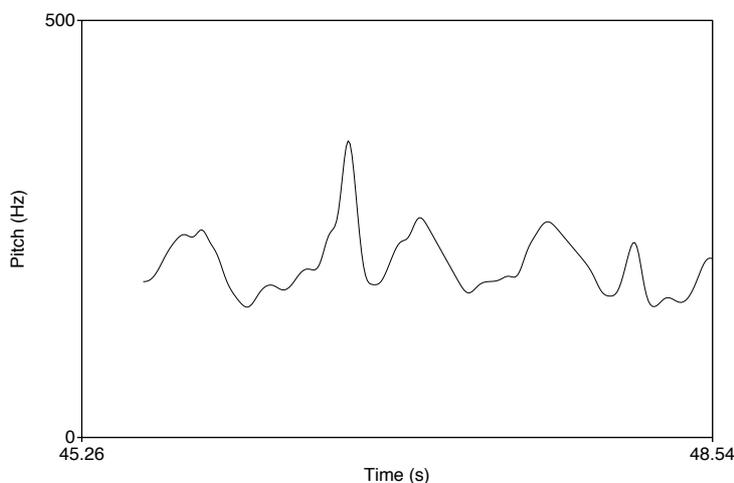
1SGS= poder -NEG -IND CAUS.PARTC já.AUX

Eu não vou mais porque eu não posso mais.

(ARM_NAR_003)

Na figura 10, observamos que há uma subida mais brusca de F0, no fim do primeiro sintagma entonacional, o que caracteriza uma especificidade da expressão da falante. No entanto, podemos ver um declínio que demarca o fim de um sintagm entonacional. O segundo sintagma entonacional mantém o mesmo padrão melódico, apresentando picos de F0 nas sílabas acentuadas e um declínio característico de fim do enunciado.

Figura 10: Variação de F0 [,dʒodot'kʲa 'hle de'he i sak ,fakdot'kʲa 'ke 'hle]



4.4 Resumo da Seção

Nesta seção, buscamos descrever de que maneira se organizam as unidades hierarquicamente superiores à palavra fonológica: o sintagma fonológico, o sintagma entonacional e o enunciado fonológico. Para a delimitação do sintagma fonológico, utilizamos principalmente a pausa (possibilidade ou não), o acento e processos fonológicos, tais como alongamento compensatório, fusão de vogais e queda de vogais. A princípio, delimitamos a unidade sintática sintagma. Selecionamos para análise exemplos de sintagma nominal, sintagma verbal e sintagma posposicional.

Para definirmos limites do sintagma entonacional, observamos, inicialmente a existência de pausa, caracterizando unidades entonacionais. Em seguida, atentamos para o contorno melódico, observando principalmente a variação de F0 que demarca as fronteiras entre esses sintagmas.

Em relação ao enunciado fonológico, buscamos os blocos, separados normalmente por pausas, que indicam pistas de uma unidade semântica e sintaticamente bem formada. Observamos também a variação de F0 que demarca as fronteiras entre esses enunciados.

Em relação à pausa, observamos que, em nossos dados, elas ocorrem tanto entre sintagmas entonacionais quanto entre enunciados fonológicos. Entretanto, entre sintagmas entonacionais elas não são obrigatórias, ou seja, há casos em que ocorrem e casos em que apenas a pista melódica é suficiente para demarcar o limite entre sintagmas. Embora as pausas variem de acordo com o registro e o estilo de cada falante, geralmente as pausas que

demarcam fronteiras entre enunciados são relativamente mais longas que as demais e sempre ocorrem.

Sabemos que é uma tarefa difícil identificar a função linguística dos correlatos acústicos da melodia da fala, assim como de pausas, visto que esses aspectos variam de acordo com aspectos intra e extralinguísticos, além de fatores relacionados à própria produção da fala. Em certa medida, porém, é possível reconhecermos traços característicos.

Constatamos, nos dados analisados, que os exemplos de homens e mulheres, jovens e idosos, além do tipo de texto, seguem os mesmos padrões. Isso nos mostra que as variações de F0 ocorrem em termos da gama tonal, da altura utilizada por cada falante, mas o padrão melódico é mantido em cada função linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que tenhamos lidado com uma quantidade e uma diversidade relativamente extensa de dados linguísticos e testado exaustivamente as nossas hipóteses, oportunidade que tivemos por passar grande parte do tempo na aldeia, junto aos informantes, sendo também uma falante, mesmo se não praticante diária da língua, fica-nos, no final, a impressão de que há muito ainda a se dizer sobre o tema complexo sobre o qual nos debruçamos neste trabalho.

Assim, este trabalho é apenas uma abordagem preliminar ao que pode vir a ser uma descrição mais acurada do fenômeno em questão. Diversos fatores contribuíram para que ele nos desse apenas uma visão geral do fenômeno que, esperamos, possa abrir caminho para uma investigação mais profunda.

Entre esses fatores, podemos citar, em primeiro lugar, a diversidade do Yaathe entre os falantes. Há uma heterogeneidade nos falares da comunidade, provavelmente oriunda do processo sócio-histórico que originou o grupo hoje denominado Fulni-ô. De acordo com a literatura e com a tradição oral, o povo Fulni-ô é o resultado da junção de quatro grupos: Fôla, Brogadas ou Brobadas, Carnijós e Fowkhlasa. Considera-se que esses grupos falavam línguas da mesma família linguística com diferenças muito pequenas entre si. Ainda hoje, os próprios índios falam sobre a existência dessas diferenças no seio de muitas famílias Fulni-ô.

Um outro fator importante de ser mencionado aqui é o tipo de dado que utilizamos na análise primária. Esses dados, conforme já falamos, são do banco de dados do Projeto Documentação da Língua Indígena Brasileira Yaathe (Fulni-ô), em sua maioria espontâneos ou semi-espontâneos. Se isso, por um lado, nos garante uma maior confiabilidade nos dados apresentados, por outro lado, sabemos que dados dessa natureza apresentam ainda mais variação, pois, por serem espontâneos, são influenciados por todas as condições de enunciação às quais somos submetidos na fala descuidada, se é que assim podemos chamar. Um exemplo que podemos citar é mudança de padrão acentual em níveis mais altos do que a palavra e até, em muitos casos, no nível da palavra, dependendo do tipo de estímulo utilizado para elicitação.

Considerando isso, fizemos, sempre que julgamos necessário, diferentes tipos de elicitação, a fim de checarmos nossas hipóteses e análises. Contudo, do mesmo modo que os dados espontâneos, os dados elicitados também apresentam algumas ressalvas, no que diz respeito, por exemplo, a criarmos paradigmas que não são naturais na fala corrente e, por essa razão, a enunciação muitas vezes se torna um tanto quanto artificial.

Criar paradigmas e não dar resultado leva-nos para outros pontos. Por exemplo, quando queremos um sintagma posposicional para confirmar uma hipótese sobre um determinado processo fonológico, não conseguimos obter o dado com a posição esperada; nesse caso, o fato de se conhecer a língua é bastante útil, mas, ainda assim, é preciso um melhor conhecimento sobre a estrutura sintática. Também quando elicitamos o dado, com uma frequência muito alta, a prosódia espontânea é prejudicada, pois os falantes tendem a enunciar a unidade prosódica com uma entonação até certo ponto neutra; o dado espontâneo, por outro lado, é influenciado por fatores diversos, desde o tipo de registro até características idiossincráticas do falante.

De fato, o que estamos colocando aqui são questionamentos advindos das muitas reflexões que tivemos que fazer durante esta investigação. Não significa que os problemas colocados foram insuperáveis. Na verdade, os dois tipos de dados, aliados à intuição, foram de muita importância para alcançarmos os resultados aqui apresentados. No geral, concluímos que os três aspectos se completam e apontam para resultados minimamente satisfatórios.

Um outro problema que gostaríamos de levantar diz respeito à questão teórica. O modelo de base, a Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel (1986), é um modelo que não apresenta procedimentos descritivos, mas se propõe a confirmar seus pressupostos com base em dados já descritos previamente. Como, nesta Tese, o nosso objetivo principal foi definir a Palavra Fonológica em Yaathe, precisamos tomar o modelo como referência, mas buscarmos soluções próprias para alguns dos problemas encontrados.

Um dos pontos positivos da teoria é a noção de hierarquia prosódica porque podemos ver isso de fato acontecendo e observar a interface entre os componentes da gramática, de uma forma moderada, como é proposto pelo modelo, isto é, sem isomorfismo entre eles. Um exemplo disso pode ser visto na definição da palavra gramatical verbo em Yaathe, que, de acordo com Costa (1999), compunha-se de muitos elementos, configurando a língua como polissintética. A análise que realizamos, tendo como base o modelo proposto, apontou para uma maior independência entre esses elementos. Assim, embora possamos dizer que o conjunto de elementos que constituem a expressão verbal possa formar uma unidade morfológica, certamente não podemos dizer o mesmo com relação à unidade fonológica. Os fatores acento e aplicação de processos fonológicos são fortes evidências dessa constituição. O fator pausa só demonstrou ser relevante na delimitação da unidade mais alta na hierarquia, o enunciado fonológico.

Desde que pausas da mesma duração podem ocorrer tanto entre sintagma entonacional quanto entre enunciado fonológico, não parece haver isomorfia entre o constituinte fonológico

e o constituinte sintático no nível mais baixo. Entre esses constituintes ainda há fenômenos que são opcionais, podendo ocorrer ou não, o que nos remete à questão da subjetividade e da heterogeneidade da produção de fala.

Os conceitos da teoria são, na maior parte do tempo, muito subjetivos, ou seja, dependem muito de interpretação. Por isso, o modelo não oferece padrões de descrição, o que nos faz criar mecanismos *ad hoc* para compreender o funcionamento dos fenômenos abordados na língua particular. Então, embora tenhamos a teoria como suporte, a observamos de longe para a organização geral do trabalho. Os dados foram, porém, analisados com o objetivo de se descobrir neles uma organização consistente que levasse à compreensão do problema central, a definição do que constitui uma palavra fonológica em Yaahe. Muitas das decisões tomadas podem não estar de acordo com o modelo, mas foram necessárias para a explicação dos fatos encontrados nos dados.

De modo geral, consideramos os resultados aqui apresentados – conforme resumido nas seções 2, 3 e 4 – satisfatórios, embora tenhamos a consciência de que muito há ainda a ser feito até termos uma descrição mais completa e mais e melhores explicações sobre o aspecto enfocado.

Em último, mas não menos importante, lugar, salientamos a importância deste trabalho para a resolução de problemas relacionados à sistematização da escrita em Yaahe, um tema importante para a comunidade Fulni-ô, agora que sua língua, Yaahe, faz parte do currículo escolar.

REFERÊNCIAS

- ARONOF, M. and FUDERMAN, K. *What is morphology?* Oxford: Blackwell, 2007.
- BARBOSA, A. L. ‘Conversando com um índio Fulni-ô. Notas etnográficas e linguísticas’. *Verbum* (Rio de Janeiro), 1950, 7 (3): 411-26.
- BARBOSA, E. A. *Aspectos fonológicos da língua Yatê*. (Dissertação de Mestrado). Brasília: UnB, 1991.
- BISOL, L. (Org.) *Introdução aos Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 4a. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- BOERSMA, P. e D. WEENIK. *Praat*. www.praat.org, 2007.
- BOOIJ, G. *The grammar of words*. 2ª Edição. New York: Oxford University Press, 2007.
- BOUDIN, M. H. *Singularidades da língua ía-té*. *Verbum* (Rio de Janeiro), 1950, 7 (1):66-73.
- CABRAL, D. F. *Descrição fonética de pitch e intensidade no nível da palavra em Yaathe (Fulni-ô)*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Maceió: UFAL/FALE, 2007.
- CABRAL, D. F. *O acento lexical em Yaathe*. 110 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.
- CAMPOS, C. S. *Os Fulni-ô e suas estratégias de sobrevivência e permanência no território indígena*. Dissertação. (Mestrado em antropologia). Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, 2006. p. 26-27.
- CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In: R. Jacobs and P. Rosenbaum (eds.) *Reading in English Transformational Grammar*, 184-221. Waltham: Ginn, 1970.
- COMRIE, B e N. SMITH. *Lingua Descriptive Studies: Questionnaire (= Lingua 42.1)*. Amsterdam: North-Holland. 72 pp, 1977.
- COSTA, J. e SILVA, F. P. E as “conjunções em Yaathe? Sobre o problema de se atribuir palavras a classes com base em critérios semântico/funcionais. In: LEITE, C. T. e SILVA, J. B. *Línguas no Brasil*. Coleta, análise e descrições de dados. Maceió: Edufal, 2013, p. 101-116.
- COSTA, J. F. *Bilinguismo e atitudes linguísticas interétnicas*. Aspectos do contato Português-Ya:the. (Dissertação de Mestrado). Recife: UFPE, 1993.
- COSTA, J. F. O sistema de marcação de funções sintáticas e papéis semânticos em Yaathe. In *Língua falada e escrita. Reflexões e análises*. Maceió: Edufal 2014. p. 13-16.
- COSTA, J. F. *Ya:thê, a última língua nativa do nordeste do Brasil: aspectos morfofonológicos e morfossintáticos*. (Tese de Doutorado). Recife: UFPE, 1999.
- CRUTTENDEN, A. *Intonation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- DANTAS, M. A. *Dinâmicas Sociais e Estratégias indígenas: disputas e alianças no Aldeamento do Ipanema em Águas Belas*. Dissertação. (Mestrado). Universidade Federal Fluminense. Niterói - RJ, 2010. p. 50. p. 24.
- DIAS, C. S. *O comportamento do traço nasal em Yaathe, língua indígena brasileira*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Maceió: UFAL/FALE, 2014.
- DIXON, R. M. W. *Basic linguistic theory*. Grammatical topics. V. 3. Oxford: Oxford University Press, 2010.

- DIXON, R. M. W. *Basic linguistics theory*. V. 1. Methodology. Oxford/New York: Oxford University Press, 2010a.
- DIXON, R. M. W. *Basic linguistics theory*. V. 2. Grammatical topics. Oxford/New York: Oxford University Press, 2010b.
- DIXON, R. M. W. e AIKHENVALD, A. Y. (Eds.). *Word. A Cross-Linguistic Typology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- DWYER, A. M. Ethics and Practicalities for Cooperative Fieldwork Analysis. In Himmelmann, Nikolaus P. E Mosel, Ulrike. *Essentials of Language Documentation*. Berlin/Nova Yorque: Mouton, 2006.
- EWEN, C. J. e van der HULST, H. *The phonological structure oáf word*. An introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- FINEGAN, E. *Language: It's structure and use*. New York: Harcourt Brace, 1994.
- FOLEY, W. *Anthropological linguistics: na introduction*. Oxford: Blackwell, 1997.
- FOX, A. *Prosodic features and prosodic structures*. The phonology of suprasegmentals. Oxford: Oxford University Press, 2000. Cap. 6, pp. 330-365.
- FRAWLEY, W. *Linguistic semantics*. Hillsdale/New Jersey/Hove and London: Lawrence Erlbaum, 1992.
- FULNI-Ô, F. Os marcadores de funções sintáticas em Yaathe: afixação, clítico ou palavra. In *Língua falada e escrita. Reflexões e análises*. Maceió: Edufal 2014. p. 21-24.
- GOLDSMITH, J. (ed.) *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell, 1995.
- GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental phonology*. Massachussets: The Massachussets Institute of Technology, 1976.
- GOLDSMITH, J. A. *Autossegmental and metrical phonology*. Oxford: Basil & Blackwell, 1990.
- GUSSENHOVEN, C. e JACOBS, H. *Understanding phonology*. Londres: Arnold, 1998.
- HAYES, B. Iambic and trochaic rhythm in stress rules. In M. Niepokuj et al., eds., *Proceedings of the Eleventh Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 1985. P. 429-446.
- HAYES, B. *Introductory Phonology*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2009.
- HASPELMATH, M. Comparative concepts and descriptive categories in crosslinguistic studies. *Language*, Volume 86, Number 3, September 2010, pp. 663-687 (Article), disponível em http://scholar.google.com.br/scholar?q=haspelmath+comparative&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5, acesso em 03/11/2014, às 08:51.
- HASPELMATH, MARTIN; MATTHEW S. DRYER; DAVID GIL; and BERNARD COMRIE (eds.). *The world atlas of language structures*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- HEALEY, A. (ed.) *Language learner's field guide*. Ukarumpa, EHD, Papua New Guinea: Summer Institute of Linguistics Printing Department, 1975.
- HELLWIG, B. e D. van UYTVANCK. *Manual do EUDICO Linguistic Annotator (ELAN)*. <http://www.lat-mpi.eu/tools/elan/>, 2007.

- HIMMELMANN, N. P.; MOSEL, U. *Essentials of language documentation*. Berlim/Nova York: Mouton, 2006.
- HINTON, L. Language revitalization: an overview. In HINTON, Leanne and Hale, Kenneth Locke Hale. (Eds.). *The green book of language revitalization in practice*. Academic Press, 2001.
- JACOBSON, P. Constituent structure. In BROWN, K. e MILLER, J. *Concise encyclopedia of grammatical categories*. Oxford: Elsevier, 1999. P. 93-106
- LADEFOGED, P. *Elements of acoustic phonetics*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.
- LAPENDA, G. *Estrutura da língua Yatê, falada pelos índios Fulni-ôs em Pernambuco*. Recife: UFPE, Imprensa Universitária, 1968.
- LIBERMAN, M. e PRINCE, A. S. *On stress and linguistic rhythm*. *Linguistic Inquiry* 8. 1977, p. 249-336.
- LIBERMAN, M. *The intonational system of English*. (Dissertação de Mestrado). Massachussets Instituto of Technology, 1985.
- LONGHIN-THOMAZI, S. R. Considerações sobre gramaticalização de conjunções na história do Português. *Anais do 6º Encontro Celsul - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*. Disponível em www.celsul.org.br/Encontros/06/Individuais/60.pdf. Acesso em 10/08/2013.
- MELAND, D. e MELAND, D. *Word and morpheme list of the Fulni-ô Indian language*. Dallas, Texas: Summer Institute os Linguistics, 1968.
- MELAND, D. e MELAND D. Fulni-ô (Yahthe) phonology statement. *Arquivo lingüístico n. 025*. Brasília, D. F: Summer Institute os Linguistics, 1967.
- MELAND, D. Fulni-ô grammar. *Arquivo lingüístico n. 026*. Brasília, D. F: Summer Institute os Linguistics, 1968.
- MELO, J. A. *Gênero gramatical em Yaahe*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Maceió: UFAL/FALE, 2010.
- MELO, Mário. Os Carnijós de Águas Belas. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo: Museu Paulista, 1929.
- NESPOR, M. E VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.
- NEWMAN, P. E RATLIFF, M. (Eds.). *Linguistic Fieldwork*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- NWO Advisory Committee on Endangered Language Research. *Endangered language research in the Netherlands*. Amsterdam: 2000.
- OLIVEIRA, M., COSTA, J. F. e FULNI-Ô, F. Ética em documentação de línguas. In: FRANCISCO, D. J. e SANTANA, L. *Problematizações éticas em pesquisa*. Maceió: Edufal, 2014, p. 103-124.
- PAYNE, T. E. *Describing morphosyntax*. A guide for field linguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- PIKE, K. L. *Phonemics*. A technique for reducing language to writing. Michigan: Ann Harbor, 1947.
- PINTO, E. *Etnologia Brasileira Fulni-ô: os últimos Tapuias*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. p. 64;67.

POVO FULNI-Ô. Disponível em: <<http://www.socioambiental.org/pt/povo/fulni-o/>>. Acesso em: 9 set. 2012.

QUIRINO, E. G. *Memória e Cultura: Fulni-ô afirmando a identidade étnica*. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Natal, 2006. p. 33;53.

RODRIGUES, A. D. 1886. *Línguas brasileiras*. Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola.

SÁ, A. C. *Dicionário de iatê: iatê-português*. Águas Belas: s/e, 2000.

SÁ, B. F. et al. História e memória do povo Fulni-ô: a afirmação da nossa identidade. In: ATAÍDE, C. e GOMES, V. *Anais do II Simpósio Internacional do Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Linguagem*. Vol. 2. Recife: UFPE, 2012, p. 35-38.

SAKEL, J. E EVERETT, D. L. *Linguistic Fieldwork*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

SILVA, F. *A sílaba em Yaathe*. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011.

SILVA, F. P. *Revisão da fonologia do Yaathe para uma proposta de uniformização da escrita na língua*. (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação). Maceió: UFAL, 2008.

SOUSA, M. S. *Marcação fonética do acento em duas classes de palavras da língua indígena brasileira Yaathe: nome e verbo*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Maceió: UFAL/FALE, 2014.

SWADESH, M. Towards greater accuracy in lexicostatistic dating. *International Journal of American Linguistics*, 21, 121–137, 1955.

TELLES, S. e WETZELS, L. Evidentiality and epistemic mood in Lakondê. Disponível em: <http://lotos.library.uu.nl/publish/articles/000163/bookpart.pdf>, acesso em 31/10/2014, 05:56, 2008.

TRASK, R. L. *Language and linguistics. The key concepts*. 2ª Edição. In: STOCKWELL, P. (Ed.). New York: Routledge, 2007.

TRASK, R. L. Parts of speech. In: Keith Brown e Jim Miller (Eds.). *Concise encyclopedia of grammatical categories*. Oxford: Elsevier, 1999.

VAUX, B.; COOPER, J. E TUCKER, E. *Linguistic field methods*. Eugene/Oregon: Wipf & Stock, 2007.

WELKER, H. A. *Dicionários - uma pequena introdução à lexicografia*. 2 ed. revista e ampliada. Brasília: Thesaurus, 2004.